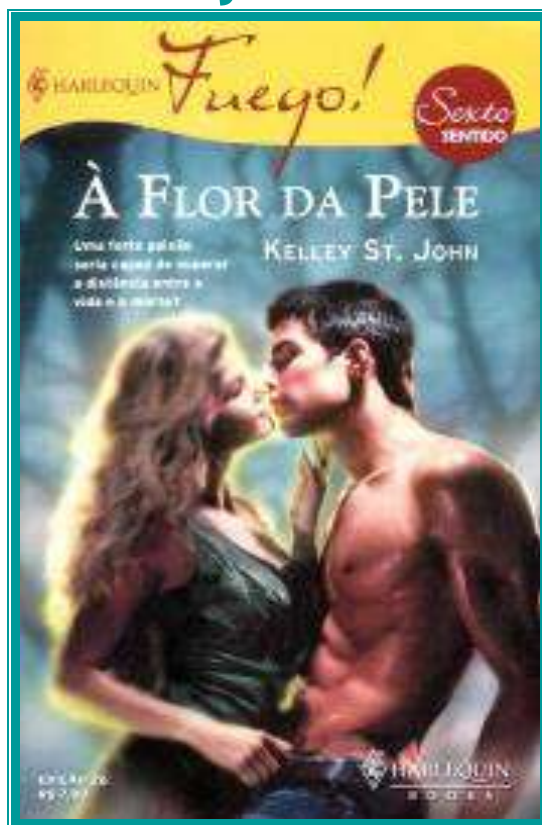


A Flor da Pele

SHIVER AND SPICE

Kelley St. John



Minissérie Sexto Sentido 03

Sua alma está em algum lugar entre o presente e a eternidade...

O paranormal Dax Vicknair desejava Celeste Beauchamp desesperadamente! Porém, apesar da intensa ligação entre ambos, ele sabia que não havia esperança. Mesmo assim, se tornava cada vez mais impossível resistir à vontade de tê-la consigo... para sempre.

Celeste esperou por um amor como o de Dax durante toda a vida. E agora, nada, nem mesmo a morte, a impedirá de estar perto dele... pelo tempo que quiser.

No entanto, mesmo dispostos a superar a distância que os separa, o tempo em que se amam não lhes pertence, e pode lhes custar o futuro...

Digitalização: **Simone R.**

Revisão: **Grasi**

Projeto
Pr
Revisoras



Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs. Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida. Cultura: um bem universal.

Sobre a autora:

A experiência prévia de Kelley St. John como escritora técnica na Nasa alimentou seu interesse em escrever suspenses cheios de ação, ainda que ela tenha um fraco por romances ardentes e histórias de mulheres complicadas. Desde 2000, Kelley recebeu mais de 50 prêmios por seus livros e foi eleita para a diretoria da Romance Writers of America. Visite o site: www.kelleystjohn.com.

Querida leitora,

Eu sempre adorei histórias de fantasma. Por isso, estou adorando escrever esta série, *O Sexto Sentido*, sobre primos que possuem poderes para ajudar fantasmas perdidos a encontrar seus caminhos.

Você se lembra de que Dax Vicknair encontrou a mulher de seus sonhos na história de Monique, Paraíso. Infelizmente, ela é um fantasma. E mais que isso: Dax acredita que ela já tenha seguido para o outro lado.

Mas as coisas não são como parecem, especialmente no que depender de Adeline Vicknair, matriarca da família. E, quando ela põe algo na cabeça, coisas fantásticas de todo tipo acontecem, principalmente com seus netos e suas almas gêmeas.

Espero que você goste da história de Dax e de todas as outras de *O Sexto Sentido*. Por favor, visite meu site: www.kelleystjohn.com, para saber das novidades e me mandar um recado. Eu adoro receber mensagens das leitoras!

Divirta-se!

Kelley St. John

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./
S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou
a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SHIVER AND SPICE

Copyright © 2007 by Kelley St. John

Originalmente publicado em 2007 por Harlequin Blaze

Projeto gráfico de capa: núcleo i designers associados

Arte-final de capa: núcleo designers associados

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

Celeste Beauchamp estava novamente no meio-termo. Onde ficava esse lugar, esse quarto escuro no qual se transformara sua existência? E que direção ela deveria seguir para sair?

Ela parou e observou o ambiente ao seu redor. Uma porta à sua esquerda levava para um caminho pelo qual já passara e gostaria de viajar outra vez. Um caminho que levava a ele. Mas esta porta estava fechada. Outra porta à sua direita estava aberta, como de costume, mas ela não conseguia lembrar para onde levava. E no meio, bem em frente a ela, a parede inteira parecia regular e completa, mas Celeste sabia que naquele meio também havia uma porta.

Esta porta só era visível quando vinha a luz.

Ela levantou a mão e a inspecionou, resplandecendo ligeiramente. Seus cabelos também brilhavam, bem como o resto de seu corpo. Com aquela porta central bem fechada, ela era a única fonte de luz do lugar.

Ela estava morta? Sim, achava que sim, pois sonho nenhum seria assim tão vivido. Mas, se ela estava morta, então por que não seguia em direção ao seu destino final?

Vozes fracas lhe chamando pelo nome a fizeram pegar a direção do caminho da direita. Pronto e aberto, o caminho era de fácil acesso. Ela já estivera lá antes, lembrava-se disso. Mas jamais ficara por lá muito tempo. Sempre voltava para cá, para aquele ponto de meio-termo, pois este era o caminho para ele.

Ouviu-se um suave estalo, e uma piscada de luz, como uma estrela abrindo caminho em meio a uma nuvem de tempestade, perfurou a parede do meio e fez Celeste retornar. A luz cresceu um tiquinho, depois um pouco mais, até a abertura ficar do tamanho de uma moeda. Comparada à escuridão ao redor, a radiância era belíssima, e Celeste sentiu uma súbita vontade de tocá-la. Deu um passo em direção à luz e então as vozes à sua direita gritaram e ela parou.

Passos rápidos subitamente ecoaram nos confins do recinto, e então uma menininha apareceu do nada em pleno ar rarefeito e correu em direção à luz. Com certeza era um fantasma; primeiro ela emitiu um brilho fraco e então seu corpo — ou melhor, seu corpo inteiro — absorveu a luz até que Celeste teve de proteger os olhos do brilho da menina. Ela tinha dois rabos de cavalo de cabelos lisos e castanhos que culminavam em laços rosa-choque combinando com o adorno de seu vestido amarelo.

— É isso! — Ela juntou as mãos até que a luz aumentou e a abertura ficou do tamanho de uma porta que iluminou o recinto por completo. — Vou entrar. Diga à minha irmã, Prissy, que me siga. Ela está vindo. Diga a ela onde estou, está bem?

— Prissy? — Celeste perguntou, mas a garota estava concentrada demais

na luz para ouvir.

— Vovó está lá dentro. Ela está me esperando. Vovó, estou indo! Uau, estou sentindo cheiro de biscoitos. Cereais com chocolate, meu prato favorito! — Ela deu mais um passo e imergiu na luz brilhante.

— Espere! — Celeste gritou ao mesmo tempo em que a parede absorveu a luz e a garota. Deu um passo à frente e pôs a palma da mão onde estivera a luz. Sentiu a pedra fria e lisa. Ela já tinha visto aquele portal de luz antes, logo após o acidente, mas também daquela vez não entrara. Daquela vez, outro jovem fantasma a impedira de fazer a passagem. A garota, Chloe, precisava de ajuda para fazer a passagem e Celeste não quisera deixá-la para trás, portanto ignorou a luz que lhe chamava e ajudou a menina a encontrar seu caminho.

Esta fora a única vez em que o caminho à esquerda se abria e Celeste conhecera Dax.

Dax. Enquanto ela ficasse ali, naquele estranho local nem lá nem cá, poderia se lembrar dele, pensar nele, desejá-lo. Dava para ela ver aqueles olhos castanho-claros que lhe tocaram a alma, a boca sexy que sempre parecia prestes a sorrir, aqueles cabelos castanhos ondulados que emolduravam o rosto sincero e gentil, mas com um toque de traquinagem que fazia latejar o corpo inteirinho de Celeste.

Eles não falaram sobre isso antes, sobre aquela química impressionante que zunia entre os dois, pois esperavam que ela tivesse feito a passagem com Chloe. Ademais, ele estava no mundo dos vivos e ela... não estava.

Mas ela não fizera a travessia com Chloe e ainda não sabia direito o porquê disso. Em vez de entrar na luz, afundou no caminho em direção às vozes, mas isso era tudo o que ela se lembrava. E em diversas ocasiões acabara voltando para aquele recinto intermediário na esperança de ver Dax outra vez, ou de finalmente entrar na luz.

Nenhuma das duas coisas acontecera.

Antes, ela não tentara começar um relacionamento com Dax e nem sequer dissera a ele o que sentia. Por que começar algo que não poderiam terminar? Mas agora se dava conta de que esta poderia ser sua última chance de realmente estar com um homem, estar com Dax. E ela estragara tudo.

Ela queria ter outra chance.

Celeste não tivera muita experiência com homens quando era viva; tivera apenas um relacionamento que consistira basicamente em dois adolescentes descobrindo as próprias emoções. Ela sempre ansiara pelo dia em que experimentaria o tipo de intimidade de que ouvira falar, aquela de "tremar o chão". Ela com certeza jamais passara por isso, mas sem dúvida pensava muito nessas coisas ao se encontrar naquele lugar. E toda vez que pensava nisso, pensava em um homem... Dax.

Ela queria esquecer aquelas vozes à direita, esquecer aquela luz no meio e

seguir para a esquerda — para Dax. Olhou para a rachadura na parede que identificava a porta fechada para o mundo dele, onde ele podia mostrar-lhe tudo que ela jamais soubera sobre o desejo entre um homem e uma mulher. Queria ter aquilo, queria provar daquele prazer, ao menos uma vez. Seria pedir demais antes de seguir rumo à luz?

— Eu o quero — ela sussurrou.

Um rangido ruidoso penetrou o silêncio e a entrada fechada à sua esquerda se abriu. Uma mulher idosa de cabelos prateados brilhantes ao redor dos ombros se debruçou para fora da escuridão e chamou-a com seu dedo elegante.

— Venha, chère. Você não pode ficar tanto tempo quanto da outra vez. — Ela deu uma espiada no outro caminho, o das vozes, e balançou a cabeça em desaprovação. — Por que você não foi até eles mais vezes, chère! Você está fraca por não ter ido.

Celeste olhou para o corredor escurecido. Por que ela devia ter ficado naquele caminho? Lá ela não teria o que queria. Aquele caminho não levava a Dax.

— Quisera eu ser mais forte, chère, mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso agora. — Ela parou e franziu o cenho. — Mesmo assim, posso lhe deixar passar, mas você precisa tomar cuidado. É preciso prestar atenção ao seu estado enfraquecido.

— A senhora pode me levar a Dax? — Celeste perguntou, aproximando-se às pressas daquela mulher de olhos negros como piche e cabelos branco-prata.

— Eu, não. Prissy precisa de sua ajuda. Ela está com medo. E as forças superiores estão dando permissão para que você a ajude, assim como já ajudou Chloe, para que ela não fique com medo. Ela vai lhe levar a Dax.

— Quanto tempo? — Celeste perguntou, ansiosa para vê-lo, mas querendo saber quais eram suas limitações. — Quanto tempo posso ficar?

— Isso depende, chère. Você vai ficar mais fraca quanto mais estiver deste lado, e a cada interação com alguém que esteja vivo você vai enfraquecer ainda mais. Você podia ter ficado tão mais forte. Você está aqui faz dois meses, mas não descansou o quanto devia. Você devia ter deixado que a ajudassem a ficar mais forte em vez de combatê-los e ficar aqui, no limbo. — Ela olhou novamente para o caminho das vozes e retorceu os lábios. — Meu palpite, chère, é de doze horas no máximo, mas mais provavelmente seis. Tudo vai depender de quanta força seu espírito gastará na viagem e do quanto você vai interagir com os vivos.

— Interagir — Celeste repetiu, então se lembrou da regra básica para médiuns e espíritos. — Mas não podemos nos tocar.

— Um médium não pode tocar um espírito — sussurrou a outra, como se temesse que alguém estivesse ouvindo. — Mas não existe regra dizendo que você não pode tocar, chère.

Celeste engoliu em seco com o impacto das palavras daquela mulher.

- Eu posso tocá-lo.
 - Venha, chère. Prissy precisa de você, e meu neto também.
 - Seu neto?
 - Dax. Ele precisa de você.
- E isso bastou para que Celeste a acompanhasse sem perguntar mais nada.

CAPÍTULO UM

Dax Vicknair estava levando da fazenda outra caixa pesada alinhando-a com as outras que tomavam quase todo o caminhão de seu cunhado. Ryan Chappelle, o cunhado em questão, limitou-se a balançar a cabeça e sorrir.

— Quantas mais ela tem lá dentro... — Ele parou de falar e correu para a varanda onde Monique tentava descer as escadas carregando uma caixa que tinha duas vezes o seu tamanho. — Essa mulher ainda me mata — Ryan reclamou ao pegar a caixa pesada.

— Você já morreu uma vez — Dax o fez lembrar, e voltou-se para Monique. — Desta vez é melhor você pegar leve com ele, irmã. Ele não está pronto para encarar a luz outra vez.

Monique soltou a caixa nas mãos do marido. Ela enxugou a testa molhada com a palma da mão, afastando do rosto os grossos cachos louros.

— Ele não quer que eu facilite para ele em nada — disse ela. — Não é verdade, meu bem? Ele gosta que eu pegue pesado, e é o que eu faço.

O sorriso de Ryan deu a entender mais do que qualquer palavra teria conseguido, e Dax não estava mesmo interessado em ouvir nada.

— Informação demais — Dax resmungou, voltando para pegar mais uma caixa. Ele parou por um instante ao ouvir um eco de risada lhe invadindo os pensamentos, uma risada de garotinha. Já ouvira aquilo algumas vezes naquele dia e sabia o que significava: um fantasma estava a caminho. Provavelmente antes do fim do dia ele teria um jovem espírito para ajudar. Mais um para ele ajudar, mas ninguém do outro lado se dispunha a ajudá-lo.

Ele franziu a testa. Claro que ele estava furioso com as forças superiores, pois achava que eles não entendiam que ele estava de coração partido por causa de uma fantasma que se fora, mas a culpa não era da menininha que o visitaria dentro em breve. Em nome dela ele precisava forçar um sorriso e fingir que estava tudo bem. Ela já morrera jovem; não precisava ter de encarar um médium

mal-humorado. Então Dax tinha de se animar antes que ela chegasse. No momento, contudo, ele chafurdava na inveja por todo o amor que o cercava graças a Monique e Ryan.

Na verdade ele não estava incomodado por sua irmã estar tão feliz no casamento, nem por ela estar se mudando da fazenda para uma casa em Ormond, perto do seu salão de beleza e do serviço de Ryan, que trabalhava com reforma e construção de telhados; ele estava incomodado por querer um pouquinho de felicidade também.

Por outro lado, seu mau humor pelo jeito não refreava os espíritos por lá. Monique e Ryan estavam em pleno clima de recém-casados, pois fazia apenas um mês que se casaram em Las Vegas, e Gage, irmão mais velho de Dax, ficara noivo fazia pouco tempo e vivia aos sorrisos ao lado de sua Kayla. Ou seja, eles estavam felizes demais para um sujeito que estava de péssimo humor. A infelicidade realmente adora ter companhia, e até agora Dax não havia encontrado ninguém tão...

— Escute, se vocês não precisam mais do Dax, eu estou precisando de ajuda, e estou falando do cérebro dele, não dos músculos — disse Nanette da porta da frente. Estava de braços cruzados sobre o peito, um dos pés batendo na soleira com impaciência e sobrancelhas unidas em uma expressão ameaçadora. Vestindo blusa e calça colante pretas, ela mais parecia uma guarda penitenciária esperando que ele entrasse em sua cela.

Dax sorriu. Que Nan novamente baixasse a atmosfera a este nível, então. Nanette vivia sempre meio atacada. Ela tentava agir como se fosse assim mesmo, mas Dax a conhecia bem. Ela estava morrendo de medo de que a família Vicknair perdesse sua amada fazenda e talvez assim eles perdessem a capacidade de ajudar os espíritos, o que ela considerava parte do "legado dos Vicknair". A casa fora muito abalada pelo furacão Katrina, e o presidente da paróquia, Charles Roussel, andava tentando colocar o imóvel no topo da lista de casas a serem demolidas. Até agora estavam conseguindo rechaçá-lo.

No momento, contudo, o problema não era Charles Roussel e a agência local. Não, o problema é que, na tentativa de suplantar totalmente a autoridade de Roussel, Nanette resolvera tentar acrescentar a fazenda ao Registro Nacional de Lugares Históricos.

Isso envolvia milhares de etapas, mas Nanette achava que os potenciais resultados faziam valer a pena. Dax achava o mesmo; ele só não sabia bem que tipo de chance eles teriam.

A bem da verdade, ele concordava com Nan de que os dois pareciam se importar mais em salvar a casa que os outros primos da família Vicknair. Talvez por ela ser a mais velha de todos e ele o mais novo dos homens; ela se sentia responsável por manter o legado dos Vicknair, e ele era o último a carregar o sobrenome. Ou talvez porque eles eram os únicos dois primos que ainda moravam

na fazenda. Apesar de Nanette ter dito que ela acreditava que eles teriam mais chance de salvar o imóvel se todos estivessem morando lá, os outros não achavam isso necessário e seguiram seus caminhos de maneira independente.

Jenee, a única dentre os primos que era mais nova que Dax, oficialmente dizia morar na fazenda, mas raramente estava lá nos últimos tempos. Ao ajudar a reformar o Abrigo Sete Irmãs em Chalmette, adquirira o hábito de ficar lá o tempo todo e só voltava à fazenda para o tradicional trabalho dos sábados. Então, basicamente, enquanto os demais primos estavam vivendo suas vidas como de costume, sobrou para Nan e Dax salvar o lar da família.

Todos os outros trabalhavam para valer uma vez por semana, mas quem tinha de operar um milagre para o Registro Histórico Nacional eram Dax e Nanette. Se eles conseguissem que a fazenda fosse reconhecida como de interesse histórico, Roussel não poderia requerer sua demolição, o que, obviamente, era o objetivo. O problema era que Nanette também aprendera que a casa teria muito mais chances de entrar na lista se tivesse sido habitada durante a Guerra Civil.

Até agora nem Nanette nem ninguém que morava na paróquia de St. Charles possuía qualquer prova de que a fazenda Vicknair tivesse sido habitada durante a Guerra Civil. Na verdade, tudo indicava que a família inteira tinha partido para lutar na guerra. Não havia sequer qualquer referência quanto a mulheres e crianças morarem lá nos documentos do arquivo da paróquia.

Mas Nanette não acreditava que a família inteira tivesse partido — quem teria dado conta dos espíritos se todos partissem? Não que ela pudesse dizer às autoridades que era esta a razão de sua dúvida — e ela esperava que Dax, conhecido por seu fascínio em dar jeito nas coisas, a ajudasse a provar que sim.

Dax sempre tivera um fraco por juntar peças de quebra-cabeças. Quando mais novo, costumava usar esta habilidade em palavras cruzadas e Sudoku. Agora que tinha mais idade, seus desafios básicos tinham a ver com descobrir qual o melhor remédio para seus jovens pacientes da pediatria. Mas, a despeito de seu talento para resolver quebra-cabeças, ele não conseguira descobrir a resposta referente à fazenda Vicknair e onde a família estava durante a Guerra Civil... ainda.

— Não achei coisa nenhuma na internet sobre os Vicknair morarem aqui na época. E já conferi tudo no palácio do governo — disse ele, seguindo-a pela porta giratória que levava à cozinha. — Vamos ter de procurar em outra parte para encontrar as respostas.

— Eu sei, mas não faço idéia de onde procurar. Tem de haver alguma informação que não estejamos alcançando — disse ela, pegando uma garrafa térmica verde debaixo da pia. Ela tirou a tampa e virou todo o café que estava na cafeteira para dentro da garrafa térmica. Dax franziu a testa.

— Vai a algum lugar? — Eles costumavam buscar informações juntos.

— Tenho uma conferência de pais e educadores hoje à noite. Não sei quanto tempo vai levar, pois eles têm mais formandos do nono grau este ano do que jamais aconteceu antes, e a maioria deles considera que o primeiro trabalho que lhes passei extrapola o escopo do nono grau em história.

— Que trabalho?

— Pedi que escrevessem sobre as linhagens de suas famílias — ela disse. — Especialmente sobre as origens arcadianas, caso as tenham.

— Se quer saber, aposto que nenhum de seus alunos sabe coisa alguma sobre nossos ancestrais morarem nesse lugar durante a Guerra Civil.

— Não é essa a razão pela qual eu... — Ela revirou os olhos. — Ah, tudo bem, nosso atual dilema me fez desejar que tivéssemos melhores registros de nossa história de família, e resolvi ajudá-los a descobrir suas próprias histórias também. — Ela deu de ombros. — Não há nada de errado com isso.

— Pobres crianças. — Ele sentou-se pesadamente em uma cadeira à mesa. — E você precisa de uma garrafa inteira de café?

Ela bufou e pegou uma xícara de cerâmica do escorredor de pratos e encheu com café da garrafa térmica.

— Como você está me ajudando, vou abrir mão de uma xícara. E também porque você tem sido literalmente um porre. — Ela hesitou e então acrescentou: — Escute, sei que foi duro quando ela fez a passagem, mas ficar ressentido não vai ajudar em nada. Mas descobrir se havia alguém nessa casa durante a Guerra Civil pode ajudar bastante.

— Certo, vou morder a isca. Como isso pode me ajudar?

— Nós dois sabemos que os Vicknair não teriam deixado isso aqui vazio. E você sabe que pode descobrir quem estava aqui. Ainda não conheci um enigma que você não fosse capaz de decifrar.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Certo, mas o que isso tem a ver com me ajudar a lidar com a situação pela qual estou passando?

— Sabe, para alguém tão esperto, às vezes você deixa um pouco a desejar. — Ela bebeu um gole direto da garrafa e tampou-a novamente. — Estou lhe mantendo ocupado, e quando você está ocupado não fica pensando no assunto.

— Você quer dizer pensando nela — ele corrigiu. — Você quer dizer que não fico pensando nela. E você errou. Eu fico, sim, pensando nela. — Ele respirou fundo e soltou o ar.

— Mas?

Dax fez que não com a cabeça.

— Droga, você tem razão, em parte. Trabalhar nessa casa tem mantido minha mente longe dessa situação, até certo ponto. — Ele levantou os olhos em direção a Nan, que estava encostada no balcão com a garrafa debaixo de um dos braços.

— Mas minha mente jamais se desliga totalmente disso, Celeste.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Você quer dizer Nanette.

— Isso.

— Ao menos você me chamou do nome de uma pessoa de quem eu sei que você gosta. — Ela riu, mas Dax não. Como ele poderia passar o resto da vida sem ver Celeste outra vez? Droga, e ele nem dissera a ela o que sentia.

— Dax?

— Sim.

— Eu realmente gostaria que você me ajudasse com isso.

— Eu sei, e aprecio sua motivação para me manter ocupado. Mas ainda acho que isso não deve ser algo para duas pessoas. Essa herança é deles também, sabe disso.

Dax sabia que ele e Nanette eram os mais indicados para descobrir a informação da qual precisavam; mas ele simplesmente estava com vontade de reclamar dos outros primos. Era uma forma de quebrar sua depressão.

— Monique e Ryan estão montando a casa nova e Ryan está abrindo uma empresa de construção e reforma de telhados, de modo que estão ocupados. Tristan está trabalhando no corpo de bombeiros. Jenee se divide entre as aulas da faculdade e o Abrigo Sete Irmãs, não tem tempo de ajudar. E...

— E?

— É seu problema de verdade não é com eles. Você tem de superar esse assunto, ou seja, ela, por si mesmo. Procure voltar a mente para outra coisa. Claro que ajudar a descobrir a história da nossa casa vai ajudar, mas por que você também não sai um pouco? Antes desse verão você vivia saindo com pessoas diferentes. Você não saiu com mulher nenhuma desde então, não é?

— Onde você quer chegar com isso?

— Metade das mulheres da paróquia seriam capazes de sair com você num estalar de dedos e você fica aí sozinho, se lamuriando por causa de uma mulher que jamais poderá ser sua. Acho que já passou da hora de você sair dessa.

— Tomara que você seja mais jeitosa com seus alunos. — Ele tomou um bom gole de café e apreciou o forte sabor em sua língua.

— Nada disso, eu ponho todos os pingos nos is. — Ela sorriu e Dax não pôde deixar de retribuir. Nanette era dona de um daqueles sorrisos matadores que o faziam se sentir muito melhor, mesmo que ele não estivesse com clima para se sentir muito melhor no momento.

Ele tomou mais um gole de café e já sentiu a cafeína o deixando mais animado.

— Sabe, você podia sair esta noite e procurar por informações mais tarde — ela disse. — Tem umas duas professoras da escola que me perguntaram se você ainda está dispo...

Dax levantou a mão. Ele não queria que lhe arrumassem ninguém, menos ainda em se tratando de colegas de trabalho de Nanette. Seria fácil demais para ela ficar sabendo dos detalhes sórdidos, e ele não estava querendo virar assunto da sala de professoras da escola. Além disso, ele podia sair com uma mulher diferente por noite que não resolveria seu problema. Ele estava precisando de uma boa noite de sexo quente, selvagem e sem barreiras, mas não queria que isso fosse com ninguém a não ser Celeste. E ele sequer jamais a tocara. Mas com certeza sonhara em tocá-la e em fazer um monte de outras coisas com ela também. Como podia continuar procurando por mulheres vivas enquanto se sentia tão ligado a uma fantasma que já havia completado a passagem?

— Se quer saber — ele disse —, tenho um espírito a caminho, de modo que provavelmente não precisaria sair esta noite, e não tenho certeza de quanto tempo terei para pesquisar os Vicknair da época da Guerra Civil.

Pronto, quem sabe assim Nanette largaria de seu pé. Como eleja suspeitava, falar de um fantasma que estava a caminho lhe chamou a atenção.

— Tem um espírito chegando para você? Menino ou menina?

Apesar de eles jamais terem se especializado oficialmente em determinados espíritos, cada Vicknair acabava sempre recebendo o mesmo tipo de visitante fantasmal. Dax, por exemplo, sempre ajudava crianças a fazer a passagem. Desta vez não foi exceção. As risadas suaves que ele ouvira o dia inteiro confirmavam que uma garotinha estava a caminho.

— Menina.

— Faz três meses que não recebo uma missão — disse Nan com evidente frustração.

— Quem sabe vovó Adeline está lhe dando um descanso até o ano letivo se estabilizar. O começo do ano é sempre mais difícil para você, não é? E quando você está começando a conhecer os alunos novos e tudo o mais — ele disse.

Nanette tinha a tendência a se preocupar mais do que os demais primos quando ficava muito tempo sem ser solicitada para ajudar algum espírito a fazer a passagem. Dax suspeitava que ela na verdade julgava seu valor pela quantidade de visitas que recebia de fantasmas em dificuldades. Por estranho que pareça, ficava mais feliz quando recebia visita de algum fantasma em apuros. Não que ela gostasse de saber que um fantasma estava tendo dificuldades, era só que gostava de ajudar. Era seu jeito de ser, e provavelmente era por essa razão que ela resolvera se tornar professora.

— Quem sabe — ela disse, ainda franzindo a testa.

— Bem, de qualquer forma, uma garotinha está chegando para mim, então vou pesquisar na internet enquanto ela não se aproxima, mas, quando chegar, vou precisar passar meu tempo com ela.

— É claro. — Nanette pegou sua garrafa térmica e olhou para o relógio. — Os fantasmas sempre estão em primeiro lugar, e talvez eu arrume outro em

breve.

Dax assentiu com a cabeça, ciente de que Nanette ficaria entusiasmada se tivesse de diminuir a reunião de professores e pais de alunos para ajudar um espírito. Mas se ela não ouviu nenhum trovão hoje, seu sinal de que havia espíritos a caminho, provavelmente não aconteceria tão cedo.

Ele segurou sua caneca quando ela começou a passar e ela parou e bebeu do café na xícara dele. Então começaram a rir alto, e ele fechou os olhos ao ouvir sua menininha.

— Seu fantasma? — Nanette perguntou.

— É.

— Você devia conferir se já tem alguma carta — disse ela, referindo-se aos bilhetes em papel cor de lavanda que sua avó mandava do outro lado para informar-lhes de sua tarefa mediúnica. Os envelopes eram sempre deixados no mesmo lugar, no jogo de chá de prata na sala de estar, e através desse bilhete Dax ficaria sabendo a identidade e o requerimento para que o fantasma fizesse a passagem.

— Vá — Nanette ordenou. — Não se preocupe em procurar informações agora. Se tiver tempo mais tarde, então poderá tentar encontrar alguma coisa.

A risada ficou mais alta e ele se levantou.

— Acho que você está certa. — Ele terminou sua xícara de café e a pôs na pia. — Talvez a carta já esteja lá.

Nanette se aproximou e o abraçou, e o rosto dele subitamente se afundou nos cabelos grossos e negros dela.

— Quando eu voltar, você me conta tudo sobre ela — disse Nanette, e então se virou e saiu pela porta dos fundos.

Dax observou-a entrar em seu velho Câmara vermelho e sorriu. Os Vicknair podiam não ter muito dinheiro, mas, apesar de não dirigirem os últimos modelos de carro, dirigiam os mais legais. Ou, no caso de Nan, os mais rápidos.

Ele ficou olhando enquanto ela dava a partida e deixava para trás uma nuvem de poeira, e então olhou para o céu. Estava escurecendo e ele esperava que seu fantasma aparecesse logo. Sempre teve um fraco por crianças, vivas ou não.

Dax saiu da cozinha e subiu a escada para esperar na sala de estar de tons rosados. Não tinha envelope nenhum no jogo de chá, mas mal Dax entrou no quarto e uma carta de cor lavanda nele se materializou.

— Momento perfeito — disse ele, e se aproximou para verificar que o nome que estava escrito no envelope com a caligrafia rebuscada de sua avó era o dele mesmo.

Dax.

O aroma favorito de Adeline Vicknair, magnólia, emanava do papel. Dax se sentou no sofá de veludo vermelho e pegou o envelope, e as risadas em sua cabeça pararam imediatamente. Ele abriu e tirou as costumeiras três folhas de

papel que continham a missão do médium. A primeira, em rosa-claro e margens enfeitadas, tinha a letra de sua avó. Dax leu a informação no alto da página.

Nome da falecida: Priscilla "Prissy" Fontenot.

Razão da morte: Acidente de carro.

Na parte debaixo da página vinha a determinação do que o jovem espírito teria de fazer para conseguir passar para o outro lado.

Condição para fazer a passagem: Certificar-se de que seu pai está bem e se despedir dos pais.

Dax balançou a cabeça ao ver a condição, já familiar. Era freqüente — principalmente em caso de acidente — os fantasmas quererem dizer à pessoa que se sentia responsável por sua morte que eles não estavam sofrendo do outro lado, estavam até melhor agora, e um dia iriam se reencontrar. Mais ainda, os fantasmas gostavam de mostrar que continuavam perto daqueles que amavam entre os vivos.

Dax franziu a testa. Os fantasmas costumam ver os indivíduos de quem eram próximos do lado de cá. Será que Celeste podia vê-lo? Será que ela já havia tentado? E será que ele conseguiria senti-la observando-o? Com certeza ele sentiria alguma coisa se ela o estivesse olhando, não é? Mas ele não a sentira em absoluto desde que ela partira.

Frustrado ao se dar conta disso, ele soltou a página de cor lavanda sobre o sofá e passou para a folha seguinte. Como sempre, nela vinha uma lista de regras para se lidar com os espíritos. Naturalmente, eleja as conhecia todas, mas, como era preciso ler todas as páginas antes de começar sua missão oficialmente, ele as leu outra vez. Eram regras bem básicas. Cuidar das necessidades dos espíritos em tempo hábil, não abusar do laço que ocorre entre médium e espírito, e não tocar o espírito.

Ele soltou a folha sobre a anterior no sofá e passou para a página final, o documento oficial através do qual sua avó passava a missão de ajudar Prissy Fontenot a um dos netos. A missão, bem como as regras, era bem direta. Basicamente, ele tinha um dia para que o jovem espírito resolvesse suas pendências do lado de cá e seguisse em direção à luz.

Um dia. Não era muito tempo, mas os espíritos pareciam saber melhor em se tratando de condições para fazer a passagem. Talvez a garota se apegasse demais se ficasse muito tempo com os pais antes de fazer a passagem e depois achasse difícil seguir em direção à luz. Ou quem sabe alguém estivesse esperando por ela do outro lado e ela precisasse chegar logo. Podia haver mil razões para que as forças superiores dessem a Priscilla "Prissy" Fontenot um tempo tão curto para cumprir a condição para fazer a passagem. Mas ao menos era uma condição fácil e Dax poderia ajudá-la em tempo hábil.

Se só precisava ver que o pai estava bem e se despedir dos pais antes de fazer a passagem, Dax podia dizer a ela como visitá-los. É claro que eles não a

veriam, mas ainda assim sentiriam sua presença. Ao ver que eles estavam bem, ela imediatamente passaria para o outro lado.

Ele dobrou as páginas e as enfiou no envelope novamente. Quanto tempo a menininha demoraria a aparecer?

— Nós estamos aqui — sussurrou a vozinha atrás dele. A primeira coisa que Dax pensou foi... nós? Ele então se virou e viu uma menininha sorrindo levemente e de mãos dadas a uma linda loura.

Celeste.

Seus cabelos continuavam compridos do jeito que ele se lembrava, com as espirais louras tocando-lhe a cintura. Da última vez que a vira, ela estava usando uma camiseta amarela e calça jeans, mas agora estava com uma camisola branca solta que mal se segurava nos ombros dela e era tão fina que ele quase — quase — pôde ver se ela era loura de verdade.

Um turbilhão de perguntas confundiu a mente de Dax. Como ela podia estar ali? E por quê? Já não havia passado para o outro lado? E por que estava com aquela roupa diferente? Porque ela já havia completado a passagem? Ou seria por outro motivo? Será que estava mesmo ali? Ou será que sua mente estava vendo o que ele tão desesperadamente queria ver?

Ela sorriu e Dax viu que não era fantasia nenhuma. Ela estava lá. Seu fantasma havia mesmo retornado.

— Celeste.

CAPÍTULO DOIS

Toda vez que ela viajava para aquele quarto do meio, Celeste sonhava em rever Dax, planejava o que iria dizer, o que ia fazer. Agora que ele estava bem em frente a ela, Celeste ficou de garganta seca, joelhos trêmulos, e seu corpo inteiro ardeu de vontade de chegar mais perto do único homem que realmente lhe tocara o coração de tal maneira que mesmo do outro lado ela não se dispusera a esquecê-lo.

E ela podia tocá-lo.

Celeste estava louca de vontade de tocá-lo, de passar seus dedos pelos traços fortes daquele rosto, de esfregar a boca na dele e conhecê-lo com mais intimidade, mas ainda não sabia se o que ele sentia por ela era o que sentia por ele. E ela suspeitava que Dax não fizesse idéia de que a regra de não tocar não se aplicava aos espíritos.

A garotinha ao lado de Celeste apertou-lhe a mão e a fez lembrar-se da

razão principal pela qual ela não podia agir agora sob impulso. Ela nem sequer podia tentar confrontar qualquer coisa que tivesse existido entre eles dois antes de cuidarem de Prissy.

— Celeste?

Os olhos castanhos de Dax continuavam tão hipnóticos quanto ela se lembrava, com cílios castanho-escuros enfatizando os grãos dourados que emolduravam. Aquele olhar a atraía, a mantinha cativa. Ele era tão lindo, tão real, tão vivo. E havia algo de mais profundo naqueles olhos, uma intensidade que Celeste acreditava reconhecer e entender.

Desejo. O jeito que estava olhando para ela... transmitia exatamente o que ela estava sentindo por ele. Como se Dax não conseguisse esperar para chegar o mais perto possível dela e fazer tudo aquilo que não fizeram antes.

Ela engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Você não fez a passagem — disse ele balançando a cabeça levemente ao falar, como se não fosse possível ela estar em plena sala de estar de sua avó, no mesmo lugar onde eles se conheceram, mas com outra garotinha ao lado.

— Não, não fiz.

— Por que não? — perguntou ele, dando um passo em direção a ela, e um canto de sua boca formou aquele semi sorriso do qual Celeste se lembrava. Ela lambeu os lábios e se imaginou passando a língua naquele sorriso sensual. Havia tanta coisa que queria tentar, que ela queria fazer. — Eu quis você... quis vê-la outra vez. — Ele balançou a cabeça de novo, aparentemente ainda tentando entender como ela havia voltado. — Onde você esteve?

Bem que ela queria poder lhe dar uma resposta.

— Não sei.

Evidentemente cansada de escutar os adultos e pronta a começar a própria missão, Prissy puxou Celeste pelo braço.

— É ele? Você é o Dax que vai me levar para ver papai? Preciso ter certeza de que ele está bem e quero me despedir dele e da mamãe.

Celeste tentou se concentrar na garotinha e não em Dax, mas as palavras de Adeline Vicknair continuavam lhe vindo ao pensamento em sussurros: "Doze horas no máximo, mas mais provavelmente seis.

Ela não tinha tempo a perder, mas precisavam ajudar Prissy a chegar aos pais. E se isso levasse todo o tempo que tinha? E se jamais conseguisse voltar outra vez? Ela queria conversar com Dax, realmente queria conhecê-lo o máximo possível antes de fazer a passagem. E queria fazer amor com ele.

— Você vai me ajudar? — perguntou Prissy e Celeste encurralou os próprios medos. Tomara que ainda lhe restasse um pouquinho de tempo depois que eles ajudassem a garotinha. Talvez não fosse o bastante para ela fazer tudo que queria, mas não ia se preocupar com isso agora. Ela teve outra chance de estar com Dax e ficava grata pelo tempo que tivessem. Assim que acabassem de

cuidar de Prissy ela dedicaria cada minuto cada segundo a estar com ele.

— Sim, eu vou ajudá-la — disse Dax a Prissy e então deu um sorriso suave para Celeste. — Não acredito que você esteja aqui. Pensei... Bem, não achava que fosse vê-la novamente, mas... — ele olhou para Prissy e sorriu ao ver a expressão de ansiedade em seu rosto — tenho de levá-la para ver seus pais primeiro, não é?

Ela fez que sim, e Dax se agachou para encará-la, olhos nos olhos. Então levantou os olhos para Celeste.

— Você está aqui? Quer dizer, você não vai embora logo, vai?

— De seis a doze horas — ela disse com sinceridade.

O sorriso dele desapareceu, mas Dax então balançou a cabeça.

— Aceito o que me for concedido. — Então voltou a atenção para Prissy. — Vou ajudá-la a ver seus pais outra vez, está bem?

Ela balançou a cabeça, cheia de entusiasmo.

— Está bem.

Celeste notou que Dax estava muito à vontade com a fantasminha. Ele evidentemente sabia que abaixar-se para falar com ela a deixaria mais confortável; ele era do tipo de cara que sempre se lembrava dessas coisas, que prestava atenção aos detalhes. Celeste imaginou se esta sua característica se estendia também a outros aspectos de sua vida. Será que ele sempre estava sintonizado às necessidades das pessoas? Será que ele estaria sintonizado às necessidades de sua namorada?

Ela engoliu em seco. Sim, ele estaria.

Ela mal podia esperar.

Prissy, indiferente à tensão sensual que enchia o recinto, tagarelava.

— Minha irmã Cassie, ela já foi, sabe, encontrar vovó. Mas só quero ver mamãe e papai mais uma vez, talvez abraçá-los se eu puder. Posso?

— Pode — disse Dax, a voz embargada de emoção. Seria pela fantasminha ou por Celeste? Ou pelas duas?

— Dona Adeline disse que você pode me ajudar a encontrá-los. No começo eu estava com medo de pegar a trilha escura, mas então a sra. Adeline encontrou Celeste e ela me impediu de ficar com medo.

— Que bom que ela fez isso — ele disse, e então aqueles olhos castanhos se concentraram em Celeste mais uma vez. — Fico contente. — Não havia como negar que suas palavras eram mais direcionadas a Celeste que a Prissy, e que o desejo em sua voz era inconfundível.

— Você os conhece, meu pai e minha mãe? O nome do meu pai é Stanton e o da minha mãe é Rebecca. — Os rabos de cavalo de Prissy balançavam a cada palavra que ela dizia. Ela usava roupas semelhantes às que sua gêmea estivera usando, exceto pelos laços rosa-choque que adornavam a cabeça de Cassie, pois os cabelos castanhos de Prissy eram adornados com laços de tom amarelo brilhante. E enquanto o vestido de Cassie era amarelo com detalhes cor-de-rosa,

o de Prissy era cor-de-rosa com detalhes amarelos. Celeste imaginou as gêmeas juntas com seus vestidos combinados e rostos angelicais idênticos e teve certeza de que elas representavam verdadeiros tesouros para seus pais.

Celeste pensou em onde elas estariam indo quando morreram. Estavam bem-vestidas, será que iam para a igreja?

Ela olhou para o vestido de cetim branco que lhe cobria o corpo. Da última vez que aparecera para Dax estava com a calça jeans e a blusa que usava quando ocorreu a batida de ônibus. Por que ela estava com outra roupa?

Prissy continuou falando, mas Celeste não estava ouvindo; ela estava observando o modo como o corpo da menina brilhava. Um brilho forte, quase amarelo-ouro, iluminava todo o corpo de Prissy; em contraste, o corpo de Celeste estava coberto por uma luminosidade fraca e cremosa.

Seria essa diferença por ela ser adulta e Prissy criança? Ou haveria outra razão?

Os soluços de Prissy logo desviaram Celeste de seus pensamentos.

— Sinto saudade deles.

Celeste sentiu uma dor no coração pelos pais da garotinha, principalmente pelo pai, que Adeline disse que estava dirigindo o carro quando ocorreu o acidente.

— Você os está vendo agora? — Dax se inclinou em direção à garota, mas Celeste reparou que ele não a tocou. Ela pensou que tinha sido por isso que a chamaram para ajudar Prissy e Chloe a fazer a passagem. Agora, enquanto Dax falava com a garotinha, ela estava de mãos dadas com Celeste, parecendo estar com medo de soltar. Só podia ser assustador para essas crianças pequenas tentarem completar essas tarefas sozinhas. Mesmo com a ajuda de um médium, elas precisavam de alguém cuja mão pudessem segurar, alguém... como Celeste. Ela sorriu para a menina.

— Eu vi meus pais assim que chegamos aqui — ela confirmou para Dax. — Logo depois que Celeste e eu deixamos dona Adeline e viemos para cá. E preciso falar com eles.

— Onde eles estão? — Dax perguntou, ainda agachado para falar com Prissy de igual para igual.

— No hospital — ela disse, e seus olhos negros cintilaram. — Dona Adeline mandou dizer que é o hospital em que trabalha seu irmão.

— Onde Gage trabalha. É o Ochsner, em Nova Orleans. Diga-me uma coisa, Prissy. Você os está vendo agora? Porque se estiver pode ir encontrá-los no hospital. Tudo que precisa fazer é pensar que quer estar com eles e irá diretamente para o quarto onde estão. Você poderá ficar ao lado deles e confortá-los.

— Mas eles não vão saber que eu estou lá — ela disse.

— Só se vocês forem também para dizer a eles.

— Algumas pessoas não percebem quando um espírito está por perto, mas outras sim, especialmente se for alguém que eles amam do jeito que seus pais amam você.

— Mas eu preciso que vocês venham comigo, só assim terei certeza de que eles vão saber que estarei lá.

— Eu vou sair agora mesmo para ir ao hospital — ele garantiu. — Mas Ochsner fica a uma hora daqui. Se quiser vir em meu carro, tudo bem, mas se quiser pode seguir na frente e ficar ao lado deles. Quando eu chegar, ajudo você a se comunicar com eles.

— Então quer dizer que vou poder falar com eles? Ele sorriu.

— Sim.

— Tudo bem. Então eu queria ir logo até eles, por favor — disse ela, e inclinou a cabeça em direção a Celeste.

— Você vem comigo, não vem?

— Claro que vou — disse Celeste calmamente, apesar de suas emoções estarem um verdadeiro turbilhão. Uma hora de estrada. Mais uma hora de seu tempo com Dax.

Prissy voltou-se para Dax outra vez.

— Então nos vemos daqui a uma hora, não é?

— Isso. — Ele se levantou e olhou para Celeste. — De seis a doze horas, certo?

— Foi o que Adeline disse.

Seu sorriso hesitou um pouquinho.

— Tudo bem. Então vamos aproveitá-las ao máximo.

— Sim. — Ela engoliu em seco. — Dax, depois que ajudarmos Prissy...

Ele esperou. Como ela não continuasse, ele estimulou:

— Depois que ajudarmos Prissy...

— Eu preciso de você...

— Vamos lá, eu já estou vendo meus pais! — Prissy puxou a mão de Celeste, cheia de entusiasmo.

As duas foram embora da fazenda instantaneamente e chegaram ao quarto de hospital. Prissy correu até o homem na cama e a mulher sentada ao seu lado. Celeste estava um pouco tonta com a mudança de cenário. Seu corpo subitamente ficou como se ela tivesse corrido uma maratona. Foi para o outro lado do quarto e se sentou em uma poltrona. Já estava exausta com seu pouco tempo do lado de cá, e ainda nem havia tocado em Dax.

Tinha uma hora de espera até ele chegar ao hospital e precisava descansar enquanto Prissy ficava com os pais. Do contrário poderia não ter força nem para falar com Dax outra vez, que dirá outras coisas.

Dax. Ela se preparara para lhe dizer que também precisava de sua ajuda, para que ele lhe mostrasse tudo que pode haver entre um homem e uma mulher

que estão realmente ligados um no outro, cujas almas estão verdadeiramente unidas. Ela nem terminou a frase que ia dizer, mas aquelas quatro palavras já diziam tudo.

Eu preciso de você.

CAPÍTULO TRÊS

— Celeste. Celeste, acorde.

A voz de Dax ecoou em seus pensamentos e Celeste se deparou com ele olhando para ela ao abrir os olhos. Ele estava com as mãos nos braços da poltrona do hospital e debruçado bem perto dela, mas não o bastante.

— Ela está bem? Achei que ela estava só cansada — disse Prissy, saindo do lado da cama do pai para ficar perto da poltrona de Celeste.

— Você está bem? — perguntou ele a Celeste, olhando dentro de seus olhos.

— Sim — disse ela. — Acho que eu estava mais cansada do que pensava.

— Quem é Celeste? — perguntou a mãe de Prissy a Dax. Ela olhou para o que parecia ser uma poltrona vazia.

— Tem mais alguém aqui? — perguntou o pai de Prissy. Dax franziu o cenho.

— Já volto. — Então ele se afastou de Prissy e Celeste e explicou brevemente aos pais da garotinha sobre o espírito que acompanhara sua filha para o lado de cá.

Prissy correu para perto de Celeste e ficou tagarelando sem parar, muito animada, enquanto ele falava.

— Dax disse que jamais viu um fantasma dormir antes. Ele tentou acordá-la quando chegou aqui, mas você estava dormindo tão fundo que ele resolveu deixá-la descansar enquanto falava com minha mãe e meu pai, dizendo que você estava cansada. Sabia disso? Não é incrível? E agora eles sabem que eu estou bem e Cassie também. Você está só cansada, não é? Não está doente nem nada, não é? Você dormiu muito tempo.

— Não — disse Celeste. — Não estou doente. — Será que fantasmas adoeciam? Ela não sabia. Se alguém tivesse lhe perguntado antes ela diria que não, mas também teria garantido que fantasmas não dormiam. E ela dormira... por muito tempo? — Prissy, por quanto tempo fiquei dormindo? — perguntou, incapaz

de controlar o tom de pânico na voz. Quanto tempo será que ela havia perdido?

— Não sei. — Prissy olhou para Dax, que voltou para o lado dela. — Ela quer saber por quanto tempo dormiu.

— Tempo suficiente para eu dirigir até aqui e conversar com os pais de Prissy. Uma hora e meia, eu diria. Celeste, você está bem?

Ela fez que sim. Estava se sentindo melhor agora, apesar de estar decepcionada pelo tempo que perdera do lado de cá. Celeste deu uma olhada pela janela do hospital e viu que já estava escuro, havia anoitecido. Quando chegaram lá, ainda era dia, tinha certeza.

— Que horas são agora, Dax? Quanto tempo temos antes que eu tenha de ir embora?

— Passa um pouquinho das oito horas. Você e Prissy chegaram à fazenda por volta das seis. Então, tomando por base o que você me disse, você terá de ir à meia-noite, ou então às seis da manhã.

— Espero que seja às seis da manhã — disse ela, e foi presenteada com um daqueles sorrisos sensuais dele.

— Pode acreditar que espero o mesmo.

Ela se ajeitou na poltrona e ele recuou, dando-lhe espaço para ficar de pé, e tomando cuidado para não tocá-la.

— Tem certeza de que está bem?

— Sim, bem melhor agora. — Ela estava dizendo a verdade. O cochilo lhe dera mais energia, o que a agradava, apesar do tempo perdido. Além do que, Dax estava a caminho do hospital, então a ocasião foi perfeita para ela descansar.

"Você vai ficar mais fraca quanto mais estiver deste lado, e a cada interação com alguém que esteja vivo vai enfraquecer ainda mais."

Será que Celeste estava fraca por causa da primeira viagem para o lado de cá ou estaria fraca por interagir com Dax? Ela torceu para que fosse por causa da viagem. Afinal, ela mal havia interagido com ele... ainda.

— Está indo embora? — perguntou Prissy.

— Sim — confirmou Dax balançando a cabeça. — Mas você pode ficar com seus pais até chegar a hora de atravessar.

— Prissy vai ficar um pouco conosco? — perguntou o pai dela.

Seu rosto estava machucado por causa do acidente e uma linha de curativos lhe enrugava o lado direito da testa, mas ainda assim ele conseguiu sorrir ao pensar em ter uma das filhas a seu lado um pouquinho mais de tempo, mesmo que apenas em espírito.

— Foi concedido a Prissy um dia para lhes visitar, e ao fim desse período ela vai fazer a passagem. Mas, até chegar essa hora, ela poderá ficar com vocês aqui — disse Dax.

— Obrigado. Obrigado por nos informar que Cassie está bem, e que ficará bem até nos vermos de novo — disse a mãe com voz embargada.

Prissy voltou para a lateral da cama e beijou a bochecha do pai. Ele levou a mão ao ponto exato que ela havia beijado.

— Eu a sinto. — Então a garotinha virou-se para a mãe e abraçou-a.

— Eu também a sinto — sussurrou a mulher de olhos fechados.

— Vamos deixá-los a sós agora. — Dax foi até a porta e Celeste o seguiu.

Mal haviam fechado a porta quando ele disse:

— Vamos, não quero perder o tempo que temos. — Ele começou a seguir pelo corredor, prestando atenção em cada quarto, até que finalmente, no fim do corredor, ele encontrou o que estava procurando, um quarto desocupado. — Aqui dentro.

Celeste o acompanhou para dentro do quarto e viu que ele trancou a porta. Virou-se para ela e a observou atentamente, a começar pelo rosto, depois descendo por seu corpo luminoso.

— Você está mesmo aqui.

Ela viu a confusão nos olhos dele. Dax não fazia idéia de como Celeste havia retomado, ou se conseguiria retomar outra vez, e infelizmente ela também não sabia de nada. Mas ela não queria perder tempo tentando adivinhar. Não queria retornar ao meio-termo cheia de arrependimento por não ter dito a Dax o que queria tão desesperadamente que ele soubesse agora.

— Dax, eu...

— Espere. — Ele ainda estava encostado à porta, como se suspeitasse que alguém pudesse entrar e arruinar o momento, aquele momento perfeito no qual os dois estavam juntos e totalmente a sós. Celeste sentia a mesma coisa. Finalmente estava com ele e era bom demais para ser verdade. Mas depois ela seria afastada de novo. Era tão forte o impulso de simplesmente agarrá-lo, beijá-lo, estar com ele... mas era igualmente forte o impulso de dizer a ele tudo que sentia, tudo que sentira por ele desde que o deixara da última vez.

Ele falou com urgência e profundidade na voz:

— Sei que você disse que estaria aqui por algumas horas, mas não quero ficar dependendo de nada. Tem uma coisa que eu deveria ter lhe dito da última vez em que nos vimos, antes de você partir no verão.

Celeste sabia que não era possível, mas podia jurar que estava sentido seu coração disparar ao ouvi-lo falar.

— Celeste, não parei de pensar em você. Fiquei furioso comigo por não ter aproveitado melhor os dias que tivemos juntos. Aquela semana com você e Chloe, bem, para mim aquilo significou mais do que qualquer outra missão que já tive, não só porque ajudamos Chloe a fazer a passagem, mas porque passei aqueles dias com você, conhecendo-a, estando ao seu lado, observando-a com Chloe... e sentindo-a comigo. — Dax engoliu em seco. — Tenho estado realmente insuportável com todo mundo à minha volta nesses últimos dois meses desde que você partiu. — Ele deu um sorriso de canto de boca. — Pode perguntar aos meus

primos. Que inferno, pensei que você tinha partido, que tinha passado para o outro lado de vez. E não achei que você fosse voltar depois de fazer a passagem.

— Acho que eu não poderia ter voltado se tivesse feito a passagem. Mas não fiz.

— Por que não fez? — perguntou ele, e sorriu de novo; novamente ela sentiu sua pulsação disparar. — E, para seu governo, estou procurando me informar sobre o que podemos fazer para evitar que isso aconteça. Eu não quero que você faça a passagem, Celeste. Não passamos juntos tempo suficiente, longe disso.

Ela baixou os olhos e viu que realmente ainda estava brilhando, ainda era um espírito, e não um ser vivo de carne e osso. Para sua perplexidade, o brilho ainda estava lá, até mais forte que antes, mais para amarelo-claro que para branco-creme. Celeste franziu o cenho.

— O que foi? — perguntou Dax. — Diga-me.

— Por um momento pensei que talvez, quem sabe, eu estivesse viva outra vez. Mas isso não é possível, é?

— Se for, encontrarei um jeito de fazer acontecer. Juro. E pode acreditar em mim, acredito firmemente, principalmente agora, que não se pode dar nada como definitivo em se tratando do lado de lá. — Ele chegou mais perto de Celeste, tão perto que ela sentiu nos lábios seu hálito. — Como posso mantê-la deste lado ou como posso ajudá-la a voltar para cá? Diga antes de ir embora. Não quero perdê-la outra vez.

— Dax — sussurrou ela. — Eu... eu não sei por que não fiz a passagem. Em parte acho que é porque meu espírito simplesmente não estava pronto para seguir o caminho da luz, mas em parte acho que é porque...

— O quê? — perguntou ele, agora tão perto que ela podia sentir a solidez da pulsação dele no pescoço.

Ela lambeu os lábios e imaginou a sensação daquela pulsação contra sua boca.

— Em parte acho que não passei para o outro lado porque não podia deixá-lo.

A pulsação em seu pescoço disparou ainda mais e Celeste não conseguiu mais se conter. Ela ansiava por tê-lo mais perto de si, ansiava por aquela boca sensual tocando a sua, por aquele corpo tocando o seu, tocando-a de verdade, da cabeça aos pés, para que nenhuma parte dela deixasse de ser absorvida por Dax. Ela ardia de desejo de sentir ainda mais, de tê-lo dentro de si, preenchendo-a, completando-a apenas uma vez antes que ela tivesse de fazer a passagem.

— Dax, sei que você não pode me tocar — ela sussurrou —, mas essas regras não se aplicam a mim. Tenho ansiado por isso. — Sua mão tremeu quando ela delicadamente tocou-lhe o queixo com as pontas dos dedos.

Um calor escaldante lhe invadiu o corpo no momento em que ela o tocou,

aquecendo-a, preenchendo-a, excitando-a. Ela passou-lhe a mão no rosto e regozijou ao sentir os pelos eriçados da barba que já nascia. Cada sensação lhe acendia ainda mais o desejo.

Ela não sabia o que estava acontecendo, não entendia como um mero toque podia lhe causar aquilo tudo, mas o fato era que causava. E ela não queria que parasse.

— Celeste. — A voz dele saiu como um murmúrio gutural. O que quer que estivesse acontecendo, era recíproco, e saber que ela estava provocando nele as mesmas sensações que estava sentindo só fez jogar mais lenha na fogueira.

— Eu quero você — disse ela enquanto levava as mãos aos botões da camisa dele. Ela abriu o primeiro, depois o segundo, enquanto Dax fechava os punhos.

— Eu... eu quero tocá-la, Celeste — disse ele, e então ela o viu abrir as mãos e tentar tocá-la.

Ela engoliu em seco e fez que não com a cabeça.

— Não, Dax, por favor. Não faça isso. Não faça nada que possa me forçar a ir embora. Eu posso tocá-lo. Apenas deixe-me tocá-lo, só uma vez. — Ela continuava a abrir os botões da camisa, e ele cerrou os punhos novamente.

— Droga, Celeste, eu também quero você.

Ela abriu a camisa dele e deslizou as palmas das mãos por seu peito sólido e se debruçou sobre ele, apoiando a cabeça em seu calor e observou o jeito como seus cabelos luminosos cintilaram junto à pele musculosa de Dax. O coração dele batia furiosamente, e aquela vibração constante de vida pulsando dentro dele fez Celeste sentir prazer. Ela queria experimentar aquilo de novo, queria se sentir viva outra vez, e achava que sabia como fazer isso acontecer.

— Antes de ir embora eu quero fazer amor com você, Dax. — Ela virou a cabeça e beijou o ponto pulsante no pescoço dele, e sentiu a rigidez de sua ereção contra o ventre.

A pele dela estava em chamas, seu corpo ardia de desejo e determinação... mas havia mais uma coisa em meio ao vendaval de emoções que ela estava sentindo e Celeste reconheceu, sentindo uma súbita pontada de dor.

— Não — sussurrou ela, sentindo sua energia se esgotar, e seu corpo brilhou com mais intensidade.

A porta do quarto tremeu e uma voz de mulher chamou do outro lado:

— Oi? Tem alguém aí? Precisamos desse quarto. — Então a mulher limpou a garganta e gritou: — Pode me trazer a chave?

Dax soltou um palavrão baixinho em meio aos cabelos de Celeste.

— Droga. Temos de ir para outro lugar, Celeste.

— Eu... — Ela se esforçou para dizer as palavras, mas estava ficando cada vez mais difícil se concentrar e se afastar de Dax e do calor que ele gerava dentro dela. — Não posso.

O desejo nos olhos dele logo se transformou em preocupação.

— Celeste. O que está havendo?

Ela olhou para as próprias mãos no peito dele, e elas agora brilhavam intensamente. E ela estava tão cansada.

— Preciso descansar — disse, e sentiu como era verdade o que estava dizendo. Tinha medo de, caso não descansasse, não lhe restar escolha a não ser caminhar em direção à luz; talvez não tivesse forças para resistir. Mas se ela descansasse, deixaria de passar mais tempo com Dax.

Celeste sentiu seu espírito começar a desaparecer. Mas ainda não estava na hora. Seis horas no mínimo, foi o que Adeline havia calculado, mas ainda faltava muito para se completar esse prazo.

— Não vá embora, Celeste. Resista — disse ele. — Fique comigo.

— Preciso descansar um pouco — sussurrou ela, mas as palavras saíram ininteligíveis, pois seu espírito a estava puxando para fora do quarto.

A maçaneta girou e Dax perguntou:

— Onde? Para onde você está indo?

— Fazenda. — Era o único local em que ela podia pensar em ir, e a única palavra que conseguiu dizer antes de se encontrar no sofá de veludo da sala de estar de Adeline. Lá ela fechou os olhos e torceu para ter energia suficiente para fazer... tudo que quisesse antes de seu tempo se esgotar por completo.

A porta do quarto de hospital se abriu e uma enfermeira entrou fazendo cara feia.

— Com licença, mas não me ouviu bater na porta? Precisamos desse quarto.

— Tudo bem, estou saindo — disse Dax, e ao sair viu de relance que estavam trazendo alguém em uma maca. Celeste estava a caminho da fazenda para descansar, isso se as forças superiores não a puxassem de volta.

— É melhor que ela fique por lá — disse ele para o alto, sabendo que os caras lá em cima estavam ouvindo, sem sombra de dúvida. Ele queria que as forças superiores o ajudassem a fazer Celeste ficar do lado de cá com ele, pelo menos as seis horas que foram prometidas.

Ainda podia sentir o toque de Celeste em seu rosto, em seu peito. Ele queria senti-la por inteiro em seu corpo, e era melhor que tivesse oportunidade antes do fim do dia.

— Estou falando sério — disse ele, seguindo até o estacionamento. — É melhor que ela esteja lá.

Ao dobrar um corredor, ele deu de cara com o irmão mais velho.

— Ei, cara, vai apagar algum incêndio? — Gage Vicknair o agarrou pelos ombros, detendo-o. Estava com um estetoscópio pendurado no pescoço, um crachá do hospital preso ao bolso do jaleco e uma expressão de exaustão no rosto. — Uma das estagiárias disse que viu meu irmão aqui em cima, mas ela não disse que ele estava apostando corrida. O que está havendo?

— Não posso falar agora — disse Dax, ofegante. — Tenho de ir para casa.

— Então ele se lembrou da fantasminha que estava visitando os pais no hospital.
— Ouça. Minha missão atual, uma fantasminha chamada Prissy Fontenot, está aqui no hospital, no quarto dos pais.

— Ela os está visitando antes de fazer a travessia? Dax fez que sim, ansioso por partir e encontrar Celeste, mas também querendo ter certeza de que as necessidades de Prissy seriam atendidas.

— Tenho certeza de que ela ficará bem aqui com eles até chegar a hora de fazer a passagem, mas você se importa de dar uma olhada e ver se está tudo bem? Os pais conseguem senti-la, de modo que devem saber quando ela fizer a transição. E, se eles precisarem de mim, me chame.

— Sim, posso dar uma olhada nela, mas por que você não vai ficar com eles?
— Gage perguntou.

— Por causa de Celeste. Ela voltou. Ela veio com Prissy, mas não temos muito tempo.

— A fantasma do verão? — Gage pareceu confuso. — Achei que ela tivesse feito a passagem.

— Também pensei, mas ela voltou por um tempinho. E tenho de ir. Não tenho tempo de explicar agora. — Ele saiu disparado pelo corredor, mas ouviu o irmão gritando:

— Contou a Celeste que você ficou um verdadeiro pé-no-saco desde que ela foi embora?

Dax não se deu ao trabalho de parar para responder que tinha dito isso a ela, sim.

CAPÍTULO QUATRO

O som de uma porta batendo acordou Celeste. Abriu os olhos preparada para se ver cercada pela escuridão gelada do quarto do meio. Mas ela não estava no escuro, não estava frio e não estava no quarto do meio.

Instantaneamente lembrou-se de onde estava e por quê. Ela estava na sala da Fazenda Vicknair, e seus tons rosados eram bem mais agradáveis que a escuridão que estava esperando. E estava lá porque recebera outra chance de estar com Dax. Celeste olhou para o grande relógio de pêndulo que ficava entre as duas janelas cobertas por pesadas cortinas drapejadas. Faltavam quinze para as dez. Pouco mais de duas horas para a meia-noite. Será que levaria mais tempo que o previsto por Adeline? Será que ela ficaria menos?

Será que teria oportunidade de estar com Dax, de estar realmente com ele, antes que tivesse de ir embora?

Celeste ouviu passos se aproximando e prendeu a respiração na expectativa de que aquela pessoa subindo a escada com tamanho entusiasmo fosse... — Dax.

Ele estava com os cabelos castanhos desgrenhados, os olhos de avelã intensos e ávidos, arfando alto.

— Você está aqui.

— Eu disse que viria para cá — disse, apesar de que também havia pensado se as forças superiores permitiriam que ela ficasse depois de ter se sentido tão cansada no hospital. Ela o observou entrar na sala flexionando os músculos sob a camisa, as pernas movimentando-se determinadamente em direção a ela, com aquela boca sensual prometendo prazeres, e ela estava muito, muito grata a quem quer que tenha decidido que ela podia ficar mais um pouquinho.

— Não temos muito tempo, Celeste.

— Eu sei. — Ela se levantou e deu um passinho, diminuindo a distância entre eles. — E não sei se terei outra oportunidade de estar com você, Dax. Não sei se poderei voltar outra vez.

— Vou dar um jeito — prometeu ele. Ela sorriu.

— Tenho certeza de que, se você puder, o fará, mas, caso essa seja minha última vez por aqui, quero saber... — Ela afastou as mechas castanhas da testa dele e deslizou os dedos por entre seus cabelos.

Uma onda ígnea de eletricidade a invadiu ainda com mais força que da última vez, com ainda mais potência.

— O que você quer agora? — perguntou ele, mergulhando aqueles olhos nos dela enquanto Celeste tentava aplacar a louca e arrebatadora embriaguez que sentia ao tocá-lo.

— Diga, Celeste. O que você quiser saber, o que você quiser fazer.

Ela estava com a boca seca e seu âmagô ardia por algo que jamais tivera. Ela lambeu os lábios e forçou a garganta a funcionar.

— Eu já estive com um homem antes. Ou melhor, já estive... quer dizer, nós éramos muito jovens.

Ele arregalou seus lindos olhos, mas nada disse. Ela limpou a garganta.

— Jamais estive com ninguém que realmente soubesse... dar prazer a uma mulher. Quero experimentar isso antes de fazer a passagem, Dax. E quero que seja com alguém de quem eu goste; alguém que me faça sentir coisas que jamais experimentei antes, como as coisas que senti só de tocá-lo.

— Desde sua partida que eu só tenho desejado você — disse ele com voz rascante.

Ela passou os dedos por entre os cabelos dele, deliciando-se ao sentir as mechas grossas lhe fazendo cócegas nas palmas. Então levou as mãos para a

parte de cima da camisa de Dax e desabotoou os dois primeiros botões. Então, ansiosa demais para esperar para tirar o resto, ela enfiou a mão por debaixo do tecido e passou a palma naquele peito amplo, encontrou os mamilos lisos e os circundou com as pontas dos dedos.

— Quero tocar você — ele disse. — Quero tanto que chega a doer.

Com os lábios a uma fração de centímetro do dele, ela sorriu, e continuou circundando os mamilos com os dedos. Estranho como era excitante senti-los enrijecer sob seu comando.

— Você sabe o que fazer, e eu sei que isso seria mais fácil se você pudesse me tocar, pois você com certeza sabe melhor do que eu onde acariciar e ser acariciado. — Ela o empurrou de leve, fazendo-o sentar-se no sofá. — De modo que creio que você terá de me dizer o que fazer. — Ela fez de tudo para soar segura e pronta para... qualquer coisa que ele a mandasse fazer.

— Vou lhe dizer o que fazer — ele repetiu, e ela percebeu que enfiara as mãos entre as almofadas do sofá, aparentemente por não confiar em si mesmo para mantê-las sob controle.

— Sim — disse ela, sentindo crescer o desejo dentro de si. Mas havia algo que crescia com a mesma potência; seu corpo estava enfraquecendo. Estava consumida pela paixão e fraca de exaustão. Torceu para que a paixão vencesse desta vez, ao menos por tempo suficiente para que...

Celeste se abaixou em frente a ele, levando o corpo para entre suas pernas. Não dava para disfarçar o volume duro que crescia dentro da calça jeans de Dax e ela queria sentir aquela parte dele com as mãos, e com a boca, e dentro de si.

— Diga o que eu tenho de fazer — ela repetiu. Olhou para ele e perdeu todo o medo. — Diga.

— Beije-me, Celeste.

Ela olhou para aqueles lábios sensuais, pensou nas vezes em que sonhara beijá-los, provar seu gosto, passar a língua naquele sorriso sexy. Então ela se aproximou ainda mais e tornou seus sonhos realidade.

O primeiro toque de seus lábios nos dele fez seu corpo inteiro tremer de desejo, um desejo de continuar, de afundar ainda mais. Ela passou a língua no lábio inferior e gemeu de prazer quando abriu a boca. Ao lhe adentrar a boca com a língua, Celeste não conseguiu controlar o ímpeto de lentamente esfregar o corpo inteiro no dele enquanto provava-lhe o sabor. Ela tirou a camisa de dentro da calça e abriu os botões remanescentes com avidez. Então apertou os seios contra o peito dele, sentiu-lhe o batimento cardíaco e ficou ainda mais excitada. A medida que adentrava mais com a língua, ela foi mexendo os quadris. Seu desejo foi às alturas.

A língua de Dax se uniu à de Celeste e lhe adentrou os lábios. Ele lambeu a parte de cima da boca, deslizou pelos dentes e sugou-lhe a língua. O corpo dela

começou a tremer. Jamais beijara alguém assim. Nunca fora beijada assim.

O volume entre as pernas de Dax aumentou ainda mais quando ela se esfregou sobre ele. Ela o desejava. E não estava disposta a esperar.

Um grunhido profundo e grave saiu da garganta de Dax e vibrou eroticamente na língua e na boca de Celeste. Ela ficou ainda mais excitada ao sentir que Dax também estava no limite, e o calor ficou mais forte dentro dele, mais quente ainda, puxando-a mais para o fundo... puxando-a... para longe.

Não! Veio o berro em sua mente quando ela se deu conta do que estava acontecendo. Não!

— Celeste! — Dax soube o que estava acontecendo, mas não podia acreditar que as forças superiores fossem capazes de fazer algo assim com ele, com eles. — Maldição!

Ela havia desaparecido do mesmo jeito que ele já vira fantasmas desaparecendo antes, mas isso nunca o deixou com o coração dilacerado como agora.

Teria sido aquela a última chance deles dois? Será que Celeste tinha ido embora de vez? Como ele poderia saber?

Só de pensar nas mãos e nos lábios de Celeste, Dax sentiu o volume crescer dentro da calça.

— Droga.

Os dois haviam ajudado Prissy primeiro, a despeito do fato de estarem sem se ver fazia dois meses, e sem saber se poderiam se encontrar novamente, e estava claro que as forças superiores não levaram nada disso em consideração ao puxá-la de volta — de novo.

A porta da frente bateu e ele se virou em direção ao som. Ele não conseguiu controlar a adrenalina que lhe veio ao pensar na possibilidade de que fosse Celeste retornando. Mas, se ela voltasse, não seria pela porta.

— Quem é?

— Dax? — Nanette chamou, e ele ouviu seus passos subindo a escada.

Ele abotoou a camisa, mas não a enfiou para dentro da calça, pois o volume da sua frente ainda ia demorar a diminuir.

— Estou aqui.

— Bem, ela está aí? — perguntou Nan, entrando na sala de estar e olhando ao redor como se esperasse encontrar alguém com ele.

— Quem? — Como ela podia saber de Celeste?

— Sua fantasma — disse ela, já sentando na cadeira de balanço de Adeline Vicknair. — Espere aí, não estou sentada em cima dela, estou?

— Não. Ela está com os pais, e para seu governo, Celeste também não está aqui, mas estava. Nanette arregalou os olhos.

— Celeste? Ela voltou? Quando? Como? Ela fez a passagem, não fez?

— Não fez, não, e voltou com minha fantasma. — Ele engoliu em seco. — E

agora ela foi embora de novo. Só que eu não faço a menor idéia de para onde. Ela estava aqui até segundos atrás, quando as forças superiores decidiram levá-la de volta sem qualquer aviso.

Ela franziu a sobancelha.

— Ah, Dax, lamento. Sei o quanto você queria estar com ela outra vez. Quer dizer que ela não fez a passagem?

— Não fez. E não faço a menor idéia se ela fez ou não a passagem esta noite.

— Certamente que não — disse ela, como se tivesse certeza absoluta.

— Por que diz isso?

— Bem, se ela não fez a passagem antes com Chloe... Era esse o nome da garotinha com quem ela estava, não era?

— Era.

— Então por que ela faria a passagem agora? Quer dizer, deve haver alguma outra razão para mantê-la no meio-termo. Algo além de ajudar outro espírito.

"Em parte acho que não passei para o outro lado porque não podia lhe deixar."

Dax realmente queria acreditar que era isso, que ela poderia controlar seu destino meramente por querer estar com ele, mas algo lhe dizia que havia algo mais em jogo. E tinha de descobrir o que era.

— Como ela estava? — Nan perguntou. — Quer dizer, ela estava do mesmo jeito que Ryan, ficando no meio-termo por não querer passar para o outro lado?

Dax pestanejou, pensando sobre o que ela acabara de dizer.

— Ryan tinha controle sobre fazer ou não fazer a passagem, certo?

— Foi o que ele disse.

— Vou dar um pulo à casa nova de Monique e Ryan. Preciso conversar com meu cunhado — ele disse, já se levantando do sofá.

Nan entendeu o que ele tinha em mente.

— Você acha que ele pode ensiná-lo a manter Celeste do lado de cá.

— Bem, se existe alguém que pode me ensinar isso, este alguém é ele.

Dax sentiu o sangue ferver. Ryan conseguira ficar. Ele fora um fantasma parado no meio-termo entre o mundo dos vivos e dos mortos por mais de um ano quando Monique foi convocada a ajudá-lo. Agora ele estava vivo e era de carne e osso... e estava casado com sua irmã. Com certeza Ryan saberia o que estava acontecendo com Celeste e como Dax poderia fazê-la ficar.

— Ele pode não ter todas as respostas, mas com certeza sabe mais do que nós dois — ela concordou. — Ele viveu no meio-termo, afinal de contas. Quando você irá encontrá-lo?

— Agora mesmo.

— Bem, pela manhã você me conta o que descobriu. Tenho de dormir um

pouco se estiver disposta a encarar a turma nova do primeiro ano científico. E eles não vão estar muito entusiasmados de me ver depois que passei aquele trabalho para casa. — Ela sorriu. — Ei, pelo jeito você não teve oportunidade de procurar informação sobre nossos antepassados na época da Guerra Civil, não é? Dax fez que não.

— Estive totalmente ocupado ajudando outra fantasma a encontrar a luz... e tentando impedir que outra encontrasse.

— Não tem problema — disse ela. — Ainda temos amanhã.

— Você sabe que trabalho amanhã também, não é? E que estou um tanto preocupado em trazer Celeste de volta.

— Ora, você é craque em fazer um monte de coisas ao mesmo tempo. E se houver alguma maneira de trazer Celeste de volta, sei que vai conseguir. A verdade é que você sempre consegue dar um jeito, seja qual for o assunto. Por que seria diferente desta vez?

Nisso ela tinha razão.

— E Dax... — disse ela, já saindo da sala.

— Sim?

— Quando trazer Celeste de volta, me avise.

— Não se preocupe, avisarei a todos.

E Dax torceu para que Ryan lhe sugerisse algo que ele pudesse pôr em prática.

CAPÍTULO CINCO

A viagem da fazenda para Ormond, onde ficava a casa de Ryan e de Monique, costumava levar meia hora. Dax levou vinte minutos. Ele reparou no caminhão de Ryan estacionado em frente à casinha.

Dax estacionou o carro e saiu, percebendo imediatamente que Tristan estava lá, pois seu jipe estava ali parado. Claro que Monique recrutara o irmão mais velho para ajudá-la com a mudança, pois seus irmãos estavam envolvidos com o hospital e com os espíritos. Dax bem podia imaginar os palavrões que Tristan estaria dizendo por ser o único irmão a ajudá-la.

Naquele momento, Tristan passou pela porta da frente com seu corpanzil e soltou uma série de palavrões de fazer corar qualquer marinheiro.

— Você deixou alguma coisa na fazenda? — perguntou ele sarcasticamente.

— Ah, pare de reclamar — disse Monique, seguindo-o e batendo a poeira

das palmas das mãos. — Esse é o último carregamento e venho cortando seu cabelo de graça desde que abri o salão. Você me deve isso.

— Poxa, prefiro pagar pelo corte. Chame seu marido Para me ajudar com isso aqui — disse ele, avaliando o peso de um armário alto que ficou por último, até que reparou em Dax. — Deixe para lá, Dax está aqui. Venha cá. Já estava na hora de você aparecer.

— Ei, você veio ajudar? — perguntou Monique, afastando uma mecha loura da testa. Ela franziu o cenho. — Ei, você está com uma aparência terrível. O que houve? Algo errado?

— Sim — disse Dax. — Algo está com certeza errado. — Era o mínimo que ele podia dizer. Perdera a mulher que amava. Duas vezes.

— O que houve? — perguntou ela.

— Celeste. Ela voltou e partiu de novo. Dax ajudou Tristan a tirar o armário.

— Celeste? Ela voltou? — Monique pareceu tão surpresa quanto Dax ao ver Celeste e Prissy na sala de Adeline.

— Sua fantasma?

— Sim, ela voltou hoje junto com a nova fantasma que me encarregaram, e depois foi embora.

— Foi embora? Tipo, para o outro lado? — perguntou Tristan.

— Tipo isso — disse Dax, balançando a cabeça. — E tenho que descobrir como trazê-la de volta.

Tristan soltou sua ponta do armário fazendo um baque.

— Como é?

— Vou ter de dar um jeito de trazê-la de volta e preciso que Ryan me ajude a fazer isso acontecer.

— Este é o meu irmão — disse Monique, sorrindo. — Não é o fato de ela ser fantasma que vai impedir de dar certo.

Tristan balançou a cabeça.

— Cara, a família inteira está endoidecendo. Primeiro você se casa com um espírito, e agora ele está achando que pode trazer de volta uma fantasma que já passou para o outro lado.

— Não sei se ela passou ou não para o outro lado — explicou Dax. — Minha intuição me diz que ela está em algum ponto do meio-termo.

— Você sabe que é bem mais fácil lhe arrumar uma mulher ainda viva, não sabe? — disse Tristan, olhando para Dax daquele seu jeito tão típico que fazia a maioria das pessoas pensar duas vezes sobre qualquer coisa que estivessem contemplando.

Para sorte de Dax, ele era imune a esse olhar.

— Ei, se eu quiser saber sua opinião, pode deixar que eu peço.

Normalmente, Tristan não escutaria algo assim sem dar uma resposta

malcriada, mas deu para perceber pelo tom de voz de Dax que ele não estava para brincadeira, menos ainda se a brincadeira tivesse a ver com Celeste.

— Como eu disse — repetiu Tristan —, essa família está endoidecendo.

Monique pegou a ponta do armário que Dax estava segurando.

— Deixe que eu ajudo Tristan com isso aqui. Por que não vai direto para a cozinha e conversa com Ryan? Ele acabou de levar mesas e cadeiras para lá. E merece um descanso, pois passou o dia inteiro descarregando cargas de caminhão. E você não precisa se preocupar em nos ajudar, já estamos quase acabando. Concentre-se em trazer Celeste de volta.

Tristan ficou de queixo caído.

— Você só pode estar de brincadeira. Vai deixar que ele apareça agora, no fim do dia, quando estamos descarregando a última parte, e fique sem ajudar? Droga, sou só seu primo, ele é seu irmão. Era ele quem tinha de ajudar mais com a mudança.

— Desculpe, Tristan — disse Monique documente. — Está com os músculos doendo? Pensei que um bombeiro teria força para agüentar o tranco.

— Caramba — disse Tristan, mas deu risada e levantou a outra ponta do armário.

— Agora vá falar com Ryan! — Monique, a irmã mandona, ordenou. — Ryan! Dax está aqui, eu o mandei falar com você. — Movimentando-se lentamente para entrar em casa, ela olhou para Dax e disse: — Entre pelos fundos. — Enquanto isso, Tristan entrava de costas pela porta da frente, soltando mais um palavrão ao bater com o joelho na beira do móvel.

Quando Dax entrou na cozinha, Ryan estava colocando uma caixa de ferramentas sobre a bancada. Sua camisa cinza de gola V estava suada do pescoço ao peito, e seus cabelos estavam ainda mais escuros do que o normal, os cachos úmidos do esforço.

— Entre. — Ele pegou duas latas de refrigerante da geladeira vermelha e branca e deu uma para Dax. — Tome. Monique disse que não quer ninguém bebendo cerveja enquanto estivermos carregando a mudança.

— Tudo bem — disse Dax, aceitando a lata.

— Sente-se. Acho que nós dois podemos dar um tempo para conversar enquanto Tristan pega no pesado.

Ele falou as últimas palavras mais alto que as demais.

— Eu ouvi isso — reclamou Tristan da entrada e Monique riu alto.

Dax abriu a lata e tomou um grande e bem-vindo gole. Ele não comera nem bebera nada desde a xícara de café que tomara com Nan; não que ele tivesse se preocupado com esse tipo de necessidade física quando Celeste estava com ele.

— Quer dizer que você precisa falar comigo? — perguntou Ryan, sentando-se à mesa e dando um gole no refrigerante.

— Quero saber como você conseguiu se controlar para ficar no estágio

intermediário. Ou melhor, como você conseguia visitar os vivos.

Ryan pôs a lata de refrigerante na mesa e se recostou à cadeira.

— Como eu controlei?

— Sim. Como você ficava indo e voltando do meio para cá. O que você fez para isso acontecer?

— Não fiz nada. Pensava em onde queria ir, ou com quem queria estar, e ia. Só isso.

— Está dizendo que bastava pensar? — Dax estava perplexo.

— Eu tinha total controle sobre isso. Por que a pergunta?

— É por causa de Celeste. Ela voltou hoje e ficamos juntos um pouco, mas não deu tempo para nada e logo ela foi puxada de volta. — Dax não se deu ao trabalho de explicar quem era Celeste, pois Ryan já a conhecia do tempo que passara no meio-termo. Na verdade, quando Nan estava meio lá, meio cá, Monique tentou bancar o cupido entre os dois espíritos, mas Ryan já estava apaixonado por Monique. Contudo, eles eram amigos, de modo que Ryan a entendia, e entendia a situação de viver no estágio intermediário.

— Achei que Celeste tivesse passado para o outro lado com Chloe — disse Ryan.

— Também achei, mas ela não passou, e voltou hoje para ajudar outra garotinha a fazer a passagem, e...

— E? — perguntou Ryan.

— É para estar comigo.

Ryan balançou a cabeça, mostrando que entendera e não precisava de maiores explicações.

— Não sei por que Celeste não consegue ir e voltar quando quer. Não faz sentido.

— Você nunca ouviu falar de algum fantasma que tivesse ficado preso em algum lugar, assim?

— Desculpe, cara, mas não — respondeu. — Está dizendo que ela parecia não ter controle ao partir hoje? Será que ela não pensou em outro lugar, ou em outra pessoa, e seguiu em direção a eles? Talvez um membro da família ou algo assim? Quer dizer, isso acontecia comigo. Se eu pensasse em alguém, simplesmente ia onde estava essa pessoa.

— Ela não teve qualquer controle sobre isso. Tenho certeza — disse Dax. — Pode acreditar, Celeste não estava pensando em nenhum outro lugar, nem pessoa, naquele momento. — Estava pensando nele, e só nele, e no fato de finalmente estarem juntos de novo, assim como ele estava pensando apenas nela.

Ryan bebeu mais um gole de refrigerante e pensou um pouco.

— Ela não foi direcionada a outro médium, foi? Quer dizer, um médium para ajudá-la a fazer a passagem?

— Nenhum dentre os médiuns da família Vicknair — disse Dax. — Com

certeza não somos os únicos a ajudar os fantasmas a encontrar seu rumo, mas acho que ela teria comentado.

— É, você deve estar certo. Muito bem, ela não consegue controlar suas idas e vindas. E disse para onde vai quando não está com você?

— Ela disse que não sabe.

Ryan franziu a testa e balançou a cabeça.

— Cara, que droga, também não sei. Quer dizer, minha experiência foi totalmente diferente. Eu via a luz, mas não queria seguir em frente e depois, tempos depois, as forças superiores não me deixaram mais seguir. No meu caso, porque eu precisava aprender a amar.

— Então você não sabe o que posso fazer para ajudá-la a voltar para o lado de cá? — perguntou Dax, sentindo-se derrotado.

— Queria saber, mas se ela não consegue sair do meio-termo por vontade própria, então não sei o que lhe dizer. Sinceramente, não consigo entender por que ela não fez a passagem.

— Se é que não fez — disse Dax. — E quanto a cair no sono? Já ouviu falar de fantasmas que ficam cansados ao vir para o lado de cá?

— Cansados? — repetiu Ryan. — Fantasmas não se cansam, Dax. Por que se cansariam?

— Ela se cansa. E não estou falando de tirar um cochilo, estou falando de exaustão completa, quase um desmaio. E essa não era a única, coisa estranha.

— O que mais havia de estranho? — perguntou Ryan.

— As roupas dela. Ela sempre usava blusa amarela e calça jeans. Mas da última vez estava com um vestido branco. De cetim. Você mudava de roupa no meio-termo, Ryan?

— Mudava, sim.

— Como?

— Do mesmo jeito que ia de um lado para outro. Bastava querer.

— Simples assim?

Ryan assentiu com a cabeça.

— Basicamente, sim. Não tinha mistério mesmo. Eu pensava e me trocava.

— Mas você mudava de roupa tomando por base o lugar para onde estava indo, o que estava fazendo ou quem ia encontrar, certo? Quer dizer, você escolhia as roupas para combinarem com o lugar para onde se dirigia, não é?

— É.

— Celeste veio com Prissy e foi com ela ao hospital, e depois ficou algum tempo comigo antes de voltar para a fazenda. E o tempo todo ela estava com o mesmo vestido. Não acha que se ela pudesse controlar o que vestia, teria escolhido algo diferente? Afinal, era um vestido de noite. E ela não morreu com o vestido, e sim com a blusa amarela e a calça jeans.

— O brilho que ela emanava continuava o mesmo?

— Não. Seu corpo estava iluminado, mas não brilhava tanto quanto o da garotinha. Mas...

— O quê? — perguntou Ryan.

— Quando ela ficou cansada, pouco antes de partir, seu corpo brilhou mais forte, não tanto quanto a maioria dos espíritos que atendo, mas era mais para o dourado que para o branco.

Ryan limpou a garganta.

— Bem, ao menos para isso existe uma resposta razoável, tomando por base o que eu me lembro do estágio intermediário.

— E qual é?

— Quando eu via os outros espíritos chegando perto da luz, eles sempre brilhavam mais. Concluí que, quanto mais perto de fazer a passagem o espírito estava, mais brilhava.

Dax fechou os olhos e se lembrou de Celeste brilhando cada vez mais e desaparecendo. Aquilo realmente fazia sentido, e ele entendeu por que não concluíra isso por si mesmo. Subconscientemente não queria encarar o fato de que ao tocá-lo e beijá-lo Celeste deve ter tornado mais difícil para ela resistir à luz. E se estar com ele hoje a tivesse forçado a fazer a passagem?

— Droga!

— Ei, cara, não estou afirmando que ela passou para o lado de lá. Só estou dizendo que ainda pode estar no meio. Eu resisti a fazer a passagem, lembra-se? E, se Celeste quiser ficar com você do jeito que eu quis ficar com Monique, ela também está resistindo.

Dax engoliu em seco e concordou. Sim, Celeste resistiria, sem dúvida. Mas hoje ela estava tão fraca.

— Obrigado — disse ele, e se levantou. Precisava voltar para a fazenda e pensar.

— Não sei por que está me agradecendo — disse Ryan. — Acho que não ajudei muito.

— Conversar e pensar junto sempre ajuda — respondeu Dax, ciente de que Ryan havia, na verdade, lhe dado mais material para pensar. — Vou para casa.

Ele ainda tinha de achar um jeito de conseguir uma segunda chance para Celeste.

CAPÍTULO SEIS

Celeste jamais tivera tamanha dificuldade em voltar para o meio. Ela tropeçou, caiu, depois usou uma parede para se apoiar e se levantar outra vez. Tinha de continuar se mexendo, precisava se afastar daquele choro atrás dela, e queria voltar para Dax. Ela resolvera o que tinha de resolver com Prissy, com a ajuda de Adeline Vicknair. Ela simplesmente voltara para o meio-termo e pedira a Adeline que a deixasse passar outra vez, e desta vez ela implorara à idosa que a deixasse ficar — ao menos tempo suficiente para fazer amor com Dax uma vez mais, já que não podia ficar com ele para sempre.

Ela usou toda a sua reserva de forças e avançou lentamente. Sabia que o centro do recinto estava próximo; um brilho fraco iluminava o caminho à frente e ela não tinha dúvida de que o cintilar vinha de sua luz. Será que outro espírito estava chegando agora? Ou seria uma criança precisando de ajuda? Ambas às vezes em que Celeste ajudara crianças, ela pôde ver Dax. Quem sabe fosse por isso que a luz estava lá? Outra criança estava esperando e precisando de ajuda...

Ela finalmente chegou à abertura que dava para o quarto do meio, e para sua desolação não havia outro espírito lá. Ela estava completamente sozinha, mas a luz brilhava cada vez mais, como quando Cassie fez a passagem. Como sempre, Celeste sentiu-se atraída por seu calor e sua atmosfera tão fascinante. Ela estava sentindo frio e sabia que bastaria se aproximar daquela luz potente para se aquecer por inteiro.

Ela queria se aquecer outra vez.

Celeste não queria fazer a passagem; tinha de voltar para Dax, mas tinha de se aquecer. Ela deu um passo em direção à luz, jogou a cabeça para trás e o brilho poderoso a envolveu dos pés à cabeça. Era tão bom, tão perfeito. Ela deu outro passo para frente e soube antes de olhar que a abertura se expandira. O delicioso calor agora tomava conta de todo o recinto, aquecendo-a de dentro para fora, suas dores foram evanescendo, e tudo que a esperava do outro lado era a libertação de suas dores.

Nada mais de exaustão, nada mais de dor.

Mais um passo à frente...

Choros. Gemidos. Seu nome. Todos esses sons ecoaram do corredor à sua direita, o caminho que ela acabara de fazer. Por que ela não se lembrava do que havia no fim desse caminho?

— Celeste! — gritaram. — Por favor! Não!

Ela engoliu em seco, recuou da radiância poderosamente tentadora e imediatamente retornou a sua exaustão. A luz crescera quase até ficar do

tamanho da porta, mas agora começara a minguar como água dourada descendo pelo ralo.

Celeste caiu no chão. Sabia que aquelas vozes queriam atraí-la, mas ela não queria ir. E agora que a luz desaparecera outra vez, não estava mais tentada a seguir naquela direção.

Ela virou para a esquerda, viu a beira do caminho que levava a Dax e se arrastou até ele.

— Por favor — pediu, o corpo desmaiado no chão frio. Ela não ia voltar pelo outro caminho sem vê-lo. — Me... deixe... entrar!

— Ah, minha querida, o que foi que eu fiz? Você mal descansou, *chère*.

Celeste conhecia aquela voz. Adeline Vicknair havia, mais uma vez, aberto o caminho para Dax. Só de ver a senhora, sabendo que ela tinha poder para mandá-la de volta para ele, Celeste ganhou força nova.

Ela se sentou e depois ficou de pé.

— Tive de estar com Dax mais uma vez, Adeline. Tive de voltar para ele.

— *Chère*, eu a deixei faz poucas horas. Se a deixar voltar, não conseguirá ficar tempo algum. Você está simplesmente fraca demais, minha filha. Precisa descansar e talvez, quem sabe, possa tentar mais uma vez.

— Vou agora, e a senhora vai me ajudar — respondeu Celeste com convicção. — Eu não vou descansar antes disso.

— Mas, minha querida, você tem de fazer uma escolha. Ou segue por esse caminho — ela apontou para o meio, onde a luz estivera brilhando meros segundos antes — ou por aquele. — Adeline apontou para o caminho da direita, onde as vozes ainda chamavam o nome de Celeste. — O caminho de Dax não pode ser seu destino final. Não há opção, e, toda vez que você for a ele, corre o risco de perder a capacidade de escolher. Sei que você quer vê-lo, e estou tentando ajudá-la.

— Então me ajude. Deixe-me passar, Adeline. Ajude-me — murmurou ela.

Adeline apertou os lábios e fechou os olhos, como se estivesse decidindo o que fazer.

— Por favor — pressionou Celeste.

— Com uma condição.

— Qualquer coisa.

Adeline recuou e abriu bem a porta, então baixou a voz a ponto de sussurrar gravemente.

— Prometa-me, *chère*, que não vai desafiar o destino. Prometa que não vai se esforçar até ficar exausta demais para resistir à atração exercida pela luz. Se isso acontecer, você vai perder a capacidade de escolher.

— Eu juro — disse Celeste, apesar de não ter certeza absoluta de que iria conseguir cumprir a promessa. Como ela poderia saber se estava ficando tempo demais?

Em sua mente só havia uma opção. E era isso mesmo que ela ia fazer.

Para Dax, o sono era ao mesmo tempo um inimigo e um amigo. Um inimigo por lhe roubar tempo que poderia ser usado para trazer Celeste de volta, mas um amigo, pois sempre que fechava os olhos a via em seus sonhos.

— Eu preciso de você, Celeste — disse ele com um tom duro e imperativo, visualizando-a, ainda de olhos fechados, como se ela estivesse a seu lado. — Já esperei demais e não quero mais esperar.

Foi quando sentiu algo em seu pulso. Aquilo não era sonho.

Ele abriu os olhos e a viu. Celeste não estava nua, como no sonho do qual acabara de acordar. Usava o mesmo vestido branco e comprido da outra vez, e seu rosto tinha uma expressão determinada. Os braços de Dax estavam presos às pernas da cama. Ela estava lá com ele, e havia amarrado as mãos dele como preparação para... tudo.

— Não estou sonhando.

— Não está, não — disse ela.

— Faz dois meses que sonho com você todas as noites. Mas o sonho que acabei de ter foi tão real, antes mesmo de você me tocar.

— Dax, eu... sei que não teremos muito tempo desta vez. Eu devia descansar antes de vir, mas não consegui ficar longe. Precisava demais...

Ele sabia exatamente o que ela estava querendo dizer.

— Eu sei. Eu também preciso demais. Preciso de você, Celeste.

Ela engoliu em seco.

— Eu quero beijar e tocar você outra vez, mas...

— Mas o quê? — perguntou ele, torcendo para que Celeste não fosse dizer que desta vez ela não poderia tocar nele.

— Mas sei que, toda vez que eu o tocar, vou ficar mais fraca e, apesar de não pretender deixar que isso me detenha, quero que você saiba, caso eu seja puxada de volta.

Ele se concentrou nas palavras dela.

— Quer dizer que é isso que faz você partir. Tocar-me.

— Ficar fraca me faz voltar, e interagir com uma pessoa viva me deixa fraca. — Ela sorriu quase brincando. — Mas eu quero interagir com você, Dax, com a maior proximidade possível.

Ele também sorriu, mas tentou imaginar como poderia aproveitar melhor o tempo que tinham para ficar juntos. Ele a desejava, quanto a isso não restava dúvida. Mas se tocá-la a fazia partir mais rápido...

— Que inferno, isso vai ser dureza, mas eu quero você aqui pelo máximo de tempo possível. — Ele respirou fundo e pensou nas mãos dela em seu corpo. — Como está se sentindo?

Ela levou a boca para perto da dele.

— Excitada.

— Você não vai facilitar — disse ele, rindo.

— Facilitar? — Ela pareceu inalar seu cheiro ao falar. Mas isso não era possível. Mas tampouco era possível fantasma dormir.

— Minha proposta é a seguinte. Podemos conversar um pouco primeiro, antes de você me tocar e antes de enfraquecer.

— Isso provavelmente também será considerado interagir com os vivos, não acha? — perguntou, e uma sombra se formou em seus olhos quando ela, cheia de ternura, passou a língua no lábio inferior dele.

Dax não podia detê-la. E nem queria.

Ele abriu a boca e aceitou o doce sabor dela. Havia uma chama viva dentro de Celeste, mais quente que qualquer mulher que já havia experimentado na vida, e Dax jamais se fartava. Sua língua juntou-se à dela em golpes mútuos enquanto ela subia o corpo junto ao dele; as roupas eram os únicos obstáculos entre os dois.

— Celeste. Por favor.

— Qualquer coisa — sussurrou ela. — Basta me dizer o que você quer. Estou aqui para aprender.

Tenha piedade, ela ia acabar matando-o assim.

— acredite no que digo, você está se saindo muito bem — disse ele, remexendo-se um pouco. Ela não havia apertado muito seus pulsos; ele achava até que, se puxasse bastante, conseguiria soltar as mãos. Mas, droga, isso o colocaria definitivamente em maus lençóis com as forças superiores, não é?

— Então foi isso? — perguntou ela, e Dax percebeu a preocupação nos olhos dela. — Dax, sei que vão me puxar de volta e não tenho idéia de quando isso vai acontecer. Não quero perder tempo.

— Nem eu, pode acreditar. Mas também não quero perdê-la de novo sem tentar entender como a trazer de volta. Sei que tem de haver um jeito, e acho que você pode me ajudar a descobrir se conversarmos. — Ele sorriu para ela. — Vamos conversar um pouquinho primeiro.

A dor nos olhos dela tocou o coração de Dax.

— Dax, se eu completar a passagem sem fazer amor com você, jamais me perdoaria por não aproveitar essa chance.

Ele quis perguntar a ela tantas coisas... Por que não conseguia controlar quando vinha para ele ou quando partia, por que ficava cansada se isso não acontecia com nenhum outro fantasma, por que estava usando aquele vestido branco outra vez se podia trocar de roupa à vontade? E, se não conseguia trocar de roupa, por que era assim com ela, e Ryan podia trocar de roupa à vontade? Tantas perguntas, mas, ao olhar nos olhos dela, Dax percebeu que nada daquilo tinha importância. E se eles comessem a conversar, como sugeriu, e Celeste fosse puxada de volta antes que ele pudesse ter a experiência de fazer amor com ela?

— Também não quero falar — disse ele com sinceridade. — Eu quero você, Celeste.

Ela sorriu e se levantou da cama. Então olhou para ele com seus olhos cinzentos escurecendo de desejo.

— O que eu estava usando em seu sonho?

— Nada.

Ela passou um dedo pelo ombro e baixou o tecido brilhante, mexendo o corpo ligeiramente para que o outro lado do vestido caísse por si só, deixando expostos seus seios.

O sonho dele fora impressionantemente perfeito. Seus seios, fartos, suculentos e com mamilos rosados, eram lindos. Como no sonho, estava louco para acariciá-los com a boca e descobrir os doces sons que ela emitiria quando ele o fizesse. Queria descobrir o que a excitava, o que lhe acendia aquela lenta flama interna até explodir... ao redor dele.

Ela mexeu as coxas levemente e soltou os braços dos lados, e o tecido continuou a cair até o chão. A ereção de Dax levantou o lençol e ele se forçou a respirar. Ela estava nua, ousada, belamente nua. Suas pernas, como ele imaginara, eram torneadas e bem desenhadas, perfeitas para beijar e acariciar a caminho do seu âmago resguardado por cachos dourados. Ele queria abrir caminho por entre os cachos e provar dela, sentir na língua sua parte mais quente, sentir sua pulsação contra a boca enquanto ela chegava ao ápice do prazer.

— Você disse que faz muito tempo — ela murmurou enquanto baixava lentamente o lençol que cobria o corpo dele. — Quanto tempo faz?

Os olhos estavam quase negros quando ela os voltou para ele do pé da cama. No fundo de sua mente, Dax sabia que havia algo de errado com aquilo também. Seus olhos estavam mais claros antes, depois escureceram, e agora estavam ainda mais escuros. Mas ele não teve tempo para ficar analisando aquilo, pois ela jogou o lençol no chão, subiu na cama e tirou-lhe o fôlego. Os cabelos dela caíram, selvagens, sobre as pernas de Dax quando ela levou o rosto para perto de sua ereção e repetiu a pergunta.

— Quanto tempo faz, Dax?

— Desde que a conheci, não tenho saído com mulher nenhuma — disse ele com sinceridade.

Ela envolveu o membro dele com as mãos e levou a boca até a ponta, lambendo as primeiras gotas.

O calor da boca de Celeste era ainda mais potente, como se ele estivesse sendo levemente golpeado com carvão quente... e ele não queria que parasse. Ele jamais tivera um encontro sexual que chegasse perto de parecer com aquele, onde ele honestamente sentia como se seu corpo não fosse suportar, mas ele torcia para que agüentasse.

— Nunca fiz isso antes, Dax, e mesmo assim quero sentir exatamente o

que você sente, onde você quer que eu toque, exatamente o que quer que eu faça. Eu... estou ardendo por dentro.

Dax rangeu os dentes e fez que sim com a cabeça, incapaz de falar. Não queria perder o controle, ainda não, mas o calor estava tão intenso que ele sabia que não conseguiria segurar muito mais. Ele queria tocá-la, mas não podia.

Ela tremia por inteiro enquanto dava beijos quentes e molhados em seu sexo, massageando-o com a língua em movimentos circulares até chegar à base do membro. Então soltou um gemido de prazer e desceu mais um pouco, fazendo os mesmos movimentos com a língua, e o coração de Dax plainou, ribombou dentro do peito e rugiu em suas orelhas.

Celeste fez o mesmo caminho de volta com a língua, da base à ponta, até abraçá-lo inteiro, bem fundo, e seus gemidos intensos vibraram na carne quente de Dax enquanto ela subia e descia, subia e descia, apertando mais os lábios ao redor dele, até que o corpo de Dax ficou muito tenso, um formigamento lhe percorreu o corpo e ele grunhiu ao alcançar o orgasmo que lhe rasgou o fundo da alma. Sugou o ar, feliz pelo que Celeste tinha feito por ele, mas infeliz por causa do preço que isso talvez fosse lhe custar. Ela queria passar pela experiência de fazer amor, mas agora que usara tanta energia para lhe dar prazer...

— Celeste! — gritou quando ela levantou os olhos para ele; os olhos negros cheios de prazer e sem qualquer vestígio de arrependimento. — Celeste! — repetiu, e então observou em completa agonia que a mulher que ele queria mais do que qualquer outra havia... desaparecido.

CAPÍTULO SETE

Dax estava coberto de suor, tanto por causa do orgasmo que o sacudira por inteiro quanto por causa da raiva de perder Celeste outra vez, e ela não satisfizera os próprios desejos nem aprendera a voltar.

— Droga!

Ele soltou as mãos, saiu da cama e se vestiu às pressas, pegando as primeiras roupas que encontrou: uma calça jeans batida e uma camiseta preta. De acordo com o relógio digital ao lado da cama, eram 2h30 da madrugada, mas Dax não estava ligando para a hora; ele precisava de respostas e não ia descobri-las dormindo. Mais que isso, ele precisava de ajuda e acreditava saber onde conseguia-la.

Evidentemente, ninguém do lado de cá poderia lhe dar a ajuda de que

precisava. Se alguém pudesse tê-lo ajudado, teria sido Ryan. Mas havia uma pessoa do outro lado que jamais o decepcionara, e esta pessoa com certeza poderia auxiliá-lo agora.

Apesar de ele ter apenas 4 anos quando ela veio a falecer, ele se lembrava de uma coisa com a qual sempre pôde contar por parte da temperamental matriarca dos Vicknair. Por mais que Adeline Vicknair tentasse, ela simplesmente não conseguia negar nada a ele. Talvez porque Dax fosse o neto mais novo. Talvez porque ele continuasse cabeça-dura como sempre fora. Ou talvez porque seus irmãos mais velhos, primos, pais, tias e tios o tivessem mimado demais. Mas, fosse a razão que fosse, ele não se lembrava de ela jamais ter lhe negado coisa alguma.

Dax estava contando que esta vez não seria exceção.

O quarto dele ficava no segundo andar da fazenda, pertinho da antiga sala de estar de Adeline. Uma das peculiaridades da fazenda que os Vicknair se acostumaram a ouvir ao longo dos anos era que a lâmpada do abajur de Adeline jamais se apagava, nem quando faltava luz ou quando tiravam a lâmpada; nem mesmo quando o Katrina se abateu sobre a casa.

Esta noite não foi diferente.

Ele entrou no recinto inegavelmente feminino, onde grandes e exuberantes rosas cobriam o papel de parede e tons de rosa e vinho cobriam tudo mais, e foi direto até a mesa de centro onde ficava o jogo de chá de prata, brilhando ao refletir a luz do abajur.

— Quero respostas, e não posso chegar a elas sem sua ajuda — disse Dax, soltando o corpo sobre o sofá e então se debruçando em direção à bandeja de prata. Ele ficou olhando fixo para o espaço entre a jarra belamente decorada e as duas xícaras de prata, o lugar para onde Adeline enviava todas as suas missões.

Se as forças superiores tivessem puxado Celeste antes que ela pudesse ter a oportunidade de sentir prazer de verdade com um homem, Dax jamais aceitaria mais nenhuma tarefa que lhe enviassem.

— Não vou sair dessa sala enquanto vocês não me derem algo para trabalhar por aqui — disse ele. — Juro que não saio, e vocês sabem que estou falando sério.

Seu coração bateu pesadamente duas vezes, e mais duas, e então uma grossa folha de papel cor de lavanda do tamanho de um cartão-postal apareceu no meio da bandeja de prata com a caligrafia da avó, que não estava nem de longe tão caprichada quanto de costume. Nossa, ele realmente conseguira chamar-lhe a atenção.

Ao ler a mensagem escrita com letra ainda mais rabiscada do que no envelope, ele viu que Adeline, como era típico, foi direto ao ponto:

Não há razão para xingamentos, meu jovem. Você pode ter 23 anos de

idade, mas ainda sou sua avó e, acredite ou não, tenho amigos nas mais altas instâncias! Santo Deus, e pensar que cheguei a achar que Celeste fosse mais teimosa que você.

Dax ficou um pouco menos tenso. Então ela achava que Celeste também era teimosa. Com isso ele tinha de concordar.

Muito bem, primeiro de tudo, ela não fez a passagem, ao menos não ainda. Mas, se você ficar cansando-a, ela vai acabar passando para o outro lado, e você não poderá fazer nada quanto a isso. Você não pode continuar a desafiar o destino, Dax.

Em segundo lugar, ela precisa descansar e estou fazendo-a ficar mais tempo aqui desta vez. Sim, eu a deixarei voltar. Mas não espere vê-la nos próximos dias. Enquanto isso, use o cérebro que Deus lhe deu para descobrir como trazê-la de volta. Não tenho permissão para lhe dizer como fazer isso, Dax, de modo que terá de descobrir sozinho. Mas você é o decifrador de enigmas da família; use seu talento para juntar as peças.

Em terceiro lugar, e isso é importante, a única dica que posso lhe dar. O que você precisa, e o que Nanette precisa também, aliás, está no sótão. Isso é tudo que posso dizer.

Mais uma coisa, e achei que você já sabia disso, mas... a regra de não tocar. Só se aplica às suas mãos, chère. Só se aplica às suas mãos.

Dax ficou olhando para as palavras escritas com cara de bobo, absorvendo todas as informações antes...

O bilhete desapareceu e ele se esforçou para repetir a informação nele contida para não esquecer. Celeste não havia passado para o outro lado e ia voltar, mas ele não podia deixar que ela se exaurisse, do contrário a perderia; da próxima vez teria de tomar ainda mais cuidado.

E ele não devia tocá-la com as mãos, mas, ora, o que ele mais tinha era partes do corpo que poderia usar de maneiras bem interessantes. Se soubesse disso antes, certamente teria proporcionado a ela aquilo que precisava.

E Adeline lhe disse para procurar respostas no sótão.

Dax saiu da sala e subiu a escada de dois em dois degraus para chegar ao terceiro andar, onde ficava o sótão. Ao entrar, empurrou acidentalmente uma prateleira próxima à porta que caiu no chão fazendo estrondo. Ele já estava até vendo Nanette subir a escada correndo para ver o que era aquilo. Mas a prima não veio. Com certeza tinha sono pesado.

A luz que vinha do corredor iluminava uma pequena parte do recinto, mas Dax sabia que a única luz dentro do sótão era uma lâmpada que se acendia puxando uma corda. Ele foi tateando o ar em frente a si à procura da corda, que acabou achando ao senti-la no rosto. Puxou-a e viu que o sótão estava cheio de móveis, caixas e coisas velhas.

— O que eu preciso está no sótão — ele repetiu o que lera no bilhete da

avó. — Nada vago, hein? — repetiu com sarcasmo. —Agradeço sua ajuda, vó Adeline, mas, falando sério, a senhora não acha um pouquinho difícil, para mim, saber exatamente o que estou procurando?

Uma barulhenta trovoada foi sua resposta.

Dax esfregou o rosto, lembrou-se de Celeste e concluiu que, para trazê-la de volta de uma vez por todas, qualquer procura valia a pena. Descobriu o maior móvel de todos, um grande armário com gavetas. Abriu cada uma das gavetas, procurou e nada achou.

Mas o que ele estava procurando, afinal?

Passou para uma caixa que estava perto, deu uma olhada no conteúdo e encontrou uma série de utensílios de cozinha antigos. Peneiras antiquadas, espremedores de batata, fôrmas de gelatina de metal e coisas do tipo. Em outra caixa encontrou descansos de copo de crochê que o fizeram se lembrar da avó crocheteando em sua sala de estar. Ele soltou os descansos de copo dentro da caixa, sentou-se no chão empoeirado e pensou em sua sina. Aquilo poderia muito bem levar bastante tempo, mais tempo do que Celeste dispunha.

Utensílios de cozinha e descansos de copo. Dax não imaginava como aquelas coisas poderiam ajudá-lo a ter Celeste de volta. Era necessário procurar com mais afinco, mas ele tinha que decidir como.

Como havia muito mais caixas do que móveis no sótão, ele decidiu procurar em três caixas para cada móvel. Após fechar uma caixa cheia de descansos de copo antigos, deu uma olhada nos móveis que faltavam para resolver qual seria o próximo a vasculhar. Uma peça coberta por plástico era mais alta que as demais, das quais parecia estar mais afastada. Talvez por isso tenha chamado a atenção de Dax.

Em todo caso, ele se levantou lentamente e atravessou o recinto. Sua pele ficou arrepiada quando ele se aproximou do móvel. Era isso, Dax não teve mais dúvida. O que estava escondido sob o grosso pedaço de plástico cinza, fosse lá o que fosse, iria ajudá-lo a resolver a charada.

Ele puxou o plástico e se deparou com um antigo armário de carvalho. A peça bem desenhada tinha uma porta alta à direita e cinco gavetas à esquerda. Dax abriu a gaveta de cima, que estava cheia de papéis e de cartões. Pegou o primeiro, um cartão comemorativo tão apagado e amarelado pelo tempo que não dava para ver sua imagem direito, mas, quando Dax abriu, percebeu que a escrita estava intacta.

"Humilde e eternamente seu, John-Paul."

— John-Paul — repetiu Dax. John-Paul Vicknair. Ele viu o nome, não só no cartão em frente a si, mas também num papel que lera recentemente. Provavelmente em um dos registros da família Vicknair na corte da paróquia. Nanette copiara à mão os registros da época da Guerra Civil na esperança de descobrir o nome de alguém que estivesse morando na casa na época, e

naturalmente pedira ajuda a Dax. John-Paul Vicknair fora um dos nomes de então, de 1861 a 1865, o que significava que o cartão que Dax estava segurando tinha quase 150 anos. Ele pegou mais cartões e cartas na gaveta e viu que a maioria deles era "de" ou "para" John-Paul Vicknair, e que a pessoa com quem ele se correspondia era Clara, sua esposa.

— Mon dieu, você me matou de susto! — exclamou Nanette ao entrar no sótão.

Dax se virou para ela em meio à escuridão do recinto. Nanette o fitou com olhos inchados de sono.

— Estou procurando uma coisa — disse ele.

— Procurando o quê? — Ela se aproximou, e o assoalho rangeu enquanto caminhava. — Você sabia que são três horas da manhã?

Dax abriu a segunda gaveta e encontrou mais cartas e cartões de John-Paul Vicknair para Clara, ou vice-versa. Na terceira, quarta e quinta gavetas, a mesma coisa. Ao que parecia, todos foram escritos durante a metade para o fim dos anos 1800, inclusive durante os anos da Guerra Civil, os anos que ele e Nanette estavam procurando.

— Recebi um bilhete da vovó Adeline hoje — disse ele, ainda procurando com atenção entre as cartas e cartões sob a parca luz.

— Um bilhete? Você quer dizer outra tarefa?

— Não, um bilhete que dizia que a informação da qual você precisa está no sótão.

— A informação da qual eu preciso? — perguntou ela.

— Essas cartas e cartões — disse Dax, indicando o conteúdo das gavetas. — Algumas delas são da época da Guerra Civil. Sei que isso não prova nada, mas nunca se sabe. — Ele franziu a testa. Quem sabe tivesse sido atraído àquele armário porque nele havia o que Nanette precisava. Talvez o que ele precisasse encontrar fosse outra coisa completamente diferente.

Ele deu outra olhada no sótão enquanto Nanette começou a procurar avidamente pelas cartas.

— Você acha que estão aqui as provas de que a casa era habitada durante a Guerra Civil? Sério mesmo? — perguntou, subitamente bem mais alerta.

— Sim. E ela disse também que aqui vou encontrar a informação que procuro.

— Informação sobre Celeste? — perguntou Nanette, olhando para a carta em sua mão.

Dax fez que sim, mas ela estava preocupada demais em tentar ler a carta para reparar.

— Não consigo ler nada aqui — reclamou.

— É, eu sei. — Ele apontou para duas caixas vazias. — Vamos levar as cartas lá para baixo, onde poderemos ler melhor.

Ele encheu as caixas de cartas e foram para a cozinha, onde as espalharam sobre a mesa. Nanette se oferecera para ajudá-lo a ler as cartas, o que não era pouco, considerando a turma de alunos adolescentes que teria de enfrentar dali a algumas horas.

— E você acha que nessas cartas encontrará a resposta para o que está se passando com Celeste? — perguntou Nanette.

— Diabos, espero que sim. — Ele deu um sorriso cansado. — E então, está disposta a ler umas, ahn, centenas de cartas?

Ela deu um suspiro.

— Sabe, pensei em ajudá-lo a começar a ler — disse ela, olhando para o relógio do microondas. — Mas tenho de acordar daqui a duas horas. Por mais que eu queira descobrir uma prova de que havia pessoas nessa casa naquela época, tenho uma aula para dar de manhã. E você também tem de trabalhar, não tem?

Ele tinha. Na verdade, precisava cobrir uma grande rota, visitando médicos na maior parte do sudeste da Louisiana. Tinha de dirigir muito e precisava de uma noite de descanso antes de enfrentar um dia de trabalho.

— É verdade. Mas acho que vou apenas começar com algumas e depois vou dormir. Ao contrário de você, não tenho de acordar tão cedo.

Mas, quanto mais tarde começasse, até mais tarde teria de ficar trabalhando, e no fundo já estava esperando ver Celeste à noite. Mas sua avó havia dito que ela ia precisar de mais do que um dia de descanso para retornar.

Nanette bocejou.

— Vamos fazer o seguinte. Você dá uma olhada em algumas e marca onde parou. Eu continuo quando chegar, depois que voltar da escola.

— Combinado.

— Quem sabe vovó Adeline realmente nos deu um jeito de salvar a casa?

— Quem sabe...

CAPÍTULO OITO

Duas horas depois, Dax estava em sua segunda xícara de café e ainda debruçado sobre as cartas quando Nanette entrou na cozinha.

— Você não dormiu — disse ela, verbalizando o óbvio enquanto se servia de uma xícara de café.

— Não. — Dax olhou para a caixa a seu lado com as cartas que faltavam.

Nanette sentou-se em frente a ele à mesa.

— Muito bem. Diga-me o que descobriu.

— Essas cartas não estão datadas e não trazem qualquer referência sobre eventos históricos que possam ser relacionados a uma determinada data — respondeu ele, apontando para a pilha maior à direita. Depois apontou para as oito cartas e envelopes à sua esquerda, nos quais ele estava interessado. — Mas esses são outra história. Parece que nosso tataravô não só lutou na Guerra Civil como escreveu para a esposa para contar sobre a guerra.

Os olhos de Nanette cintilaram.

— E a esposa dele estava...

— Aqui mesmo — disse Dax, contente por dar a Nanette o que ela tanto queria, apesar de não ter achado nada que o ajudasse em relação a Celeste. — Ela ficou em casa, na fazenda.

— Não brinca! Podemos provar isso? Com isso aqui? — Ela pegou o pequeno monte de cartas e puxou para junto de si num gesto protetor. — Dax, isso é incrível!

— É, e aposto que há mais coisas aqui que não li ainda, mas essas oito cartas estão todas datadas entre abril e maio de 1862, quando o norte estava tentando tomar o controle de Nova Orleans e daquela parte do rio Mississippi.

Dax também descobrira que John-Paul Vicknair conseguira escrever para a esposa diariamente durante a batalha, um sinal, na cabeça de Dax, de que todos os homens da família Vicknair eram singularmente voltados para as mulheres que amavam. Dax apostava que John-Paul estava determinado em escrever aquela carta diária tanto quanto ele mesmo estava determinado a ter Celeste consigo, todos os dias.

Nanette foi lendo as cartas enquanto Dax terminava mais uma xícara de café. Fora uma longa noite e ele precisava trabalhar dentro em pouco. Sabia que jamais terminaria de ler aquelas cartas todas antes de ir.

Dax despertou de seus pensamentos ao ver que Nanette estava chorando.

— O que foi? — ele perguntou.

— Não podemos usar essas cartas.

— Mas por quê?

— Nas cartas ele agradece a Clara Vicknair por ficar aqui, ajudando os espíritos a fazer a passagem para o outro lado. Se o comitê ler as cartas, ficará sabendo de nossas atividades com os espíritos. E nossa fazenda vai virar foco das atenções de todos, vai virar a "mansão assombrada". — Ela olhou para a caixa cheia de cartas. — Mas tem mais dessas aqui, não tem? Vou dar uma olhada e ver se acho alguma carta que não faça referência aos espíritos.

Dax sentiu sua frustração chegar ao ponto máximo.

— Já pensou se vovó Adeline não quer que usemos esses mesmo? Quero dizer, foi ela quem disse que o que você procurava estava no sótão. Quem sabe

não esteja na hora de tirar nossos fantasmas do armário, por assim dizer? Seria tão ruim assim se as pessoas soubessem? Ainda mais se nos ajudassem a conseguir o tal registro? Não é esse o objetivo?

— Não acredito nisso. Vovó protegia o segredo da família, como todo o mundo antes dela. Se o que nós precisamos estiver realmente nessas cartas, então ainda não encontramos.

— Tudo bem — disse Dax, levantando-se e levando a xícara para deixá-la na pia. — Mas não posso ler mais carta nenhuma agora. Tenho de trabalhar.

— E você achou algo para resolver seu problema?

— Ainda não. — Ele olhou para a plantação de cana pela janela da cozinha e desejou que Celeste estivesse ali para ver como estava bonita. Havia tanta coisa que queria compartilhar com Celeste... isto se ele conseguisse fazê-la voltar.

Infelizmente, nenhuma linha de nenhuma das cartas que ele lera indicava como isso poderia acontecer.

— Bem, não terminamos ainda com todas as cartas — disse Nanette, evidentemente decidindo lidar com o novo dilema de modo otimista. — Vou começar depois da escola. Jenee virá para cá esta tarde, ela pode ajudar.

— Parece boa idéia — disse ele.

— Você vai dormir algumas horinhas antes de tentar dirigir o dia inteiro, não vai? — perguntou ela, já voltando a cumprir o papel de prima mais velha e protetora.

— Sim, vou descansar um pouquinho antes de começar. — Ele sabia que estava cansado demais para dirigir, mas podia dormir quatro horas e pegar a estrada às dez.

De repente, pareceu haver algo diferente no ar, como se ele pudesse ouvir o canavial se movimentando em uma doce cadência.

— Você ouviu isso? — perguntou Dax, olhando pela janela.

— Ouvir o quê?

— O canavial se mexendo. Soa como... — ele ouviu outra vez, claramente — como se fosse alguém cantando, sabe? — Então o som se intensificou. — Cantando algo sobre as flores de outono caindo no chão.

— Não estou ouvindo nada. Tem certeza de que é o canavial ou você está ouvindo um espírito?

Dax fechou os olhos e ouviu com clareza uma canção, e quem cantava era uma garotinha.

— Tem razão. É uma garotinha. — Ele abriu os olhos.

— Tem outro espírito chegando para mim. — Dax costumava ouvir espíritos um ou dois dias antes de chegarem, o que significava que amanhã, ou no dia seguinte, ele provavelmente teria outro espírito de menina precisando de sua ajuda para fazer a passagem. E talvez, quem sabe, ela não viesse sozinha.

CAPÍTULO NOVE

Na quinta-feira, três dias depois que encontrou as cartas no sótão e ouviu pela primeira vez o fantasma cantando, Dax passou com o carro pelas curvas escuras da estrada do rio em um esforço para chegar à fazenda e à missão que ele tinha certeza de estar à sua espera na sala de vovó Adeline. Apesar de estar ansioso pelo espírito que estava a caminho, pois presumia que sua vinda significava que ele ia rever Celeste, não se importava de ela ter levado alguns dias para chegar à Fazenda Vicknair. Nesses últimos três dias, saía visitando todos os médicos de sua rota, apesar de isso significar dezesseis horas de trabalho por dia, para compensar a folga que ia tirar quando Celeste reaparecesse.

E ele realmente acreditava que, se houvesse alguma forma de ela voltar através de sua nova tarefa espiritual, voltaria, principalmente com vovó Adeline estando disposta a ajudar.

Pegou a estrada com o BMW, e a canção da garotinha ficou tão alta dentro de sua cabeça que ele teve de se concentrar para pilotar na estrada de cascalho. Havia saído de casa de manhãzinha, quando ainda estava escuro, e agora já escurecera novamente; ele havia cumprido seu objetivo de adiantar a agenda para poder dispor de vários dias para ajudar o jovem espírito e, tomara, estar com Celeste.

Já na fazenda, mal saía do carro com a maleta na mão, ouviu Nanette gritando da varanda.

— Acabou de chegar.

— O quê? — O vento lhe soprou folhas enquanto ele caminhava em direção a ela.

— Sua missão. Eu estava na sala de estar relendo algumas das cartas do sótão quando o envelope apareceu no jogo de chá poucos minutos atrás. Tentei ligar para seu celular, mas você não atendeu.

— Eu devia estar na estrada do rio — disse ele. Ela pegou sua bolsa quando ele chegou à varanda.

— Me dê isso aqui, vá pegar sua missão. Você ouviu seu fantasma?

— Ouvi, ela passou o dia inteiro cantando. — Ele deu um suspiro e apertou a testa com os dedos; a canção estava mais alta que antes.

— E você ouviu Celeste também?

— Não, mas tampouco a ouvi da última vez. Ela simplesmente apareceu com

Prissy.

— Quem sabe ela não aparece de novo — disse Nanette, esperançosa. — E quem sabe nos traz alguma informação a mais sobre como podemos salvar essa casa.

— Você ainda não quer usar as cartas? — Ele entrou em casa e começou a subir a escada com Nanette em seu encalço.

— Não — disse, com expressivo desalento.

— E se vovó Adeline quiser que você faça isso? Dá para imaginar que ela queira que você as use, principalmente com todas as anotações sobre as batalhas, as datas, os nomes. E tudo de que precisamos.

— É, tudo de que precisamos, mas com algo mais. — Ela deu uma risadinha. — Estou pensando na hipótese, mas no momento minha inclinação é deixar essas cartas em meio aos demais segredos que já guardamos sobre essa casa.

Dax balançou a cabeça.

— Você é quem sabe, mas realmente acho que se ela nos contou sobre as cartas é porque quer que nós as usemos.

— Ela também disse que no sótão você ia encontrar o que estava procurando, não disse? E você não achou nada que o ajudasse com Celeste, achou?

— Não tive muita oportunidade de procurar, pois estive adiantando o trabalho da semana inteira nos últimos três dias.

— Bem, também não achei nada que possa ajudá-lo. E olhe que procurei bem em todas as cartas.

— Obrigado. — Ele entrou na sala de estar, onde certamente encontraria o envelope cor de lavanda sobre o decorado jogo de chá. — Acho que está na hora de ver se peguei um fantasma ou dois.

— Vou deixá-lo resolver isso, então. — Nanette pegou uma caixa de cartas de uma cadeira na sala de estar e deu meia-volta para sair. — Depois me conte sobre o novo fantasma e se Celeste apareceu.

— Pode deixar. — Dax sentou-se no sofá vermelho fazendo careta devido ao volume de sua voz, que aumentara ensurdecedoramente. Estava ansioso para começar logo aquela missão e, quem sabe, rever Celeste.

Dax abriu o envelope e a cantoria da menininha parou imediatamente, e ele sentiu aquela presença tranqüila, sinal de que um fantasma sabia que ele ia ajudar.

O nome da menina era Angelle Millet, e ela morreria de câncer. Isso explicava por que Dax a ouvira por dias a fio. Ela devia ter passado vários dias entre a vida e a morte.

Condição para fazer a passagem: Comparecer ao próprio funeral, ver como estão seus pais e ver a homenagem que vão lhe prestar na apresentação da escola.

Dax sorriu. Não era à toa que ela ficava cantando; estava ensaiando para a

apresentação.

Ele dobrou as páginas e pôs de volta no envelope, que desapareceu logo após ser depositado no jogo de chá. Ao se virar, olhou ao redor da sala e esperou que Angelle aparecesse com a linda loura ao lado.

— Oi — disse uma voz cristalina atrás de si.

Dax virou-se e se deparou com uma linda garotinha de pele escura acentuada pelo tradicional brilho do espírito e olhos acesos de excitação. Ela aparentava uns 10 anos de idade, e tinha bochechas fartas, um sorriso amplo e várias trancinhas com lacinhos coloridos na ponta.

— Veja, estou com meu peso normal — ela disse, sorrindo. — E meu cabelo! — Ela passou a mão em uma das trancinhas e sorriu. — Mamãe me disse que eu ia ter cabelo grande de novo quando fosse para o céu. E a dona Adeline falou que eu ia ver todo mundo outra vez, a mamãe, o papai e as crianças da escola.

— Vai, sim — disse Dax, contente por poder ajudá-la, mas tentando esconder a tristeza por ela ter vindo sozinha.

— Meus colegas de escola vão cantar minha canção.

— Sua canção?

— É. Eu fiz quando estava no hospital olhando pela janela as folhas caindo. É uma linda canção, eu acho.

— É, sim. — Dax sorriu.

— Você ouviu? — Ela pareceu surpresa. — Como?

— Eu a ouvi cantando nos últimos dias enquanto esperava você vir me encontrar.

— Vou poder ver meus pais e ficar até sábado quando vão cantar minha música na escola?

— Sim. E, se precisar de mim para qualquer coisa que seja, basta pensar em mim e eu saberei. Se quiser que eu vá encontrá-la, mentalize isso e eu irei.

— Você também vai me ouvir cantar, não vai? A escola é a Norco Elementary. Sabe onde fica?

— Sei, sim. Não é longe daqui.

— Então você vai?

— Claro.

Angelle deu um amplo sorriso.

— Ah, quase me esqueci. A dona Adeline mandou dizer que... — Ela fungou e fez uma expressão de quem está tentando se lembrar de alguma coisa. — Eu sabia que ia esquecer o nome.

— Não era Celeste? — perguntou Dax. Por favor.

— Sim, é isso! Celeste. Dona Adeline mandou dizer que sentia muito, que Celeste não pode voltar agora, mas que talvez possa voltar a tempo de me ver cantar na escola. — Ela deu um sorriso luminoso.

Dax sentou-se no sofá e engoliu em seco. O que estava detendo Celeste?

— Ela disse por que Celeste não podia vir agora?

— Não, mas acho que ela estava cansada demais. Ela parecia bastante cansada.

Dax se inclinou e olhou bem dentro dos cintilantes olhos negros da menina.

— Você a viu? Você viu Celeste? Angelle fez que sim.

— Vi, ela estava lá, naquele lugar no meio, antes de eu encontrar dona Adeline. Ela tem um cabelo comprido lindo e cacheado, não tem? E é tão loura que seu cabelo parece que é de ouro.

— Celeste lhe disse alguma coisa? Qualquer coisa que seja?

— Só me lembro de ela dizer uma coisa, mas não entendi.

— O que ela disse?

— Ela disse "eu preciso dele" e pronto. Só sei que ela precisava de alguém. Mas dona Adeline disse que ela ainda estava fraca demais e precisava ficar mais forte.

— Ela disse quanto tempo levaria para se fortalecer o suficiente?

— Ela disse que desta vez vai levar alguns dias, e Celeste ficou triste com isso. Fiquei com pena dela, pois queria muito vir comigo. Talvez eu pudesse ajudá-la a encontrar essa pessoa. Você sabe quem é?

Dax se sentiu enjoado.

— Acho que sei, sim.

— Ah, veja, minha irmãzinha está com mamãe e papai disse ela, voltando a prestar atenção no que se passava em sua casa. — Vou ficar com eles agora. Obrigada por me ajudar, e nos vemos na apresentação da minha escola, certo?

— Certo.

Dax observou enquanto ela deu um passo em direção aos pais e desapareceu. Então descansou a cabeça no sofá, frustrado, e ficou ponderando por que Celeste estava tão fraca e por que ninguém, principalmente Adeline Vicknair, era capaz de ajudá-la.

Depois de algum tempo ouviu um leve ruído na mesa, depois outro, e mais outro, e abriu os olhos.

O jogo de chá estava novamente sobre a mesa, como se nada tivesse acontecido. Mas havia acontecido.

Ele já estava farto.

Olhou com raiva para a bandeja e pensou em jogá-la longe, mas ela acabaria voltando do mesmo jeito.

— Se não pode mandá-la de volta agora, então pelo menos me ajude a descobrir o que está acontecendo com ela, e como ajudá-la a ficar aqui.

Então, enquanto olhava, um pequeno cartão cor de lavanda parecido com o que Adeline Vicknair havia mandado três noites antes se materializou no meio da bandeja com seu nome galantemente escrito.

Ele pegou para ler.

Paciência, chère. Estou fazendo o melhor que posso.

Hoje Celeste voltaria para ele; de um jeito ou de outro ela ia fazer Adeline deixá-la ir. Ela tinha que deixar. Fazia o que, dois dias? Três? Não tinha certeza; perdera a conta do tempo enquanto descansava, mas isso não era importante. O que importava era quanto tempo poderia ficar desta vez.

— Você está mais forte — disse Adeline.

Celeste fez que sim com a cabeça.

— Bem mais forte.

— E suas roupas — disse Adeline, balançando a cabeça em aprovação. — Gostei da mudança.

Celeste baixou os olhos para a longa túnica cor de sálvia, leve e simples. Estava descalça como antes, mas os dedos dos pés estavam pintados com esmalte cor-de-rosa cintilante. Por que ela trocara o vestido branco? Como acontecera isso? Não fizera nada intencionalmente.

— Ah, chère, me desculpe. Achei que você já tinha reparado em seus novos trajés. É claro que você está bem melhor.

— Por que a senhora diz isso?

— Porque eles a fizeram vestir roupas normais.

— Quem fez... — Celeste parou e viu que um ponto de luz forçava caminho pela parede do meio, aumentando cada vez mais. — Não. Eu não vou.

— Ah, venha cá, chère — disse Adeline, envolvendo Celeste com um dos braços. — Não está na sua hora. Ande, apresse-se. Tem muita gente vindo.

A luz cresceu mais e mais, até tomar a maior parte da parede, e Celeste teve de proteger os olhos, então um grupo enorme de pessoas apareceu. Adultos e crianças vieram, apressados, conversando e rindo, aparentemente indiferentes às duas mulheres paradas ali perto.

A luz se alargou ainda mais e os absorveu a todos antes de sumir. A cena fez Celeste se lembrar do acidente de carro que a levara para onde estava agora.

— Desastre de avião — disse Adeline. — A maioria estava dormindo e não sentiu nada.

— E Dax ajudou Angelle? — perguntou Celeste. — Ele a está ajudando?

Adeline sorriu.

— Bem, eu diria que sim. A verdade é que aquela garotinha só precisava de orientação e já pode se cuidar sozinha. Não é um caso dos mais difíceis para meu neto, mas costumo sempre lhe mandar as crianças.

— Eu quero ver Dax — insistiu Celeste. — Já estou forte o bastante, não estou?

— Sim, chère, está, mas da última vez vocês testaram o destino. Você ficou tempo demais, ou se esforçou demais... — ela levantou a mão — e não, eu não sei exatamente como você ficou cansada tão rapidamente, nem preciso saber. Só estou dizendo que, se você quer ficar mais tempo do lado de lá com Dax, vai

ter de praticar alguma forma de moderação em suas atividades.

Celeste sorriu.

— Prometo... deixe-me ir agora. Por favor. — Ao ver que Adeline não se mexeu em direção à porta que conduzia a Dax, ela falou com mais firmeza: — Não vou sair daqui sem vê-lo e não vou entrar na luz. Ainda não.

— Nunca conheci alma tão determinada — disse Adeline. — Aliás, retiro o que disse. Ele também é muito determinado, não é?

— É, sim. Posso ir agora?

— Não vou lhe impedir, chère. E não me leve a mal, fico muito contente por você gostar tanto do meu Dax e por ele se importar tanto com você, mas não quero que você se machuque.

— Dax jamais iria me machucar — disse Celeste e abraçou Adeline antes de seguir pelo caminho escuro.

— Não estou preocupada que ele vá machucá-la, querida — disse Adeline, e sua voz foi ficando mais fraca à medida que Celeste se distanciava. — Meu medo é que você machuque a si mesma.

Dax rolou na cama, socou o travesseiro e ficou olhando para o relógio digital na mesa de cabeceira: 3h27. Ao menos dormira algumas horas. E Celeste não aparecera.

— Droga — resmungou com a maior ferocidade possível, torcendo para que as forças superiores ouvissem.

— Está tão ruim assim?

Ele virou para ver de onde vinha aquela voz.

— Mon dieu, você conseguiu vir.

Celeste estava brilhando, cintilando dos pés à cabeça.

— Estou com roupas novas. — Ela fez um gesto descendo pelo corpo. — Não faço a menor idéia de onde vieram, mas gosto delas.

— Também gosto — disse ele, apesar de não dar a mínima para o que ela vestia. Celeste estava lá, e isso era tudo que importava. Ele queria levá-la para a cama, beijá-la inteirinha e fazer amor com ela até se esquecer de que tudo aquilo era temporário.

Temporário. E tinha de ser assim?

Ele engoliu em seco e tentou ignorar o fato de o lençol ter virado uma espécie de tenda, tendo seu membro como mastro. Ele precisava de respostas, caso ela fosse novamente puxada de volta.

— Celeste.

— Sim? — Ela lambeu os lábios.

Ele limpou a garganta.

— Não quero, que você suma outra vez sem eu descobrir umas coisinhas antes. Então, antes de fazermos qualquer coisa, preciso saber. Onde você esteve? Quanto tempo você pode ficar?

— Não sei onde estive — disse ela, caminhando em direção à cama. — Consegui chegar aqui graças a Adeline. — Levantou a longa bata pela bainha, tirou pela cabeça e deixou a peça cair no chão. Como da outra vez, ela estava sem sutiã; seus mamilos eram como pequenos pontos rosados, perfeitos para beijar, esfregar o nariz, sugar...

— Celeste. Por favor, preciso saber.

Ela tirou a calça. A calcinha mínima fez Dax ficar ainda mais excitado.

— Quanto tempo você pode ficar desta vez? — repetiu.

— Ela disse que depende de mim. Se eu conseguir controlar meu cansaço e não me exaurir demais, talvez consiga ficar mais tempo que antes. Vou tentar fazer isso desta vez. Sei que vai ser difícil, porque sinceramente, não pensava em mais nada a não ser em estar com você, e em todos os sentidos possíveis. Mas se sentir que estou ficando cansada...

— Nesse caso vamos parar, e você vai descansar — ele completou. — Temos de fazer isso, Celeste. Preciso tentar entender o que está acontecendo quando você não estiver aqui, e tenho mais chances de fazer isso se trabalharmos juntos, e você me disser tudo de que se lembra desde que partiu.

— Mas eu quero você, Dax. Eu quero tanto você que chega a doer.

— Acredite em mim, eu sei.

— Então se eu começar a me sentir cansada, eu direi, mas no momento não estou cansada, nem um pouquinho. Por isso, podemos conversar sobre qualquer coisa que você queira mais tarde, não podemos? Eu quero você, Dax. — Ela olhou para o mastro sob o lençol. — E você também me quer.

— É, mas... — Ele olhou para as próprias mãos e sorriu.

— Mas o quê?

Dax levantou da cama.

— Desta vez, eu é que vou estar no controle.

— E você pode, sem me tocar?

Ele deu um sorriso de canto de boca. Pelos últimos quatro dias ele não pensara em outra coisa a não ser em como fazer de tudo sem tocá-la com a mão.

— Ora, posso. Ela subiu na cama.

— E pode como?

— Sabe, existe uma brecha naquela regra de não tocar, uma brecha da qual só me dei conta depois que você foi embora pela última vez.

— Que brecha?

Dax foi até o pé da cama enquanto ela olhava audaciosamente para sua ereção. Ele fora dormir nu e agora estava contente por isso.

Ele foi lentamente para a lateral da cama, tomando o cuidado de não tocar nela com as mãos, mas esfregando os antebraços loucamente no corpo dela.

— Não posso tocar em você com as mãos. — Então ele encostou seu corpo ao dela, e a fricção foi tão doce quantos antes. — Está sentindo isso, Celeste?

Ela fez que sim, com os olhos dilatados de prazer. Ele a beijou levemente na testa.

— Diga-me tudo, o que sente, o que quer. Eu quero saber. — Ele lambeu-lhe o lóbulo e exigiu de novo: — Diga-me, Celeste.

— Eu... — Ela virou a cabeça para sua boca descansar contra a dele. — Eu me sinto quente, queimando toda.

Ele passou a língua no canto da boca de Celeste, lambeu todo o lábio inferior, e ela arfou. Então lhe adentrou a boca e sua recompensa foi sentir os quadris dela se esfregando em sua ereção.

Ela interrompeu o beijo e, arfando loucamente, disse:

— Por favor, Dax. Eu... eu quero isso, tudo isso, mas não sei até onde posso ir. Por favor. Eu quero sentir você dentro de mim.

Ele subiu nela e olhou bem dentro de seus olhos. Ainda eram cinzentos, ainda brilhavam de desejo e não havia sinal daquela tonalidade cor de carvão, ou cinza-escuro, ou — Deus não permita — negra.

— Você pode agüentar um pouco mais — disse ele, e ela arregalou os olhos. — Não pode? — perguntou, levando a cabeça para o meio dos seios, mas não os beijou, não ainda. Foi lambendo lentamente até chegar ao mamilo e extrair dela um gemido profundo e sentir o suco de Celeste fluir por entre suas pernas.

— Preciso de você — ela disse, arfando. — Por favor.

Ele olhou nos olhos dela e, apesar de não ser nenhuma mudança drástica, eles estavam agora mais escuros, e, por mais que Dax quisesse fazer aquilo durar, não queria ir longe demais. Ele levantou o corpo do dela, que balançou a cabeça.

— Não, não pare. Agora não.

— Não vou parar — ele prometeu, trocando de posição.

— Levante os quadris, Celeste.

Ela fez o que ele disse, apertando os calcanhares contra a cama e levantando o meio do corpo. O cheiro dela o excitou mais ainda e Dax quase perdeu o controle das próprias mãos. Então passou a língua sob a fina tira da calcinha e, enquanto Celeste olhava gemendo, ele puxou a calcinha com os dentes, baixando um lado, depois o outro, beijando-a sem parar. Com a calcinha já nos tornozelos, Celeste estava contorcendo o corpo inteiro; seu âmagio brilhava, e ela estava molhada e completamente aberta... para ele.

Dax viu que os olhos dela agora estavam cinzentos. Mas ainda não estavam negros e ele torceu para que aqueles olhos ficassem como estavam, ao menos até ela chegar ao ápice. Ele queria fazer devagar, mas essa não era mais uma opção.

— Agora abra as pernas, chère. — Ela obedeceu e Dax levou o rosto ao ponto mais feminino do corpo dela, e lambeu.

Celeste arqueou as costas, levantou os quadris e os apertou contra a boca dele, enquanto Dax passou a língua nas dobras sensíveis de seu cerne acessível, exposto e perfeito. Ele beijou e lambeu, e ela levantou os quadris mais alto e

gemeu seu nome.

— Por favor, por favor, estou... quase...

Ele foi lambendo mais rápido, e então sentiu que ela retesou o corpo e o soltou, chegando quase lá. Não a faria esperar mais: Celeste estava perto demais do ápice e ele não queria perdê-la ainda.

Ele apertou os lábios contra o clitóris quente e sugou-o, e então ela gritou, cavalcando-lhe vigorosamente a boca com convulsões urgentes e fortes, e soltando seu doce suco. Dax lambeu aquela iguaria, sem parar de lambar e beijar enquanto Celeste tinha os últimos espasmos.

— Foi maravilhoso — ela disse, e seus olhos estavam da cor do carvão.

— É — ele concordou. — Foi sim.

— Eu preciso descansar agora, senão serei puxada de volta. Mas desta vez não vou embora tão cedo. Vou descansar, mas quando acordar...

— Quando acordar, vamos conversar. E é bom você descansar bem, para estar bem-disposta para o que faremos depois de conversar...

CAPÍTULO DEZ

O som do estômago de Dax roncando acordou Celeste de um sono delicioso. Ela deu um risinho e virou na cama, abrindo os olhos e vendo aquele homem lindamente nu ao seu lado. Em determinado momento da noite, ele tirara uma gravata de seda do armário e pedira a Celeste que lhe amarrasse as mãos a um dos pés da cama. Elas ainda estavam lá, esticadas sobre sua cabeça em uma posição que de forma alguma poderia ser chamada de confortável. Segura, sim. Confortável, não. Mas ele havia dito que não se achava capaz de segurar as próprias mãos.

Ao pensar no poder que exercia sobre ele, Celeste sentiu uma flechada de desejo atravessá-la.

— Sabe, eu bem que podia me acostumar a acordar e encontrar um cara esperando por mim nu e amarrado — ela disse, debruçando-se sobre ele e observando o jeito como seus cabelos cintilantes faziam cócegas no peito dele, fazendo seus mamilos reagirem rapidamente. — Mesmo que o estômago dele ronque como um monstro.

Ele deu um sorriso maroto.

— Tenho certeza de que você se acostumaria, e fiz de tudo para não

acordá-la, apesar de já haver passado da hora do almoço.

Hora do almoço?! Ela olhou para as janelas e percebeu que, ao se levantar para pegar a gravata, ele também havia fechado as pesadas cortinas, mergulhando o quarto em total escuridão.

— Quanto tempo dormimos?

— Ah, dez horas no mínimo, mas vou ter de sair desta cama agora, pois, para minha vergonha, tenho de dizer que estou quase molhando os lençóis. — Ele apontou com a cabeça sua impressionante ereção. — Mas desta vez não seria só por desejo.

— Ah, me desculpe. — Ela se apressou em desamarrar a gravata. Sem dúvida estava ficando boa neste negócio de dar nós, já que ele não conseguira se soltar sozinho. Ela sorriu.

— Ei, não tem graça — ele chiou, soltando os braços e fazendo careta ao sentir os ombros estalando ao se reencaixarem no lugar.

Ela cobriu o sorriso com a mão.

— Eu sinto muito mesmo — ela repetiu. — Eu podia ter dormido lá — ela indicou a poltrona de leitura que ficava em um canto do quarto — e você não teria de se preocupar em me tocar ou algo assim.

— Como se eu fosse deixá-la dormir em qualquer lugar que não fosse ao meu lado quando você está aqui. — Ele a censurou com o olhar. — Nem pense nisto, chère. — Então, ele se levantou, nu, e sorriu para ela. — Além do quê, não estou reclamando. Eu não trocaria a chance de vê-la dormir ou sentir você ao meu lado, mas agora é questão de necessidade.

Ele foi até o banheiro enquanto Celeste olhava para seu magnífico traseiro. Então ele parou à porta e se virou, pegando-a em flagrante.

— Ei, o que posso dizer? Gostei do que vi — ela disse.

— Eu também — ele disse. — Na verdade, eu gostei muito de uma coisa: seus olhos estão cinzentos outra vez.

Ela saiu da cama correndo e foi para frente do espelho do armário. Realmente, seus olhos estavam cinzentos, e não mais negros como os dos demais fantasmas que ela já vira. Engraçado que ela nunca tivesse reparado nisto antes, mas Dax sim, e ele percebera a diferença entre os olhos dela e os de outros espíritos.

— O que significa eles estarem cinzentos?

— Significa que você descansou bem. Eles ficam mais escuros quando você começa a se cansar e então, quando eles ficam pretos...

— Eu volto?

— É.

— Você já viu outro fantasma com olhos cinzentos?

— Não, nem ninguém da minha família jamais viu. Nan e eu começamos a fazer uma lista de diferenças quando estávamos analisando umas cartas no sótão.

— Cartas? — ela perguntou, ainda olhando para a própria imagem no espelho e ainda se sentindo um pouco desconfortável com a diferença. Ela não parecia ela mesma com aqueles olhos de cor esquisita.

— Eu recebi um bilhete de vovó Adeline dizendo que aquilo de que eu e Nanette precisávamos estava no sótão.

Nós estávamos procurando provas de que a casa era habitada durante a Guerra de Secessão. Assim teremos mais chance de salvar nossa casa.

— Salvar? De quê?

— É uma longa história. Mas, em resumo, desde que o Katrina passou por aqui, o presidente da paróquia pode pedir a remoção de todas as construções que oferecem perigo. E, por alguma razão, ele não quer nos dar tempo de reformar a casa. Nan e eu estamos tentando incluir o imóvel no Registro Histórico Nacional para deixá-los de mãos atadas. Porém, enquanto procurávamos, também estávamos querendo encontrar uma explicação para você ficar presa no meio-termo. Vovó Adeline disse que o que Nan e eu procurávamos estava no sótão. Confesso que eu a estava ajudando a procurar informações sobre a casa, mas na verdade estava pensando em sua situação, e realmente achei que aquelas cartas fossem ajudar.

— E ainda não ajudaram?

— Não. Bem, na verdade, ainda não. Mas, por outro lado, não há razão para eu me preocupar em extrair informações daqueles papéis velhos enquanto você estiver aqui. Sem dúvida podemos resolver isto juntos, e começaremos com a lista que Nanette e eu fizemos das diferenças entre você e outros fantasmas.

— Tudo bem — ela disse, puxando os cabelos para trás e jogando a cabeça um pouquinho para o lado, depois para o outro, para ver melhor seus olhos de cor esquisita. — O que poderia significar eles serem diferentes? — Quando viva, seus olhos eram verdes, do mesmo verde-claro de seus pais e sua irmã mais velha, Nelsa. Ela franziu o cenho e se deu conta de que jamais veria aqueles olhos verdes outra vez. Então ela pensou... por que ela não os veria? Prissy tivera permissão de rever os pais, e agora Angelle estava fazendo a mesma coisa. Por que não recebera mais uma chance?

Ela levou o rosto mais para perto do espelho para ver melhor aquela tonalidade estranha. Aquelos olhos cinzentos não eram feios nem nada; eram únicos, como as bolas de gude cinzentas com que elas brincavam quando crianças. Mas não eram os olhos dela, e perceber isto fez seu estômago revirar.

— O que isso quer dizer? — ela repetiu.

Ele já havia entrado no banheiro, mas sem dúvida escutara a pergunta.

— Bem, essa é fácil. Quer dizer que você é especial — ele gritou lá de dentro.

— Especial — ela repetiu. Estranho, ela não se sentia especial; se sentia confusa.

Dax voltou do banheiro e piscou para ela ao cruzar o quarto, e seu estômago roncou de novo. Ele sorriu, pegou uma calça jeans do armário e vestiu.

— Adoraria começar de novo — ele disse, fechando o zíper —, mas, agora que você está descansada, vou comer primeiro. Sabia que já passa das três da tarde? Além do quê, eu quero tentar conversar um pouco com você, para pensarmos juntos e descobrir por que exatamente você é tão especial.

— Tem algo de diferente em mim, não tem?

— Tudo em você é diferente, Celeste. Tudo é único e excepcional, e distinto e... viciante. E, para ser bem honesto, já estou caidinho. Que inferno! Não quero deixar você partir outra vez. Nunca mais. — Ele pegou uma camiseta branca da gaveta de cima, vestiu e esperou por ela. — Quer descer até a cozinha comigo? Talvez possamos dar um passeio lá fora depois para ver se pensamos em alguma coisa.

— Para descobrir um jeito de me fazer ficar, você quer dizer?

— A idéia é essa.

— E depois que tivermos conversado — ela disse enquanto pegava sua blusa que estava no chão — podemos fazer amor. — Ela vestiu a peça de tecido transparente e sorriu.

Ele foi para perto dela e esperou enquanto ela se movia sinuosamente ao vestir a calcinha e a calça. Então ele deu aquele sorriso sexy de canto de boca que ela tanto amava.

— Isso com certeza está nos planos.

— Então você acha que eu sei ou vi algo que pode ajudá-lo a entender por que meus olhos estão cinzentos, e por que estou presa no meio-termo?

Ele abriu a porta e a deixou passar primeiro.

— Eu não sei se você pode ou não me ajudar, mas sei que temos de tentar. — Ele parou à porta, enfiou as mãos nos bolsos e se aproximou. — Ei, minhas mãos não estão oferecendo risco.

— Pois é. — Ela riu, ficou na ponta dos pés e levou os lábios aos dele, aceitando mais um daqueles beijos quentes e apaixonados que a faziam esquecer que tinha pouco tempo, esquecer de sua exaustão, esquecer de tudo, menos de Dax.

Ela encostou o corpo inteiro ao dele, que riu baixinho.

— Você tem consciência de que faz maravilhas ao meu ego ficando toda trêmula assim só com um beijo?

— Bem, acredite em mim, Dax Vicknair, é de verdade.

Ela não explicou que na verdade estava precisando se sentar, ou voltar a dormir. E eles haviam dormido por mais tempo do que ela jamais dormira em vida.

Por que ela estava tão cansada?

— Vamos até a cozinha.

Ele foi na frente pelo corredor, desceu a escada e Celeste foi atrás,

tentando se concentrar em algo além do fato de suas pernas não estarem cooperando. Ela reparou nos degraus de madeira empenados. Alguns se curvavam ligeiramente; outros afundavam. Eles rangiam ao sentir o peso de Dax e Celeste imaginou se aqueles degraus eram todos seguros.

Ele parou na entrada da sala, se virou e reparou que ela estava observando a escada dilapidada.

— Não se preocupe. Ninguém caiu da escada ainda.

— Eu estava imaginando mesmo.

— Eu sei. Está perigoso, mas, se você olhar bem, a casa inteira é um perigo. Quando sairmos, vou lhe mostrar a varanda da frente, e você verá que todas as colunas estão ligeiramente tortas, cada uma para um lado diferente, e que o Katrina deixou a casa meio inclinada. Todos os cômodos deste andar estão fechados — ele disse, apontando para a lona que cobria as entradas para os três quartos perto da entrada da sala — a não ser a cozinha. E isso é porque gostamos demais de comer para fechar a cozinha por um minuto que seja. — Ele deu de ombros. — Acho que Charles Roussei, o presidente da paróquia, na verdade tem como alegar que esta casa precisa ser demolida, mas vamos chegar lá. Já terminamos o teto novo e vamos fazer o resto, uma coisa de cada vez. Droga, esta fazenda já existe há muito tempo e ela tem um significado enorme para nossa família e para os espíritos. Não podemos entregá-la sem luta. Além do quê, eu a conheci aqui.

As palavras dele lhe tocaram a alma. Ela se debruçou sobre Dax e esfregou os lábios nos dele.

— Eu adoraria ficar para sempre aqui com você.

— Não consigo pensar em nada que eu queira mais do que isso — ele disse, encarando-a com aqueles olhos castanho-claros, o que fez Celeste lembrar de que os olhos que ele estava encarando não eram nada parecidos com seus verdadeiros olhos.

Ela engoliu em seco e decidiu pensar em outra coisa por enquanto. Dando as costas a Dax, ela apontou para as entradas cobertas por lonas.

— O que estão fazendo com todos esses quartos aqui embaixo? — ela perguntou.

— Acabamos de limpá-los para passar pela inspeção da sociedade histórica local. Eles estavam preocupados com as infecções pós-furacão, pois o térreo foi inundado durante a passagem do Katrina, mas nós conseguimos passar no teste. No fim, vamos abrir os quartos e reformá-los completamente. Eles precisam de novos assoalhos e pintura. E uns móveis também não cairiam nada mal — ele disse, rindo. — Provavelmente poderemos resolver isso com umas expedições ao sótão, pelo que fiquei sabendo esta semana. Mas, por enquanto, conseguimos afastar a turma da demolição, e é isto que conta. Felizmente, agora eles estão abarrotados de trabalho com a Paróquia de Jefferson e só vão fiscalizar de novo no ano que

vem. O que é ótimo, já que estamos sem dinheiro. — Ele suspirou e seguiu por um corredor até os fundos da casa e cozinha.

Ela o seguiu pela porta giratória da cozinha e observou enquanto ele procurava pelos armários. Como o resto da casa, os armários de mogno já tinham visto dias melhores; estavam arranhados e gastos, e em muitas portas faltavam maçanetas, como na que Dax estava abrindo.

— São essas as cartas que você encontrou? — perguntou ela, indicando um pequeno monte no meio da mesa da cozinha.

— Essas são apenas algumas delas, as que fazem referência à presença de alguém da família na fazenda durante a Guerra de Secessão.

— Que é o que você precisa, certo? Ele deu um sorriso forçado.

— Acho que sim, mas Nanette ainda está decidindo se quer usá-las. Sabe, todas essas cartas fazem referências aos espíritos, e ela não tem certeza se quer que o pessoal fique sabendo do nosso segredinho. Bem, chega do dilema de Nanette. Quero que você dê uma olhada nessa lista aqui. — Ele lhe passou um bloco amarelo. — Leia a lista em voz alta e me diga se consegue pensar em mais alguma coisa.

Ela limpou a garganta e começou.

— Olhos prateados. Ficam escuros quando ela se cansa e completamente negros, como os olhos de outros espíritos, antes de ela ser puxada de volta para o meio-termo. — Ela fez uma pausa. — Dormi bem. — Voltou à lista e continuou: — Não tem controle sobre quando chega e quando vai embora — leu e acrescentou: — É verdade. — Passou para o próximo item. — Roupas?

— É. Eu não tinha certeza, mas Ryan disse que ele tinha a habilidade de trocar de roupa à vontade. Basicamente, ele pensava no que queria usar e pronto. Quando a conheci, você usava sempre uma camiseta amarela e calça jeans.

— Era o que eu estava usando quando aconteceu o acidente. E realmente não sei como e por que mudo de roupa. Não que eu não goste dessa roupa que estou usando agora, mas não é do tipo que eu escolheria para vestir. Parece fazer bem mais o estilo de Nelsa.

— Nelsa?

— Minha irmã quatro anos mais velha. — Ela e a irmã eram mais que irmãs; ela era a melhor amiga de Celeste. — Nelsa sempre teve gosto por roupas da moda. Já eu fazia mais o estilo "camiseta e calça jeans". Isso aqui é a cara da Nelsa. Mas sempre admirei seu estilo. Você acha que é por isso que estou agora com roupas como as dela?

Ele parou para pensar.

— Mas você não consegue mudar de roupa quando quer, certo?

— Não.

— Anote isso aí; que suas roupas parecem refletir as pessoas de quem você era mais próxima.

Celeste ficou emocionada ao se lembrar da irmã, e uma lágrima lhe escorreu pelo rosto. Dax franziu a testa.

— Celeste?

— O quê? — sussurrou ela, enxugando outra lágrima que correu.

— Fantasmas não choram.

— Bem, eu choro. — Ela fungou e sorriu. — Quer que eu acrescente isso à lista?

— Sim, com certeza.

— Em seguida vem uma pergunta — disse ela. — E não a entendi.

— O que diz?

— Será que ela consegue me ver? — Celeste leu e olhou para ele. — O que isso significa?

— Quando você está no meio, consegue me ver do lado de cá? Porque é típico dos fantasmas verem as pessoas que amam quando estão do outro lado.

— Pois eu não vejo, nem você nem minha família quando estou no meio-termo.

— Bem, e você consegue pensar em algo que possa ser adicionado à lista?

— Não — disse ela, enquanto ele preparava um enorme sanduíche.

— Sinto-me estranho de comer na sua frente, mas, se eu não comer, não vou prestar para nada mais tarde.

Celeste sorriu, entendendo o que ele queria dizer com "não prestar para nada mais tarde".

— Juro que não estou com fome. — E era verdade. Mas ela sentia falta de ser capaz de comer. De repente, ela se lembrou de algo. — Sabe, acho que tem algo mais que eu gostaria de acrescentar a essa lista.

— E o que é?

Ela escreveu primeiro e leu em voz alta:

— No começo, era capaz de fazer a passagem, mas preferi não passar para o outro lado.

Ele deu uma dentada no sanduíche.

— Como assim? — perguntou. — Este verão? Ela fez que sim.

— Vi a luz e senti que ela me puxava. Era enorme e mais brilhante que qualquer outra que eu já vira. Várias pessoas se dirigiam para ela alegremente, felizes, mas apareceu uma linda garotinha que estava com medo e não queria entrar na luz, e eu não quis deixá-la para trás. Os pais dela continuavam vivos, e ela não queria se afastar deles...

— Era Chloe — disse Dax.

— Resolvi ficar com Chloe. E então o conheci, e desde então venho resistindo a entrar na luz. — Ela sorriu. — E agora não quero ir porque não quero deixar você.

Ele havia comido apenas metade do sanduíche.

— Vamos conversar. Quero saber de tudo que você tiver para contar que possa me ajudar a fazer você ficar mais tempo desse lado.

— Pensei que você estivesse morrendo de fome. Não costuma comer seu sanduíche inteiro?

— Normalmente como dois deste tamanho. Mas já comi o bastante por enquanto. Não quero perder nosso tempo juntos, já que nem sabemos quanto tempo temos. Vamos lá para fora.

Celeste o acompanhou, e a primeira coisa que viu foram os grandes arbustos cobertos de flores vermelhas espalhados por toda a fazenda.

— Poinsettias — ele deu de ombros timidamente. — Eram as flores favoritas de minha avó, e ela fazia tanta questão de que os netos plantassem poinsettias na fazenda quanto fazia questão que continuássemos atendendo os espíritos. Ela gostava do cheiro das magnólias, mas não ficava longe das poinsettias. Elas estão começando a brotar agora, mas dentro de uns quinze dias isso aqui vai ser um mar vermelho em torno da casa.

— Elas são incríveis — Celeste disse, notando que os arbustos quase alcançavam o segundo andar da casa. — Qual a altura desses arbustos?

— Não deveriam passar de três metros, mas as nossas devem estar chegando a quatro. — Ele virou a cabeça para olhar para ela. — Você nunca viu poinsettias crescendo livremente?

— Eu nem sabia que eles cresciam fora do jarro. E acho que não cresciam na casa de meus pais.

Ele sorriu.

— Por que não cresceriam?

— Acho que não... — Sua resposta foi interrompida pela chegada de um Camaro antigo, que estacionou em frente à casa. Uma mulher estonteante de cabelos negros saiu do veículo. Ela usava uma blusa de gola rulê sem mangas e calça preta, e parecia... uma Vicknair. Nem tanto pelas feições que Celeste achou parecidas com as de Dax, mas por algo nos olhos dela, no jeito como ela observou Dax antes mesmo de falar, que fez Celeste perceber que aquela mulher conhecia a casa, e Dax, e seus segredos.

— Quem está com você? — ela perguntou, aproximando-se de Dax e Celeste.

— Por que acha que tem alguém comigo? — Ele nem olhou para Celeste ao falar, de modo que ela ficou calada. Não sabia se ele queria que aquela mulher, sendo da família ou não, soubesse que ela estava lá.

— Para começo de conversa, você não saiu do quarto o dia inteiro, o que não é do seu feitio, mesmo em um sábado, de modo que presumi que estivesse acompanhado. Além do quê, não o vejo sorrir de verdade há meses, mas agora você está todo sorridente. E é claro que tem outra coisa...

— Outra coisa?

— Você fez sexo e... — ela inclinou a cabeça para o lado e levantou uma sobrancelha — ... acho que você está com sexo na cabeça agora.

Dax deu de ombros.

— Não sei como você faz isso. E não é legal...

Ela deu um sorriso triunfante, e ficava ainda mais linda sorrindo.

— Então você deve ser Celeste — ela disse, basicamente falando em direção ao arbusto de poinsétias e não errando por muito; Celeste estava a menos de um metro da direção para onde ela falou. — Eu sou Nanette Vicknair, prima mais velha de todos aqui e, evidentemente, uma das poucas que não tem o dom... ou a vontade... de ficar mais íntima de nossos convidados.

— Prazer em conhecê-la — Celeste disse, dando um sorriso sem graça.

Apesar de Nanette estar fazendo de tudo para parecer durona, como se estivesse dando uma bronca em Dax, o enorme regozijo naqueles olhos verdes cintilantes a traía.

— Ela disse que é um prazer conhecê-la — Dax transmitiu o recado. — E, aliás, ela já sacou qual é a sua. Você não convence ninguém de que não está feliz por ela estar aqui comigo.

Nanette deu de ombros, um tanto culpada.

— Você tem razão. Estou feliz por você estar de volta, Celeste. Ele tem sido um verdadeiro porre desde que você partiu. E, sabe, estou ficando cada vez mais acostumada à idéia de ter fantasmas na família.

Celeste sentiu um aperto no estômago. Fantasmas na família. Ela não era da família e não sabia se havia possibilidade de ser um dia. Mas que seria ótimo, seria...

Ela olhou para Dax, que olhou para ela.

Nanette pigarreou em alto e bom som.

— Então, o que vocês dois fazem aqui?

— Eu estava mostrando as poinsétias a ela — Dax disse. — E depois vamos dar uma caminhada perto do dique.

— Só por curiosidade, vocês tiveram oportunidade de falar sobre nossa lista, ou quem sabe dar uma conferida nas cartas para investigar o que está acontecendo com você, Celeste? Tenho certeza de que Dax lhe disse que a situação está longe do padrão para nós.

— Nós acabamos de discutir a lista e acrescentamos umas coisas a ela — Dax respondeu.

— E? — Nanette perguntou.

— E sabemos que existe algo diferente, mas não conseguimos ainda entender o que seria.

— Bem, continuarei pensando nisso também — ela prometeu. — Não se preocupe, Celeste. Se Monique deu um jeito de Ryan ficar aqui, Dax vai dar um jeito para você também. Ele é craque em resolver essas coisas e, acredite, ele só

vai parar quando conseguir a resposta. Aliás, falando em respostas, vou examinar aquelas cartas outra vez para ver se não deixamos escapar nenhuma referência à Guerra de Secessão que não diga nada sobre nossos convidados. — Ela deu um passo em direção à casa. — Divirtam-se no dique.

— Pode deixar — Dax disse, e o jeito como ele mexeu os lábios deu a entender a Celeste o que ele tinha em mente.

— Sabe, agora está escurecendo mais cedo — Nan continuou. — Então não perca tempo. Vocês vão querer ver os barcos no Mississipi e as flores do campo que ainda brotam perto da cana-de-açúcar. — Ela olhou para as folhas vermelhas atrás de Celeste. — Mas, por outro lado, não há nada por lá que seja mais lindo que as poinsétias. Em todas as fotos de casamento de vovó estes arbustos enormes formaram um pano de fundo vermelho vibrante. Ela disse que se casou no Natal para poder exibir as flores.

— Tecnicamente, não são flores...

— Ah, cale a boca — Nan interrompeu Dax. — Eu sei que não são flores, mas para mim é o que parecem, e são ainda mais lindas que flores de verdade.

— Sim, senhora — ele disse enquanto ela começava a se afastar.

— Muito bem, sabidão, já basta. — Ela subiu os degraus da entrada. — Aliás, fico feliz por você estar aqui, Celeste. É bom ver Dax sorrir outra vez. E se você tiver uma chance de voltar para o lado de cá, adorariamos recebê-la.

A porta bateu quando Nanette entrou em casa, e Celeste estremeceu.

— O que foi? — ele perguntou. — Está com frio?

Ela sorriu.

— Não. Acho que não tenho como pegar um resfriado agora.

— Então o que foi?

— Acho que estou com um pouquinho de medo — ela disse sinceramente. Não era medo do que estava para acontecer, mas por não saber e, aparentemente, não ter controle sobre o que poderia acontecer. — Sabe de uma coisa engraçada que me veio à mente agora?

— O quê? — ele perguntou, e se aproximou dela com as mãos devidamente enfiadas nos bolsos.

— Eu disse a Nelsa que, no dia em que eu me casasse, queria uma festa no Natal. As damas-de-honra estariam usando vermelho e carregando poinsétias. Nem sabia que elas cresciam tanto, nem que eu iria querer me casar em um lugar onde poderia me cercar delas, como aqui. — Ela tentou imaginar como seria ter aqueles arbustos vermelhos de tom ainda mais vibrante cobrindo a velha casa como um cobertor floral. Seria um cenário e tanto para um casamento no Natal, do tipo que Celeste sempre quisera.

E agora ela não via apenas um casamento no Natal com poinsétias e vestidos vermelhos, mas também a imagem de seu noivo, Dax... esperando para lhe dar o que ela sempre quisera...

CAPÍTULO ONZE

Dax admirou a beleza dos cabelos brilhantes de Celeste ondulando ao vento enquanto ela olhava para o Mississippi, que remexia suas águas escuras e as jogava suavemente contra o dique. Era uma imagem incrível, a mulher que amava no lugar que amava.

Apesar de sua estrutura capenga, a fazenda Vicknair se estendia majestosamente ao lado deles, e do outro lado havia as águas do Mississippi. Ao longe, barcas seguiam ruidosamente pelo rio, e a brisa do fim da tarde envolvia a atmosfera. O céu estava gradualmente ganhando o típico tom de entardecer da Louisiana, um tom de azul-escuro misturado a roxo e cor-de-rosa.

E no meio de tudo estava Celeste.

— Que incrível — ela sussurrou. A cana-de-açúcar se dobrava gentilmente ao vento que assoviava. — É de tirar o fôlego.

— Exatamente o que eu estava pensando.

Ela sorriu, esticou os braços e sentiu a brisa bater em sua blusa folgada. O tecido contornava as curvas dos seios, ressaltando os mamilos intumescidos.

Dax sentiu o desejo pulsar em sua virilha. Ele olhou para a casa, para a longa estradinha de cascalho, depois para a Estrada River, que separava o terreno dos Vicknair do dique. Olhou para baixo e viu que ela estava descalça.

— Não parei para pensar que você estava descalça — ele disse, ajoelhando-se.

— Mas não dói — ela disse, ainda admirando o cenário ao seu redor. — É tão lindo aqui. Quero me lembrar disso para sempre, Dax.

Ele não levantou os olhos. Continuou olhando para os pés dela e deu graças por conseguir esconder como era dolorosa a realidade. Ela queria se lembrar daquilo por presumir que nem sempre poderia ver as belezas do mundo dos vivos.

— Ah, Dax, veja o sol agora — ela disse.

Ele viu que o sol baixara um pouquinho e sua cor passara de amarelo dourado para laranja encorpado, fazendo um contraste impressionante com os tons de azul, púrpura e rosa que cercavam o céu. Ela estava certa, era lindo mesmo. Mas ele não conseguia parar de pensar no tempo que restava para essa visita, que sem dúvida estava se esgotando, e no fato de ele ainda não saber como fazê-la retornar.

Ela se ajoelhou ao lado dele e sorriu.

— Evidentemente, quem quer que decida as roupas que uso resolveu que eu

não precisava de sapatos. Ei, pare de se preocupar. Não dói nada.

— Eu devia ter me oferecido para carregá-la.

— Meio difícil sem usar as mãos, não acha?

— Inferno. — Mais uma vez a realidade da situação se abateu sobre Dax.

— Um dia vou carregar você.

— É uma promessa? — Os olhos dela, já um pouco mais escuros do que estavam na cozinha, cintilaram, e suas longas madeixas cacheadas caíram soltas sobre os ombros. Ele queria passar os dedos naqueles cabelos.

— É, sim. — Ele não sabia como, mas um dia, de um jeito ou de outro, ele ia carregá-la nos braços, e amá-la... para sempre.

— Mas e hoje? Quais são seus planos para mim hoje, Dax Vicknair? Como você se esqueceu de me carregar e tudo mais, apesar de eu me sair bem andando com as próprias pernas, ainda acho que você está me devendo alguma coisa. — Ela lhe tocou o queixo com o dedo e aproximou os lábios, gemendo de prazer quando ele abriu a boca e suas línguas se encontraram.

Dax aceitou aquele beijo de modo esfomeado, quente, potente e irresistível enquanto agarrava a terra com as mãos. Se não fizesse isso, acabaria por agarrá-la e não soltar mais. E sabe-se lá o que as forças superiores fariam se ele ignorasse a regra de modo tão petulante. Eles poderiam levá-la para sempre, e Dax não queria correr o risco.

Ela terminou o beijo, lambeu os lábios e olhou para o cobertor dobrado que ele trouxera do carro e esticara no chão ali perto. Ele já sabia que acabariam fazendo amor em algum momento do passeio, e queria tornar a coisa o mais confortável possível para ela. Porém, depois de saber que ela não sentia dor nos pés descalços, pensou que talvez ela nem precisasse do cobertor.

— Se você não precisa disto... — ele começou.

Ela levou o dedo aos lábios dele.

— Não preciso, mas foi lindo da sua parte trazer o cobertor. Por isso, quero usá-lo. — Seu toque, como sempre, chamecou os lábios úmidos de Dax, que sugou a ponta do lábio dela.

— Impressionante, não é? — ela perguntou. Ele lhe beijou o dedo.

— O quê?

— O jeito como as coisas são entre a gente. O calor que eu sinto quando toco você, e quando você me toca, não é normal, é?

Ele sorriu.

— Bem, com certeza não é nada que eu tenha vivido antes.

— Nem eu. Fico imaginando... será que se eu estivesse viva a coisa seria tão quente assim?

— O que você acha? — ele perguntou, e chegou o rosto mais perto do dela, tão perto que ele murmurou as palavras seguinte de encontro a seus lábios. — Você acha que existe alguma forma de tornar as coisas mais quentes entre nós?

— De jeito nenhum — ela disse, sorrindo. — Mas posso pensar em algo que não fizemos ainda e que pode tornar a coisa ainda mais quente.

Ele engoliu em seco e ficou pensando... Celeste sem dúvida lhe lera os pensamentos.

— Vou tomar cuidado — ela disse. — Se eu me sentir sendo puxada de volta, direi.

— Não estou pronto para deixar você partir, e talvez não consigamos nos controlar depois que a coisa esquentar para valer.

— Mas você não está se negando — ela disse, e não foi uma pergunta. — Quero você dentro de mim, Dax, seja como for. E se eu sentir que estou sendo puxada, nós desaceleramos.

Ele sorriu.

— Então quer dizer que, no calor do momento, quando você disser para desacelerar, eu simplesmente... paro. E pronto.

— Você pode, não pode?

— Posso tentar. Mas vou lhe dizer que não será fácil.

— Bem, talvez você nem precise parar. Eu descansei e estou sem dúvida pronta para gastar um pouquinho de energia.

— Um pouquinho?

— Tudo bem, bastante. — Ela se levantou e desdobrou o cobertor, segurou ao vento e soltou no chão atrás de uns arbustos que ainda tinham algumas folhas. Então ela se ajoelhou e fez sinal para que ele a acompanhasse.

Dax deitou lentamente junto a ela e levou a boca ao pescoço dela, afastando os cabelos com o nariz enquanto esfregava os lábios suavemente ao longo do pescoço e debaixo da orelha. Ela esfregou o corpo ao dele, sentindo um ardor cada vez maior a cada movimento. Dax se afastou dela e olhou em seus olhos.

Tinham um tom cinzento esfumado. A luz cintilando ao redor dela estava um pouco mais forte também, mais para amarelo-claro do que o brilho cremoso de antes.

Ela estava ficando fraca.

Ele lambeu os lábios, engoliu em seco e pensou se havia alguma possibilidade de fazer aquilo, de fazer tudo, sem perder todo o tempo que ela ainda tinha.

— Não — ela disse. — Nem pense agora em parar, Dax. Eu preciso de você. Por favor, eu lhe digo quando tiver de parar.

— Você me diz — ele repetiu.

Ela fez que sim e agarrou a gola da camiseta de Dax, puxando-a pela cabeça e tocando a pele dele, tudo em um só movimento. O calor que eles emanavam juntos fez Dax sentir o corpo e a mente latejarem de desejo. Ele precisava ser um só com ela, mas também precisava mantê-la ao seu lado.

— Celeste.

Ela não respondeu. Simplesmente puxou o corpo para baixo e rapidamente tirou os sapatos dele, as meias, e passou à calça jeans com suas mãos ávidas e trêmulas.

— Não fale — ela disse. — Deixe-me ter você, Dax. Deixe-me estar com você e saber como é, por favor.

Inferno, ele não queria negar nada a ela, mas e se ela fosse levada?

— Você também me deseja — ela disse enquanto tirava a calça. Então ela levou a mão ao coração dele e novamente o calor penetrou todo o corpo de Dax enquanto ela descia com a mão por seu abdômen, alcançando sua ereção. — Não deseja?

— Sim, mas...

Ela balançou a cabeça, fazendo girar aquelas longas espirais, e tirou a blusa transparente.

— Nem mais nem menos, Dax. Eu vou dizer quando começar a me sentir fraca. Quero estar com você, e não me perdoarei se tiver de partir novamente sem saber como é sentir você dentro de mim. — Então ela se levantou e se livrou da própria calça, e da calcinha, expondo-se, ousada e lindamente nua para ele.

— Eu quero você, Dax.

As palavras dela eram sinceras, Dax não tinha dúvida, mas também traziam um traço de apreensão.

Ela estava nervosa, e se era por fazer amor ou pela possibilidade de ser puxada durante a relação, ele não sabia. Mas ele estava pensando em ambas as coisas.

Celeste se deitou ao lado dele no cobertor e lhe beijou os lábios delicadamente. Então, o fez deitar, de modo a ela ter o controle.

Dax cravou as mãos no cobertor e usou a boca, a coxa, o corpo para se mexer junto a ela. Os olhos de Celeste estavam cinza-escuros, e ele conteve o ímpeto de dizer a ela para desacelerar. Ela precisava daquilo e não queria que ele a fizesse parar. Dax simplesmente tinha de observá-la e tentar protegê-la caso ficasse com os olhos negros, chegando perto demais de passar para o outro lado.

Enquanto ela permanecia sobre ele, os cachos dourados caíam em cascatas sobre os seios e roçavam no peito de Dax. O calor quente com o qual ela o envolvia o deixava a ponto de explodir.

Ele trincou o maxilar, tentando se controlar. Ela precisava fazer a coisa no ritmo dela, e, se ele a apressasse, causando sua partida mais uma vez, jamais se perdoaria. Devagar era melhor, desta vez.

— Celeste?

— Sim?

— Não costumo ser tão... ansioso, mas quero tanto você, Celeste, que não sei quanto tempo mais vou agüentar...

— Acho que, quando você me tocar, vou explodir. Mas isso nem deve ser ruim desta vez, pois a ajuda a ficar mais tempo aqui.

Ela pôs as mãos no peito dele, rindo.

— Imagino quantos caras usam esta desculpa para justificar a própria ansiedade na cama — ela brincou, e engrossou a voz, imitando homem. — Querida, eu podia agüentar o dia inteiro, mas vou fazer rapidinho para você não ser puxada para o lado de lá.

O senso de humor desavergonhado dela o surpreendeu e deliciou. Sem querer, ele havia aliviado o nervosismo dela, e seus olhos, felizmente, ficaram mais claros quando ela riu.

— Para seu governo — ele disse. — Eu consigo segurar, mas desta vez...

Ela se debruçou e, ainda sorrindo, beijou-lhe a boca. O beijo começou como uma brincadeira, ela lambendo sua boca e dando risadinhas, mas Dax sentiu que o desejo dela estava aumentando e o beijo ficando mais quente.

Ela mexia o corpo em perfeita harmonia com os movimentos de sua língua na dele. Ela gemeu, e aquele som sedutor atigou todas as partes do corpo dele também. Suas mãos doeram de vontade de tocá-la, assim como seu membro doía de vontade de penetrá-la. Mas não era ele quem estava no controle. Tudo dependia da vontade de Celeste.

E, como se escutasse os pensamentos dele, ela terminou o beijo e perguntou:

— O que você quer, Dax?

— Eu quero tudo. Ela deu um sorriso maroto.

— Tudo bem. O que você quer primeiro?

Ele olhou para os mamilos rosados. Ela então se debruçou sobre ele, oferecendo-lhe um dos mamilos intumescidos.

Dax não perdeu tempo e começou a sugar o mamilo entre os dentes. Ela arqueou as costas de imediato e ele sentiu que o desejo dela só fez aumentar.

Ela começou a mexer os quadris, tremendo de ansiedade pelo que logo fariam, e Dax entendeu que ela estava criando uma doce fricção entre a carne dele e o âmagô dela, o que quase a levaria ao orgasmo. Ele voltou sua atenção para o outro seio, lambendo-o, mordiscando-o, até sugá-lo entre os dentes. Desta vez não havia como negar que ela estava quase chegando lá.

— Dax — ela arfou. — Eu preciso... — ela mexeu o corpo para cima e para baixo, atigando-o —... de você. — Então, ela recebeu a ponta do membro e parou, no limite do êxtase.

Ele se forçou a olhar para os olhos dela, mas estavam fechados. Estariam muito escuros?

— Celeste... Celeste... — ele repetiu.

Ela olhou para ele, e os olhos estavam escuros como carvão.

— Eu... — o rosto dela ganhou uma expressão tensa. Dax congelou. Ele não

queria machucá-la. Ele olhou para baixo e viu que mal a havia penetrado.

— Celeste, podemos parar... — Ele não fazia idéia se a tensão era de dor ou medo, mas de um jeito ou de outro, por mais que lhe doesse, ele podia parar, por ela.

Ela deu um breve sorriso.

— Faz muito tempo — ela disse. — Desculpe por ser tão difícil.

— Não, não peça desculpas. — Ele sentiu o suor se formando sobre sua testa e lábio superior. Quanto tempo ele conseguiria ficar daquele jeito? Ela estava ficando mais quente agora, e Dax sentiu que ela se abria, pronta para ele.

— Celeste, talvez não devamos fazer isto agora. Não quero machucar você, nem fazer você passar para o outro lado.

— Eu preciso de você. Preciso sentir como é ter você dentro de mim, Dax, mesmo que seja uma vez só. Não quero parar, mas... — Para horror de Dax, ele viu lágrimas em seus olhos.

Ela o desejava, a despeito da dor. Mas ele não tinha dúvida de que ela não devia forçar. Seus olhos agora estavam ficando turvos, provavelmente por causa de sua determinação em fazer aquilo dar certo, e em fazer amor ao menos uma vez antes de partir.

Ele não podia negar o que ela queria, e achava que sabia de um jeito que poderia aliviar a dor que ela estava sentindo.

— Celeste?

— Vou conseguir — ela disse, e forçou mais, e fez uma careta. — Eu quero. Eu quero você, Dax. Mesmo. Só não estou acostumada. E, sinceramente, você é muito grande.

Ele não conteve o sorriso.

— Eu também quero você, mas você não está pronta.

— Estou, sim.

— O que quero dizer é que você está pronta emocionalmente, mas não fisicamente. Acho que consigo ajudar.

Ela apoiou as mãos no peito dele e lentamente se ergueu um pouco.

— Como?

Dax mexeu os quadris para sair totalmente de dentro dela.

— Deixe-me ajudá-la a ter um orgasmo, Celeste. É disso que você precisa para eu poder entrar. — Ele lambeu os lábios. — Deixe-me provar de você, chère, e lhe ajudar a ter prazer.

Ela se sentou.

— Vire-se — ele disse.

Ela arregalou um pouco os olhos negros, mas fez o que ele pedira. Então, para completo choque e deleite de Dax, ela anunciou:

— Se vamos fazer assim, então também quero provar de você. — Ela se virou e levou a boca à ponta do membro dele, posicionando seu doce cerne sobre a

boca dele, onde ele a queria. Ela já estava excitada, e Dax não teve dúvida de que poderia deixá-la louca e pronta para recebê-lo.

Ela o lambeu desde a base, beijou-o por toda a extensão. Lambeu a ponta e o tomou por inteiro. Enquanto isso, Dax beijava sua parte mais íntima, lambia e mordiscava, abrindo caminho até o ponto mais sensível que lhe daria aquilo de que ela precisava. Dax sentiu que a respiração dela foi ficando mais pesada à medida que ele acariciava o clitóris. Continuou até ela enrijecer o corpo inteiro e ele sentir as convulsões e o doce aroma do orgasmo de Celeste.

Ela já havia parado. Estava totalmente absorta no que ele fazia, mas tudo bem. Desta vez ele queria chegar ao orgasmo... ali mesmo. Ele a tocou no ponto certo, e foi recompensado com o segundo orgasmo seguido dela.

Mais um beijo em seu âmago e ele perguntou:

— Acha que está pronta para me receber agora, Celeste?

Ele não precisou perguntar duas vezes. Desta vez, quando Celeste trocou de posição, para o deleite de Dax, ela o recebeu facilmente. Ela então olhou para ele com olhos quase tão negros quanto ele temia.

— Celeste, nós precisamos...

Ela se perdeu no ritmo intenso, gemendo cada vez mais alto a cada investida dele.

— Não pare. Eu quero sentir... quando acontecer. Quero receber tudo... Quero você dentro de mim, sentir seu orgasmo dentro de mim.

A espiral de prazer foi crescendo e queimando mais e mais, até que Celeste jogou os cabelos para trás, empinou os seios e gritou o nome dele.

A visão da mulher que ele mais queria no mundo perdendo completamente o controle com ele e se entregando daquele jeito, dando-lhe tudo que ele queria havia tanto tempo, levou Dax à loucura.

— Eu amo você, Celeste — ele disse, desesperado para que ela soubesse de seu amor. — Eu amo... você. — O orgasmo o atingiu como um foguete, e a ela também, e então a luz do espírito dela o cegou, e seus olhos negros lhe penetraram a alma. Ela gritou o nome dele mais uma vez e... desapareceu.

Celeste despertou ao ouvir uma risada. Sentiu algo de cálido no ambiente.

Dax passou o antebraço na testa suada e olhou para as pilhas marrons e douradas de folhas de magnólia que se alinhavam pela entrada para carros. Ele podia ter esperado até sábado, quando todos os primos vinham para a fazenda para o trabalho semanal. Sem dúvida o trabalho não teria sido com a ajuda de mais mãos, mas seus músculos não estariam doendo, suas costas não estariam latejando e seu corpo não estaria coberto de suor.

No momento ele queria sentir dor e ficar suado. Ele queria que seu corpo sentisse o mesmo tipo de infelicidade que sua alma sentia.

Pelas últimas três semanas, desde o dia em que Celeste desaparecera, ele trabalhou 16 horas por dia, seis dias por semana, em um esforço para se manter

tão ocupado que não se lembraria de como era forte aquela dor que sentia.

Mas não adiantou. Ele só tivera mais tempo ainda para pensar nas poucas e preciosas horas que havia passado com Celeste, e pensar em como sua vida seria árida sem ela.

E se eles tivessem exaurido seu espírito de modo permanente após sua última visita? Será que ela havia passado de vez para o outro lado por não ter mais forças para resistir?

Ele soltou o ancinho, tirou as luvas e as jogou longe, e então viu o carro de Nanette vindo em direção à garagem. Ela diminuiu a velocidade ao se aproximar, baixou a janela e limpou a garganta.

— Hoje é quarta-feira — disse ela.

— Sim. — Ele realmente não estava com clima para papo-furado.

— Certo. Estamos no meio da semana e parece que você não foi trabalhar hoje. E a julgar por essas pilhas, você deve ter passado a tarde catando as folhas. Ao ver que Dax não disse nada, ela continuou:

— Bem, fico feliz por você finalmente decidir tirar um dia de folga. Você tem trabalhado feito louco nas últimas semanas.

— Nem tanto. E não foi minha intenção tirar o dia de folga. Meu supervisor regional me mandou descansar pelo resto da semana e na semana que vem. Parece que ele estava cansado de explicar para as pessoas por que eu estava aparecendo o dobro de vezes que o normal.

Ela deu um sorriso forçado.

— Bem, que bom para seu supervisor regional. Mas se devia estar relaxando, preciso dizer que você faz isso de um jeito bem estranho. Por que não esperou para todos fazermos isso juntos em vez de fazer sozinho?

— Porque não quis. — Ele podia ter dito mais, mas, dentre as coisas que não queria fazer, conversar sobre Celeste estava no topo da lista.

— Está certo. Bem, vou começar a fazer o jantar. Tive um dia infernal na escola, aliás, caso esteja interessado. Um dos alunos acelerou em vez de frear quando estava estacionando e enfiou o carro em uma parede perto da minha sala de aula.

Dax arregalou os olhos.

— Ele está bem? Ela riu.

— Está, sim. Abalado, mas bem. Não se preocupe, ele não vai visitá-lo tão cedo.

— Que bom. — Dax estava contente de saber que o garoto estava bem, mas esperava receber visita de algum fantasma em breve. Achava que isso aumentaria as chances de rever Celeste.

— Deixe essas folhas aí, depois nós as ensacamos — disse ela, e foi estacionar o carro.

Dax decidiu aceitar a oferta. Passara a maior parte da tarde com o ancinho

na mão e estava pronto para entrar e relaxar. Tudo bem que agora era novembro, e na Louisiana alguns meses podiam ser mais frios, mas todos eles se enquadravam na mesma classificação: quentes.

Ele pegou as luvas e bateu com elas na calça jeans para tirar o excesso de terra, pegou o ancinho e foi em direção ao galpão atrás da casa. Ao fazer a curva da varanda, ele parou de caminhar para ver a cena. Vermelho. Para toda parte. As premiadas poinsettias da avó resplandeciam de tão vermelhas e formavam uma torre junto à lateral da casa. Daria uma boa foto de revista de decoração. Vovó Adeline ficaria orgulhosa. E Celeste ficaria impressionada.

"Eu disse a Nelsa que, no dia em que me casasse, queria uma festa no Natal. As damas de honra estariam usando vermelho e carregando poinsettias."

Com as palavras de Celeste ecoando em seu pensamento, Dax se afastou das poinsettias e seguiu rumo ao galpão. Lá deixou as luvas e o ancinho, e então entrou pelos fundos da casa. Ele não queria passar por aquelas poinsettias outra vez.

Nanette estava de pé perto do fogão e usou uma colher para colocar o arroz dentro de duas tigelas fundas, depois cobriu com a sopa de mariscos que estava dentro de uma enorme panela de ferro preto. Ela sorria luminosamente ao se virar.

— Você cozinhou, e o cheiro está delicioso.

Dax fez que sim com a cabeça. Ele fizera de tudo para se manter ocupado ao longo do dia. Cozinhar o quiabo foi só uma pequena parte disso. Ele também começou a lixar o chão do antigo salão. No momento, não passava de mais um recinto vazio precisando de reparos. Ainda bem que não faltavam reparos a fazer na casa, assim ele poderia encontrar sempre algum trabalho para tirar Celeste da cabeça. Mas, por outro lado, nada disso dera certo, dera?

Nanette levou as tigelas para a mesa e pegou bebidas na geladeira.

— Vamos, estou morrendo de fome.

— Preciso tomar um banho rápido antes, depois descerei.

— Bem, ande logo, antes que o quiabo esfrie.

Ele fez que sim com a cabeça, saiu da cozinha e foi para seu quarto sem se importar se o quiabo ia esfriar ou não. Ele estava sem apetite nenhum para nada que não fosse... Celeste. Sua fome por ela era bem palpável, e talvez jamais viesse a ser satisfeita.

Com isso ainda em mente, ele entrou debaixo do chuveiro. A medida que cada gota de água lhe cobria a pele, Dax se lembrou das mãos trêmulas de Celeste, de sua boca quente, de seus beijos doces. Fazia três semanas e ele não passara um só minuto sem pensar nela. No momento, na verdade, podia vê-la com muita clareza e do mesmo jeito que ela estava quando fizeram amor. Aqueles cachos dourados caindo em desalinho pelo corpo que se remexia sobre o dele, sua boca lhe acariciando o pescoço, esfregando-se nele... Ele podia quase ouvir o

gemido suave de Celeste se transformando em suspiros incisivos ao se aproximar do clímax.

Dax abaixou a cabeça e fechou os olhos sentindo a água quente lhe caindo sobre o corpo, levou a mão ao sexo e sucumbiu a seus desejos mais básicos.

Quando voltou à cozinha, Nan já estava lavando o prato em que comera.

— Não resta dúvida de que sua idéia de banho rápido é bem diferente da minha. Achei que você fosse descansar um pouco, por isso pus seu quiabo na geladeira, mas posso esquentar para você, se quiser.

— Não, obrigado — disse ele. Infelizmente, mesmo depois de seu clímax, seu apetite estava voltado para apenas uma coisa. Celeste.

Seu toque. Seu sorriso. Seu beijo.

Ele se sentou à mesa e pegou a pilha de cartas no meio. O que ele mais fizera ao longo do dia foi ler e reler as cartas do sótão. Estava convencido de haver deixado passar alguma coisa. Sua avó dissera que ele e Nanette encontrariam o que precisavam no sótão. Se por um lado Dax sabia que as cartas ajudariam Nanette com sua requisição de status de imóvel histórico, se ela resolvesse torná-las públicas, por outro lado não encontrara nada que ajudasse a trazer Celeste de volta.

— Ainda tem esperança de achar alguma coisa? — perguntou ela, secando as mãos em um pano de prato e depois se sentou à mesa ao lado dele.

Ela olhou por sobre o ombro dele para a carta em sua mão e franziu a testa.

— Ainda não estou disposta a mostrar as cartas a ninguém. Talvez não seja preciso.

— Talvez não — respondeu Dax. — Acho mesmo que é isso que ela quer que usemos, a despeito do que você escolha. Ela disse que o que eu e você queríamos estava no sótão. Sei que ela estava falando destas cartas.

— Talvez ela não estivesse falando de você trazer Celeste de volta. Talvez ela só estivesse falando da questão da casa e tenha usado meu nome e o seu porque somos nós quem estamos mais empenhados em procurar as provas de que havia alguém morando aqui durante a Guerra Civil.

Dax não acreditava. Sua avó dissera que o que Nan e Dax queriam estava no sótão. Ela sabia o que Nan queria, ou seja, provar que a casa era habitada na época, e sem dúvida Adeline Vicknair também sabia o que Dax queria.

— Não. Ela me incluiu por causa de Celeste. Tenho certeza. Só tenho de entender como usar essas cartas para me ajudar a saber onde ela está e por que não consegue se lembrar do que acontece quando está lá.

Eles continuaram a examinar as cartas. A essa altura ele já conhecia todas quase de cor e não havia nelas qualquer referência a espíritos presos no meio-termo. Todo fantasma mencionado por sua tataravó representava tão somente outra missão, eram espíritos que precisavam de ajuda para encontrar a luz.

— Você já voltou ao sótão? — perguntou ela. Dax balançou a cabeça.

— Não, por quê?

— Talvez você esteja certo. As cartas são o que eu precisaria se fosse apresentá-las à sociedade histórica, coisa que não vou fazer — disse ela. — Mas talvez haja algo a mais para você no sótão. Quer dizer, você parou de procurar depois que encontrou as cartas, não é mesmo? Talvez haja alguma outra pista que o ajude a encontrar Celeste. Ou talvez o que você precisa esteja entre as coisas que Monique e Ryan levaram.

— Não, pensei nisso. Eles já haviam levado as coisas que queriam antes de vovó Adeline mandar o bilhete. Ela sabia o que havia lá, e sabia que o que eu precisava estava lá.

— Tudo bem, então ainda está lá. Você não acha que, se o que você procura estivesse nessas cartas, nós já teríamos encontrado?

Dax olhou para os olhos verdes dela cheios de animação. Ela ficou de pé e segurou o braço dele.

— Vamos lá. Se você não vai mesmo comer, não há razão para ficarmos na cozinha enquanto podemos estar procurando seja lá o que for no sótão. Além disso, agora estou curiosa. Vamos dar uma olhada.

Ele soltou a carta que estava lendo compenetradamente no alto da pilha.

— Sei que é um tiro no escuro, mas você pode estar certa. Parei de procurar depois de achar essas cartas.

— Exatamente. — De repente, cheia de energia para uma mulher que passou o dia dando aula para adolescentes do ensino médio, ela foi para o terceiro andar subindo os degraus de dois em dois. Quando chegaram ao corredor que levava ao sótão, ela ficou de lado, abrindo caminho para ele.

— Você vai ter de puxar a corda. Eu não alcanço. — Ela apontou para a fina corda pendurada no teto.

Ele puxou a corda e abriu caminho.

— Senhoras primeiro. — Fez um gesto com a mão convidando Nanette a subir a escada.

— Bem, até que temos um cavalheiro nessa família hein? — Ela começou a subir com Dax vindo logo atrás.

— Ora, só estou deixando você ir na frente porque lá em cima é bem escuro — disse ele, e riu quando ela ameaçou lhe dar um soco.

— Palhaço.

Eles entraram no recinto empoeirado e Nan rapidamente localizou a cordinha para acender a única lâmpada que havia.

— Achei que você tinha coberto esse móvel depois de terminar no outro dia — disse ela apontando para o armário, que era a única peça do sótão que não estava coberta por um lençol ou por plástico.

— Mas eu cobri. — Dax se aproximou do móvel.

— Será que escorregou? — perguntou ela, e logo em seguida localizou o lençol perfeitamente dobrado. — Eu... acho que não.

— Não coloquei o lençol de volta? — perguntou ele, mas sabia que havia colocado.

— Mesmo que não tivesse, você jogou todos os lençóis de lado quando ainda estava procurando pelos móveis. Eu me lembro. E esse lençol não estava amarrotado, estava dobrado. E com capricho. — Ela parou por um momento, se abaixou e pegou a ponta do lençol branco. Com o mesmo capricho que vovó sempre dobrava as coisas, eu diria.

Dax sentiu uma leve pontada de adrenalina ao se dar conta de que ainda havia algo a ser descoberto e abriu a primeira gaveta, enfiando a mão dentro dela. Estava completamente vazia.

— Tem alguma coisa aqui — disse ele, ciente de que a avó estava tentando ajudá-lo. — Só precisamos encontrar.

Nanette abriu a comprida porta que compunha um dos lados do móvel e começou a procurar por vários edredons e cobertores velhos.

— Concordo. Ela quer que encontremos algo mais, mas o quê?

Todas as gavetas estavam antes cheias de cartões e cartas, mas Dax os havia retirado de lá. Mesmo assim, abriu a próxima gaveta, enfiou a mão, e ela também estava vazia.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou enquanto Nanette tirava o último dos edredons e colocou no chão ao lado dela. Ela passou as mãos pela base e pelas laterais de madeira.

— Achei que talvez houvesse algum tipo de fundo secreto aqui, sei lá — disse ela. — Mas não estou achando nada.

Dax olhou para Nanette, que ainda estava com a calça que usara para ir à escola, agachada no chão sujo, passando as mãos naquele móvel velho e empoeirado, tentando achar algum fundo falso ou esconderijo. Seu cabelo preto tinha qualquer coisa acinzentada em um dos lados e ele apostou que fosse uma teia de aranha.

Ele riu. Não teve como evitar. Esta era Nan, a irmã e prima mais velha, aquela que sempre quis bancar a mais forte e mais durona da família na hora de lidar com os espíritos e respeitar as regras, mas de vez em quando seu lado mais delicado aparecia, e agora era um desses momentos.

— Você está rindo de quê? — ela perguntou, levantando uma das sobrancelhas curvas.

— Você está procurando um fundo falso. Está achando que vai encontrar um leão e uma bruxa aí dentro?

Ela riu alto.

— Nunca se sabe.

— E também porque tem uma teia de aranha em seu cabelo. Tudo que eu

queria agora era uma câmera.

Ela passou as mãos no cabelo, pegou a teia e limpou os dedos.

— Que nojo.

— Era exatamente isso que eu estava pensando. — Ele se abaixou e tocou-lhe o ombro. — Mas realmente fico muito grato por você me ajudar, Nan.

Ela sorriu.

— Não há de quê.

Então eles ouviram uma batida forte que vinha de dentro do armário.

— Você ouviu isso? — perguntou ela.

— Ouvi... de onde veio?

Ela inclinou o corpo em direção à parte comprida do armário, onde ficavam os edredons e cobertores.

— Acho que, talvez, daqui de dentro, não? — Passou as mãos na parte de dentro mais uma vez, mas balançou a cabeça com pessimismo ao ver que, aparentemente, nada havia de diferente.

Dax havia vistoriado todas as gavetas, menos a debaixo. Ele tentou abrir, mas estava presa. Puxou de novo, e desta vez conseguiu.

Nanette se debruçou sobre Dax e sua sombra tornou impossível para ele ver a parte de dentro, então passou a mão pela base para ter certeza de que não deixou de reparar em nada. Não que estivesse esperando encontrar algo, pois se lembrava perfeitamente de ter feito a mesma coisa quando encontrou as cartas.

Contudo, ao procurar bem no fundo da gaveta, ele se deu conta de que havia algo diferente; o fundo não era de madeira como o resto do interior das gavetas. Não, aquilo era algum tipo de cobertura de tecido, e Dax ficou surpreso de não haver reparado antes.

— Espere aí, encontrei alguma coisa — disse, avançando com a mão no tecido até encontrar a borda. Percebeu que aquilo não era só um tecido que cobria o fundo da gaveta; era algo que estava tampando uma fenda. Ele conseguiu enfiar os dedos pela fresta e assim puxou um... livro.

Nan recuou para que a parca luz alcançasse o objeto e os dois ficaram olhando para o livro gasto nas mãos de Dax. A capa era revestida por um tecido cor-de-rosa, no meio da qual havia três palavras escritas com uma caligrafia rebuscada e estranhamente semelhante à de sua avó.

Até você voltar.

Dax abriu o livro, inclinou na direção da luz e leu em voz alta:

— "Primeiro de maio, 1863. Meu querido John-Paul, guardar os segredos dos Vicknair sobre os queridos espíritos é uma função que escolhi por livre e espontânea vontade ao me tornar sua esposa. Contudo, não sabia que também devia manter suas visitas em segredo. Por dois anos sonhei estar com você do modo que uma esposa precisa estar com o marido, e pelas últimas duas semanas eu estive, quase todas as noites. Essa casa está tão vazia com você na guerra, e

minha alma fica arrasada com a quantidade de espíritos de soldados que precisam de ajuda para achar o caminho da luz. Estar com você desse jeito mais uma vez torna a coisa suportável. Só gostaria de saber como poderíamos superar os obstáculos e como tornar suas estadas mais prolongadas. Sinto tanto sua falta quando você não está aqui, John-Paul."

— John-Paul — repetiu Nanette. — Este é o marido dela, e em 1863 ainda devia estar lutando na guerra.

— Mas ele a estava visitando. Ou melhor, seu espírito a visitava — disse Dax, sentindo o sangue pulsar energicamente em suas veias. — É isso, Nan. — Ele apertou os olhos para ler a escrita apagada na página consumida pelo tempo e a levou em direção à luz. — Droga, mal consigo ler o resto.

— Vamos levar isso lá para baixo, onde é mais iluminado.

Nan atravessou o sótão e desceu rapidamente a escada, e Dax foi logo atrás.

— Aqui — disse ele quando chegaram à sala de estar do segundo andar.

Os dois entraram na sala, mas, em vez de achar o lugar vazio, encontraram Ryan e Monique aconchegados no sofá e olhando para o jogo de chá.

— Ryan está esperando por seu primeiro fantasma! — disse Monique.

— Ele chegou do trabalho e disse que estava ouvindo martelos e serras o dia inteiro, mas não aqueles que escuta trabalhando com telhados. Foi quando entendi. Agora que estamos casados, ele também vai começar a receber fantasmas. — Ela apertou o marido carinhosamente e deu um amplo sorriso. — E eu quis estar com ele ao receber sua primeira missão.

— Martelos e serras? — perguntou Nan.

— Estou pressupondo que ele vá receber espíritos que tenham se machucado em acidentes de construção ou algo assim, você não acha? Faz sentido, não? — perguntou Monique.

— Creio que sim — disse Nan.

— Quem diria que meses atrás era eu o fantasma que precisava de ajuda, e agora estou prestes a ser aquele que vai ajudar? — Ryan beijou Monique de leve.

— Ei, o que é isso? — perguntou Monique, esticando o pescoço para dar uma olhada no livro na mão de Dax.

— Talvez tenhamos encontrado um jeito de trazer Celeste de volta — disse Nanette.

Ao ver a expressão chocada de Monique, Dax acrescentou:

— Depois explico. No momento preciso ler isso. Boa sorte com sua primeira missão, Ryan.

— Obrigado.

Nanette e Dax deram meia-volta e começaram a descer as escadas.

— Ryan agora é médium — sussurrou ela. — Eu ainda nem tinha me dado conta...

— Que nossos cônjuges se tornam médiuns com o casamento? — perguntou Dax. — Nem eu. Quer dizer, jamais pensei nisso, mas nossos pais eram médiuns. E obviamente — ele levantou o livro — Clara Vicknair se tornou médium através do casamento.

— Eu sei. Só não havia pensado nisso em termos de o meu futuro marido ser médium, mas faz sentido.

Quando chegaram à entrada, ela foi direto abrir a porta da frente.

— A varanda. Aqui teremos tranqüilidade, e a luz externa nos ajudará a ler melhor.

Dax seguiu-a, sentou-se em uma cadeira de balanço e abriu o livro enquanto Nanette pegava outra cadeira e se sentava perto para ver também.

Examinaram as páginas seguintes e ficaram sabendo que John-Paul visitara Clara novamente dois dias depois, e de novo após três dias. Clara sempre discutia a guerra e principalmente o ataque de surpresa em Vicksburg.

— Que triste — sussurrou Nanette.

— O quê?

— Que tantas vidas tenham se perdido nessa época. Leia isso aqui. — Apontou para a página atrás da que Dax estava examinando e ele voltou a atenção para o texto escrito em caligrafia curvilínea.

— "Meu querido John-Paul, recebi mais 12 fantasmas oriundos do ataque surpresa de Vicksburg, alguns eram confederados, outros da união, e todos precisavam de ajuda. A maioria queria ver seus filhos recém-nascidos antes de fazer a passagem. Ah, e pensar agora em nossas visitas... mas sei que não é possível. Mesmo assim, quando você voltar, vou lhe dar um filho, um bebê com cabelos escuros e cacheados como os seus e com certeza com seus olhos verdes tão vivos, e talvez com meu sorriso."

— Doze soldados em um dia — disse Nanette, emocionada. — Que Deus abençoe seus corações, e o coração dela por ajudá-los.

Dax fez que sim com a cabeça e foi passando as páginas nas quais Clara descrevia basicamente a mesma coisa: vários fantasmas sendo ajudados e John-Paul vindo visitar a esposa sempre que podia. Mas ela falava que seu marido nunca sabia quando vinha e nem quanto tempo poderia ficar.

Que nem Celeste.

— Você acha que eles possam entender como ele a visitara? Ou... ele estava morto? — perguntou Dax, e então acrescentou: — Mas isso não seria possível, seria? Quer dizer, a família Vicknair não parou nele, de modo que eles têm de ter tido um filho juntos.

— Não necessariamente — corrigiu Nan. — Havia vários irmãos da família Vicknair lutando com os confederados, apesar de provavelmente ele ser o único cuja esposa continuara aqui durante a guerra. Todos os registros que encontrei diziam que a maioria das mulheres voltara para a casa dos pais quando seus

maridos partiram para a guerra. Estou achando que Clara ficou para ajudar os espíritos, do contrário teria feito o mesmo que as outras. De qualquer forma, algum dos outros pode ter tido filhos.

— Você não trouxe para casa uma cópia daquela informação da corte da paróquia?

Nan pulou da cadeira.

— Sim, está no meu quarto. — Correu para dentro da casa enquanto Dax ficou lendo o diário de Clara na esperança de encontrar alguma pista se John-Paul estava vivo ou morto e se chegou a voltar à forma física.

Uma só linha em letras garrafais rabiscadas chamou a atenção de Dax. Parecia que Clara estava aborrecida ao escrever.

"MEU QUERIDO, NÃO VOLTE."

Dax leu em voz alta:

— "Meu querido John-Paul, hoje veio outro soldado. Como é meu dever, eu o ajudei a ver a esposa e encontrar a luz, mas este soldado sabia coisas sobre você. Suas visitas o enfraquecem, meu querido, e esse soldado sabia que seu corpo já estava fraco, ferido em Vicksburg. Ele disse que você está num hospital e que está morrendo, John-Paul. Você está morrendo! Ah, querido, você não entende? Só pode fazer essas visitas porque seu espírito está vacilante, decidindo se vai se entregar à luz ou se vai ficar. Por favor, John-Paul, por favor, não deixe que seu espírito retorne. Espere, meu querido. Cure-se e depois volte para mim, vivo e bem. Deixe seu espírito repousar e voltar ao seu corpo. Depois venha para mim, e para sempre. Volte inteiro para mim. Eu não vou ficar com apenas uma parte de você, meu amado John-Paul. Preciso de você por inteiro."

Dax virou a página, mas não havia mais nada.

A porta da frente se abriu e Nanette entrou segurando uma folha de papel.

— Dax, as pessoas acharam que ele estava morto. Chegaram a incluí-lo oficialmente entre os mortos no ataque surpresa de Vicksburg, mas ele não estava morto. Estava ferido. Morrendo. E depois voltou para casa. Ele voltou para ela!

— Mas ela quase o perdeu, pois ele ficava fraco toda vez que a visitava em espírito. Seu espectro estava tentando decidir entre viver e morrer, e Clara quase o perdeu, pois seu espírito queria estar com ela mais uma vez antes de passar para o outro lado.

Dax passou o diário para Nan.

— Celeste não morreu, Nanette. Ela está morrendo.

CAPÍTULO DOZE

Dax pisou fundo no acelerador e o BMW respondeu imediatamente, seguindo disparado pela Rodovia 90 direto para Houma. Ele pegou seu celular e teclou redial para falar com os pais de Chloe. Havia deixado três recados, mas ainda não tivera resposta. Eles sabiam o que havia acontecido com Celeste. Teria lhes perguntado antes se soubesse que Celeste não estava morta. Ela estava no mesmo acidente que lhes levou a filha; com certeza poderiam lhe dizer o que havia acontecido com ela.

Felizmente ele os conhecia bem o bastante para poder perguntar, já que passara uma semana com eles na praia, no verão, para ajudar Chloe a se comunicar antes de fazer a passagem. Aquela fora uma das melhores semanas de sua vida, não só por ter ajudado Chloe a ver o mar pela primeira vez com os pais, mas porque Celeste também estava lá.

Talvez ela tivesse impedido seu espírito de se render completamente ao resolver ficar e ajudar Chloe a passar para o outro lado. Ele jamais chegou a considerar esta possibilidade, não sabia que havia essa opção.

Mas agora ele sabia e tinha de descobrir onde Celeste estava, como estava e como podia chegar até ela.

Celeste estava ferida, seriamente ferida, mas Dax não sabia. O que ele sabia — graças ao diário de Clara Vicknair — era que toda vez que o visitava, Celeste enfraquecia seu corpo físico e assim diminuía suas chances de ficar do lado de cá. Mas e se a última visita a tivesse feito cruzar de modo definitivo?

Ele deu graças a Deus por não haver quase trânsito. Levou o celular à orelha, mas não ouviu nada. Nenhuma ligação, nem mensagem de voz, nada. Olhou para a tela e viu que estava fora de área. Jogou o aparelho no banco do acompanhante.

— Qual é! — Agarrou o volante com mais força, desejando que Houma ficasse a menos de uma hora e meia da Fazenda Vicknair. Contudo, mesmo quando chegasse à cidade onde aconteceu a batida de ônibus, será que conseguiria encontrá-la? Será que ela estava em um hospital de Houma ou a teriam levado para algum hospital em Nova Orleans? Ou será que estaria em outro lugar? Era totalmente possível. Celeste poderia ter sido transferida para algum lugar onde pudessem tratar melhor de seus ferimentos.

Seus ferimentos. Ela se machucara tão seriamente que estava entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos há quatro meses. Quatro meses.

E ele era o único responsável por ela estar pior.

— Diga que eu não fiz mal a ela — apelou e tentou decidir em qual hospital procurar primeiro. Havia dois hospitais em Houma, o Leonard J. Chabert Medical Center e o Terrebonne General Medical Center. Se ele não entrasse em contato com os pais de Chloe antes de chegar à cidade, tinha simplesmente de ir a um deles, depois ao outro, e ver se Celeste estava em algum.

Ele tinha alguns médicos de Houma em sua rota farmacêutica; visitara-os na semana passada mesmo. E se ele estivesse em um andar do hospital e Celeste em outro? E quantas vezes visitara esses hospitais nos últimos quatro meses? Será que ela estava lá esse tempo todo? Será que poderia tê-la visto? Ajudado-a?

O acidente ocorrera no feriado de 4 de julho. Tanto tempo atrás.

Seu celular tocou e ele atendeu prontamente.

— Alô?

— Você já a encontrou? — perguntou Nanette.

— Não. Nem sei ao certo onde ela está. Não consegui entrar em contato com a família de Chloe, mas estou a cerca de dois quilômetros de um dos hospitais de Houma, e vou ver se ela está lá.

— Procurei na internet para ver se conseguia alguma informação sobre o acidente, pensando que talvez uma notícia de jornal pudesse dizer para onde levaram os feridos.

— E? — Dax entrou com o carro no Terrebonne General Medical Center.

— Nada. O jornal apenas menciona o número de feridos, mas sem nomes nem nenhuma informação a mais. Desculpe, Dax.

— Tudo bem. Fico muito agradecido por você tentar. Escute, cheguei ao primeiro hospital. Vou ver se ela está aqui. Ele estacionou o carro e saiu.

— Quando encontrá-la, ligue para avisar. Vou continuar Procurando na internet.

— Está certo. — Ele desligou e entrou na recepção do hospital.

Uma senhora de uniforme de hospital cor-de-rosa estava sentada detrás do balcão de informações e sorriu quando ele se aproximou.

— Posso ajudar a localizar algum paciente? — perguntou.

— Sim. Celeste Beauchamp.

— Beauchamp — repetiu baixinho enquanto seus dedos cheios de artrite digitaram no teclado do computador a sua frente. Então balançou a cabeça e franziu a testa. — Sinto muito. Não há paciente nenhum aqui com esse nome. Será que ela poderia estar internada com outro nome, quem sabe?

— Não, obrigado. — Frustrado, deu meia-volta e saiu. Ao entrar no carro, seu celular começou a tocar outra vez. Nanette estava impaciente, ele pensou, e atendeu sem olhar quem era.

— Ela não estava lá.

— Como é? — disse o homem do outro lado da linha. — Quem está falando

é Dax Vicknair?

— Sim, sou eu — disse Dax, reconhecendo facilmente a voz do pai de Chloe. — Sr. Reynolds?

— Acabei de receber seu recado. Está... está tudo bem? Pensei se seria algo relacionado a Chloe. Nós a sentimos ultimamente, nós dois a sentimos, mas pensamos que tivesse a ver com o fato de semana passada ter sido o aniversário dela. Ela estaria fazendo 7 anos, sabe. Achamos que ela veio nos ver, ou nos observar, ou sei lá o quê. Mas esta tudo bem com ela, não está? Quer dizer, ela fez a passagem direitinho como você disse, não fez?

— Sim. — Dax se deu conta de que a mensagem que deixara havia sido pouco clara. Não queria que a família Reynolds se preocupasse com a filha; ele simplesmente não estava pensando em mais nada a não ser em Celeste na hora que ligou. — Não tenho notícias de Chloe desde que ela fez a passagem, mas sei que ela passou para o outro lado, e foi tudo bem — garantiu.

Celeste havia lhe dito que vira pessoalmente quando Chloe entrou na luz, de modo que ele não tinha dúvida de que a filha deles estava sã e salva do outro lado, ao contrário de Celeste, que pairava no meio-termo.

— E não duvido que você esteja sentindo a presença dela — ele acrescentou. — Os espíritos tendem a ficar de olho nos entes amados do lado de cá até chegar a hora de reencontrá-los do lado de lá.

O pai de Chloe deu um suspiro pesado.

— Bem, é um alívio. — Sua voz ficou mais baixa quando ele se afastou do telefone. — Ela está bem, querida.

— Desculpe ter lhes assustado — disse Dax —, mas acredito que vocês possam me ajudar em relação a outro espírito, ou talvez eu deva dizer outra pessoa. Uma mulher que estava no mesmo ônibus que Chloe naquele dia. Seu nome era... é... Celeste Beauchamp.

— A orientadora do acampamento?

— Sim — disse Dax rapidamente, grato pelo sr. Reynolds reconhecer prontamente o nome dela. Aquilo era um bom sinal, não era? — A orientadora. Por acaso sabe o que aconteceu com ela? Ou onde ela está agora?

— Eu sei que ela não ficou aqui por muito tempo. Quer dizer, aqui na Louisiana. Ela ficou em um dos hospitais locais por um tempo, mas depois, quando viram que não havia melhora, a família quis levá-la de volta para casa. Mas recebemos notícias de sua situação através do boletim da igreja para a lista de orações. Espere um instante que vou ver.

— Espere! — disse Dax, mas Reynolds já havia deixado o fone de lado para pegar a informação. Os pais de Celeste queriam levá-la de volta para casa? Onde era esta casa?

Dax sentiu vontade de bater em si mesmo... jamais considerara a hipótese de ela não ser de Houma. O pessoal do acampamento era de lá, mas Celeste não

estava acampando; ela era orientadora. Por que ele jamais perguntara a ela onde morava?

— Muito bem, agora estou com a informação — disse o sr. Reynolds. — Celeste Beauchamp ainda está em nossa lista de orações. Está na lista desde o verão. Vejamos... ela está no Parkridge Medical Center em Chattanooga, Tennessee. Quarto 302.

— Posso saber como está o quadro dela? — perguntou Dax, rabiscando o nome do hospital e o número do quarto em um caderno e se esforçando para manter a voz calma apesar do modo como sua mente estava girando no momento. Como ela estaria? E dentro de quanto tempo ele conseguiria estar com ela?

— Presumo que ela ainda esteja em coma — disse o sr. Reynolds de modo bem direto. — Pelo que ouvi falar, os médicos não conseguiram encontrar nenhuma razão pela qual ela não acorda, e houve alguns relatos de melhora, mas ela não superou completamente o problema, seja lá qual for a razão. Na semana passada, contudo, na igreja, eles anunciaram que a situação dela havia piorado. Não tenho certeza agora, mas eles pediram que rezássemos mais por ela.

A situação dela havia piorado. Por causa de Dax.

— Quarto 302, certo? — perguntou Dax, dando partida no carro. Ele precisava chegar a Chattanooga o mais rapidamente possível.

— É. Parkridge Medical Center — repetiu o sr. Reynolds. — Você vai visitá-la? Vai ajudá-la a fazer a passagem?

— Não — disse Dax. — Não vou ajudá-la a fazer a passagem — ao menos era o que ele esperava —, mas vou visitá-la.

— Bem, torço para que tudo dê certo — disse ele. — Depois nos diga como ela está.

— Aviso, sim — prometeu Dax, e então se despediu e desligou o telefone. Sem parar para pensar duas vezes, saiu do estacionamento e pegou o rumo do aeroporto. Se fosse rápido, chegaria lá em 40 minutos.

A vida de Celeste estava em risco. Sua situação estava piorando. E quem estava com ela? Com certeza não estaria sozinha. Sua família estaria lá, certo? Sua mãe, seu pai e sua irmã. Eles estariam com ela, tentando tirá-la do coma.

Ele ligou para o serviço de informação para pegar os números dos aeroportos. Ia pegar o primeiro voo para Chattanooga.

Dentro de 15 minutos havia reservado seu bilhete e estava seguindo direto para o aeroporto de Nova Orleans. Dispunha do tempo exato para chegar ao aeroporto, estacionar o carro e correr para o avião. Como não tinha bagagem, ia conseguir. Ele tinha de chegar lá antes que ela passasse para o outro lado.

Falhar não era uma opção no momento.

Já em seu destino, ele desembarcou do avião e saiu correndo do aeroporto, seguindo os sinais para os táxis. Então se deparou com uma fila de pessoas agasalhadas dos pés à cabeça com chapéus, luvas, cachecóis, casacos de lã e

botas. Eles olharam para Dax, que estava de camiseta de manga curta e calça jeans surrada, achando que ele estava fora de si. E quando começou a tremer de frio, se deu conta de que eles deviam estar certos mesmo; ele estava fora de si, pois sua mente e sua alma estavam com Celeste Beauchamp.

— Você está bem, meu filho? — perguntou um senhor em frente a ele. — Você não... Bem, você não tem um casaco?

Dax podia literalmente sentir a adrenalina pulsando em seu corpo de excitação por estar tão perto de Celeste. Em breve estaria com ela. Estava tremendo por inteiro — reação natural de seu corpo à súbita mudança de temperatura e falta de roupas apropriadas —, mas parte desse tremor se devia ao puro choque de se dar conta que ela não estava morta e por esperar que ele pudesse evitar que morresse.

— Não fiz minha mala — disse ele com franqueza, batendo os dedos levemente. — Não trouxe nada. A mulher que amo sofreu um acidente e estou tentando chegar onde ela está o mais rápido possível. Ela está no Parkridge Medica Center.

— Santo Deus, por que não disse logo? — perguntou uma senhora no começo da fila. Ainda não havia táxi nenhum à disposição, mas estava chegando um e ela acenou para que ele corresse para o começo da fila. O motorista saiu e foi em direção à mulher, mas ela balançou a cabeça em negativa. — Leve-o. — Ela apontou para Dax. — É uma emergência. Ele precisa chegar ao Parkridge Medica Center.

Todas as pessoas que estavam na frente de Dax fizeram que sim com a cabeça e alguns até lhe deram tapinhas nas costas, manifestando apoio enquanto ele seguia para entrar no táxi.

— Boa sorte, meu filho — disse o senhor de idade, e o resto do grupo ecoou o sentimento do homem enquanto Dax entrava.

— Muito obrigado — disse ele, sentindo o coração cheio de emoção, não só pela mulher amada, mas também por aquelas pessoas que se dispuseram a ajudá-lo a chegar onde ela estava.

— Parkridge Medica Center? — perguntou o motorista.

— Sim. Pode me dizer se fica muito longe daqui? Quanto tempo levaremos para chegar lá?

— Quinze minutos — disse ele, e então ligou o aquecimento do carro. — Você vai congelar aqui.

— É, sei disso.

Quinze minutos até ele estar com Celeste. Dax apoiou a cabeça no banco de trás, fechou os olhos e agradeceu as forças superiores por lhe darem essa chance.

Foi quando começou a ouvir aquilo. De longe, mas mesmo assim perceptível. Uma risada. Não, uma risadinha contida. A risada de uma criança. Um menino. Fazia tempo que ele não recebia uma missão com um garoto; as crianças que ele

ajudara ultimamente eram garotas, mas esse era com certeza menino, e, enquanto Dax ouvia, a risada foi ficando mais alta, como se a criança estivesse mais perto...

— Não.

— Algum problema? — perguntou o motorista, olhando para Dax do retrovisor com seus olhos castanhos. — Você não é do tipo que enjoa em viagens de carro, é? Porque estamos quase lá.

— Não. Eu... Só preciso dar um telefonema. Esqueci uma coisa, ou melhor, eu me esqueci de uma coisa em casa. — Ele pegou o celular do bolso e rapidamente ligou para a fazenda.

Nanette respondeu após o primeiro toque.

— Dax? Você já chegou? Já esteve com ela?

Ele havia ligado do aeroporto para falar sobre Celeste.

— Sim, estou agora em Chattanooga, mas ainda não estou no hospital, e preciso que você veja uma coisa para mim.

— Mais cinco minutos — avisou o motorista do táxi.

— Estamos a cinco minutos do hospital agora, mas estou com um problema.

— Que problema?

Dax não queria dizer em voz alta que ele tinha um fantasma a caminho, não na frente do motorista de táxi que parecia avidamente interessado na conversa. Dax viu pelo espelho que o sujeito havia levantado as sobrancelhas.

— Preciso que você vá até a sala de estar e dê uma olhada no jogo de chá para mim. Acho que eu devo... devo ter esquecido alguma coisa por lá.

O motorista franziu as sobrancelhas, mas nada comentou.

Mas Nanette, sim:

— Não... você recebeu uma missão?

— Está a caminho — disse Dax. — Acho que ainda não está aí, mas está chegando.

Nan ficou com a respiração apressada do outro lado da linha, e ele ouviu passos subindo a escada.

— Espere aí. Estou conferindo.

— Normalmente tenho um dia, mas desta vez parece estar bem perto, como se não me restasse muito tempo.

— Estou aqui na sala, Dax. Nada ainda no jogo de chá. O que vai fazer? Sabe que tem que vir para casa quando recebe uma missão.

— Eu sei. Mas não vou sair daqui antes de vê-la, Nanette, aconteça o que acontecer.

— Prontinho — disse o motorista ao parar o táxi em frente à entrada do Parkridge Medical Center.

Dax pegou a carteira, mas o sujeito balançou a cabeça em negativa.

— Essa fica por minha conta. Vá ver sua garota.

— Concorde com ele — disse Nanette, evidentemente ouvindo o que o taxista disse. — Você sabe o que tem de fazer por lá. Cuide de Celeste, que eu vou ficar de olho para ver se sua missão aparece no jogo de chá. Quando aparecer eu lhe telefono para avisar.

Dax sorriu. Não era típico de Nanette abrir mão das regras, principalmente em se tratando dos espíritos, mas, admitisse ou não, ela tinha uma queda pelo amor e sabia que o amor de Dax estava naquele hospital.

— Muito obrigado, Nan.

— Mantenha-me a par da situação por aí e farei o mesmo por aqui. Boa sorte, Dax. — Ela então desligou.

Dax dirigiu-se às pressas à recepção do hospital, depois foi pegar o elevador e apertou o botão. Dentro de segundos ele estava no terceiro andar. Logo em frente ao elevador ficava o balcão das enfermeiras, e Dax aproveitou que uma delas vinha em sua direção.

— Quarto 302, por favor?

Ela apontou para um dos corredores.

— Segundo quarto à direita.

Dax correu até o quarto, abriu a porta sem bater e a viu. Ela estava na cama, de olhos fechados e longos cachos louros drapejando o travesseiro. Dava para ver que ela usava a mesma bata verde de quando estivera com ele.

Uma jovem estava sentada ao lado da cama, segurando a mão de Celeste. Ela olhou para ele e, apesar de seus olhos estarem injetados e vermelhos, seu rosto era vagamente semelhante ao de Celeste. O cabelo era mais ruivo do que louro, e o estilo era mais moderno que o de Celeste.

— Nelsa?

Ela piscou os olhos, confusa, e fez que sim com a cabeça.

— Eu o conheço? — perguntou. — Ou... é ela quem conhece? — Olhou para a irmã e se debruçou sobre ela para beijar-lhe o rosto.

— Sim — disse ele, indo em direção à cama. Queria correr para Celeste, abraçá-la, implorar-lhe que acordasse e ficasse com ele do lado de cá. Mas como diria a Nelsa que era namorado de Celeste se nunca esteve no hospital desde que ela sofrerá o acidente?

— Com licença?

Dax voltou-se para a voz feminina que veio por trás e viu um casal de mais idade com xícaras de café nas mãos e olhares confusos nos rostos. A mulher parecia não dormir fazia semanas, ou mais provavelmente meses. Seus olhos estavam inchados e sua pele estava sem cor, pálida; ela parecia estar vivendo um verdadeiro inferno. Mas, também, ela estava vivendo algo bem próximo disso — o medo de perder uma filha. O homem ao lado dela era bem alto e tinha uma expressão de desaprovação no rosto.

— Quem é você? — perguntou. — E o que está fazendo aqui?

Os pais de Celeste.

Sem dúvida que um estranho aparecendo de repente no quarto da filha os deixaria desconfiados, mas Dax não era um estranho, apesar de não saber como dizer isso a eles.

— Eu sou... sou um amigo de Celeste — começou a dizer, e depois balançou a cabeça. — Na verdade, não... Sou mais que isso... — disse, pois não queria mentir para a família dela. — Eu a amo.

A mulher soltou o café, que caiu no chão esparramando em seus pés.

— Meu filho, o que você está dizendo? Nós... nós nem sequer o conhecemos — disse o pai de Celeste, e então se voltou Para a esposa. — Marian, você está bem?

— É ele — ela sussurrou, levando a mão trêmula ao coração. — Você é Dax, não é?

A expressão de irritação do homem se converteu lentamente em choque e Nelsa ficou de pé ao lado da cama.

— É você? Você é Dax?

Dax ficou perplexo. Como poderiam conhecê-lo? Mas fez que sim com a cabeça.

— Sou eu, sim.

— Ela o tem chamado — explicou Nelsa. — Na verdade, seu nome foi o único que ela repetiu o tempo todo. Todos esses meses. Dax. Nós... Nós não sabíamos onde você estava, não sabíamos quem você era e tentamos encontrá-lo, mas não sabíamos onde procurar.

Ela andou chamando seu nome? O coração de Dax disparou loucamente. Se ela andou chamando seu nome do lado de cá, isso significava... o quê? Que seu espírito estava tentando voltar à vida? Significava que ela se lembrava dele também do lado de cá?

— Onde você esteve? — perguntou a mãe dela. — Se você a ama, onde esteve? Eu... eu nunca soube de você, não fazia a menor idéia. E imagino que, se você a conhecia... e a amava, teria aparecido logo depois do acidente. Mas você não veio. — Ela balançou a cabeça. — Por que não?

— Eu estava na Louisiana, onde moro. Eu não sabia que ela estava aqui. Apenas ontem fui descobrir, e vim assim que soube. — Agora ele tinha de se concentrar em suas palavras, porque as risadas do garotinho estavam voltando, cada vez mais altas, bem mais altas.

A máquina ao lado da cama começou a bipar e todos se voltaram para ela.

— Não. — Nelsa apertou o botão de alarme com força.

— Estão caindo mais uma vez!

A risada do garoto palpitava na cabeça de Dax e ele não teve dúvida de que seu espírito estava perto de chegar à fazenda, se é que já não estava lá.

— O que estão caindo? — perguntou, indo até a cama de Celeste.

— Os sinais vitais. Que nem das outras três vezes. E o médico disse que ela não ia agüentar se passasse por isso de novo — disse Nelsa. Ela se voltou para Dax. — Ela passou todo esse tempo querendo você, e agora que você está aqui ela está nos deixando!

— Não, Celeste — apelou Marian Beauchamp, correndo para perto da cama e segurando a outra mão de Celeste.

— Fique conosco, meu bem. Por favor!

O fantasma de Dax estava quase lá; a risada estava tão alta, tão intensa que ele mal conseguia ouvir o que Nelsa dizia, apesar de ela também estar gritando. E foi então que ele se deu conta do que ela dissera. As outras três vezes. Os sinais vitais de Celeste ameaçaram falhar outras vezes, e Dax sabia que... que isso acontecia quando ela vinha encontrá-lo para ajudar seus espíritos a fazer a passagem para o outro lado. Agora ele tinha outro espírito chegando, e ela estava indo embora.

— Não! — Dax gritou, mas sua voz foi apenas mais uma em meio às vozes em pânico no quarto de hospital... E a risada em sua cabeça aumentava de modo tão insuportável que ele agarrou a grade da cama para se manter de pé. Sabia o que estava se passando, mas não sabia como interromper aquilo. Celeste estava tentando voltar para ele com o pequeno fantasma. Mas, se conseguisse fazer isso seu corpo iria fenecer. Ele a perderia de vez por ela tentar vê-lo novamente. — Não!

Celeste estava com a boca seca, a cabeça palpitando muito e cada ínfima parte de seu ser rejeitava completamente qualquer movimento, mas ela não ia parar. Não podia parar.

Porque ela estava tão perto, tão perto.

A pesada escuridão que a cercava ficava menos densa a cada passo e ela quase viu uma espécie de luz ao longe. Sentiu o muro frio contra os dedos ao avançar cada centímetro. Mais um passo, descansar, concentração. Ela podia voltar lá. Parar estava fora de questão. Esse era o único jeito de chegar a Dax, e ela não ia deixar a exaustão impedi-la de estar com ele mais uma vez.

Ela ouvia vozes de ambos os lados. Vozes atrás de si, vindas daquele caminho de onde as ouvira antes, novamente chamando seu nome. Alguém gritou e alguém chorou.

— Celeste! — gritaram. — Por favor, Celeste!

— Não — sussurrou ela. Não ia desistir agora, de jeito nenhum. Ela viu a abertura que levava àquele recinto no meio, e agora não estava escuro. Na verdade, estava amarelo-claro. E ela ouviu vozes que vinham do meio, também, mas estas vozes eram diferentes. Uma delas era voz de mulher. Adeline, talvez? Ou seria outra pessoa?

Celeste parou para descansar mais uma vez, procurou esquecer as vozes que vinham por trás e se concentrar no que a mulher estava dizendo.

— Chère, vai dar tudo certo — disse Adeline com uma voz um pouquinho mais alta que o normal, como se estivesse falando com uma criança. — Não se preocupe, Ike, o meu Dax vai cuidar de você.

*Dax. Alguém — Ike — estava a caminho de encontrar Dax e Adeline estava prestes a direcioná-lo. Ta sem sentido o começo do parágrafo

— Es... espere — disse Celeste, mas sua voz estava tão fraca que saiu pouco mais alta que um sussurro.

Será que Adeline a escutara?

— Claro, chère, você pode se despedir de seu pai e sua mãe. Sei que você gostaria de fazer isso, e eles vão querer saber que você está bem. Dax vai ajudá-lo, e você vai gostar dele, mas, se não se importa, gostaria que você ficasse um pouquinho comigo antes de ir. Meu Dax está resolvendo um problema no momento e ele sabe que você quer vê-lo, mas ele precisa estar com uma... uma amiga antes de voltar para casa. Posso lhe mostrar algumas coisas muito divertidas enquanto esperamos por ele.

Um trovão rugiu ao longe e Celeste ouviu Adeline mais uma vez, e sua voz estava um pouquinho preocupada enquanto falava com o garotinho.

— Não vou segurar você aqui por muito tempo, chère, e é claro que, se quiser ir, pode ir. Não posso detê-lo, você sabe disso.

— O que você pode me mostrar? — perguntou o garotinho enquanto Celeste tentou mais uma vez.

— Espere, por favor — disse ela com voz rouca. As duas pessoas no recinto em frente a ela continuavam a falar e a chorar. Ela queria gritar que "não". Mas não podia.

Celeste se forçou a dar mais um passo, apoiando-se na parede, e mais outro. Estava quase chegando lá. Bastava mais uns passos. Ela não ia perder sua chance.

— Posso lhe mostrar como são as nuvens do outro lado — disse Adeline. — Ou então podemos nos esconder nelas e ficar observando os aviões passando. Que tal isso?

— Legal! — gritou Ike.

— Espere! — A tentativa de grito de Celeste era tão fraca que mais parecia um murmúrio, mas, graças a Deus, o garotinho a ouviu.

— Quem é esta? — perguntou, aproximando-se de Celeste ao entrar na área intermediária entre os vivos e os mortos.

— Ah, não — sussurrou Adeline. — Celeste, minha querida — disse, então franziu o cenho e olhou para detrás dela quando o barulho forte de uma trovada tomou conta do recinto. — Achei que você tinha ido descansar. Você precisa voltar, chère. Este é o caminho para encontrar Dax. — O trovão rugiu ainda mais alto, e a parede do meio se abriu, a luz preencheu seu centro e aqueceu o espírito frio de Celeste.

— Pensei que era eu quem estava indo encontrar Dax.
— O garoto fez biquinho.
— Você vai encontrá-lo, Ike, mas lembre-se de que vou lhe mostrar umas coisinhas antes por aqui. Dax precisa cuidar de alguns assuntos dos quais já está tratando no momento.

Celeste ficou confusa e resistiu à puxada da luz. A luz que vinha do meio brilhava e a chamava cada vez mais, mas Dax não estava lá.

— Eu quero ir com você — sussurrou ela para o garoto. — para encontrar Dax. — Então ela olhou para Adeline.

— Deixe-nos passar.

— Você não pode ir por esse caminho mais uma vez — disse Adeline, fazendo cara feia e balançando a cabeça em negativa. — Ah, chère, por favor. Você tem de acreditar em mim. O caminho atrás de você é o único que deve seguir agora. — Ela baixou a voz. — É o caminho certo, chère. Por favor, confie em mim, não posso lhe dizer mais agora.

O trovão soou mais uma vez ao redor deles e a luz ficou tão cálida que Celeste franziu os olhos por causa da radiância.

— É isso, Celeste — disse Adeline. — Você tem uma escolha, mas Dax não faz mais parte de sua decisão. Aquele caminho está fechado para você agora, você está fraca demais para ir atrás dele, chère.

Celeste olhou para a luz e voltou-se novamente para o caminho escuro atrás de si onde vozes ainda a chamavam em uma mistura incompreensível de soluços e pranto, apesar de que algumas dessas vozes se destacavam mais que as outras. Mas agora...

Ela engoliu em seco e se inclinou em direção ao som. Então se voltou para Adeline. — Essa é a voz de Dax, não é? Dax estava lá?

— Vou tomar conta de Ike enquanto Dax resolve outras coisas. E tudo que me permitem dizer, chère.

— Dax. — Celeste foi em direção ao caminho escuro, mas a luz a puxou de volta, fazendo-a tropeçar. Ela levantou a mão e viu que o brilho agora era quase cegante, e seus pés se recusavam a cooperar. Na verdade, ela estava voltando lentamente para aquela luz vivida e poderosa.

Ela não queria ir. Mas estava cansada demais para resistir.

— Ajude-me — sussurrou, procurando a voz de Dax.

CAPÍTULO TREZE

— Mamãe, veja! Estão mais baixos que antes! — Horrorizada, Nelsa apontou para o monitor ao lado da cama. — Temos de chamar alguém! — Ela saiu correndo do quarto com a mãe bem de perto em seu encalço.

— Espere aí, meu bem — pediu Marian antes de sair correndo. — Vamos chamar os médicos. Não ouse nos abandonar! — Seu marido foi para o lado da cama e pegou a mão da filha, e Dax, ainda tentando apagar da mente a risada do garotinho, segurou na beira da cama em um esforço para segurar o pequeno espírito. Ele não ia deixá-la partir agora, de jeito nenhum, e rezava para que ela não o abandonasse... de vez.

— Ela quis que você viesse. Faça-a saber que você está aqui — pediu o Sr. Beauchamp. — Ela não veio para nós. Quem sabe virá para você.

Dax olhou para a mulher que amava e escutou as batidas de seu coração diminuindo. Ele disse então as palavras que só dissera uma vez antes.

— Celeste, eu amo você. Por favor, volte para mim, chère — Estou aqui. Do lado de cá. Não ouse fazer a passagem sem mim.

— Não! — gritou o pai dela, e Dax ouviu os bips se espaçando mais, ao mesmo tempo em que a risadinha do garoto foi ficando mais alta.

Eles a estavam perdendo porque ela estava tentando chegar a Dax por outro caminho; Celeste estava indo para a Fazenda Vicknair. E se ela fizesse isso...

— Celeste! — gritou Dax de modo feroz. — Não me abandone, chère, por favor! Não quero viver sem você.

— Santo Deus! — O pai dela balançou a cabeça. — Não! Alguém ajude! Droga, onde está o médico dela?

As lágrimas de Dax caíram no rosto de Celeste.

— Não me deixe!

— Aqui dentro! — Nelsa correu para dentro do quarto com a mãe e duas enfermeiras logo atrás.

— Ela está perecendo. Chame o dr. Pavere — uma enfermeira instruiu enquanto a outra usava o interfone na cabeceira para transmitir o recado. Elas rapidamente dominaram a situação, uma delas examinando as máquinas às quais Celeste estava ligada e a outra conferindo seu pulso. Então um homem alto e careca com óculos e estetoscópio entrou.

— Precisamos que saiam do quarto — foi logo dizendo e se aproximando de Celeste.

A enfermeira se voltou para os presentes.

— Desculpe. Precisamos que vocês fiquem no corredor. Nelsa passou o

braço ao redor da mãe em prantos e a fez sair, o pai foi atrás, mas Dax ficou parado, incapaz de abandoná-la agora que a encontrara.

— Não — disse. — Ela não pode morrer agora.

Surpreendentemente, naquele exato momento, a risada do garotinho ficou mais baixa, foi desaparecendo até Dax mal escutá-la.

— Desculpe — disse a enfermeira, pondo a mão no ombro de Dax e efetivamente fazendo-o virar em direção à porta. — Você tem de esperar no corredor.

— Não! Celeste, por aqui! Estou aqui, chère — Ele abriu caminho à força para se aproximar da cama. Então Dax fez algo que jamais fizera antes; ele levou as mãos ao rosto dela e tocou a mulher que amava. — Não me deixe, chère.

— Desculpe, mas o senhor tem de sair — repetiu a enfermeira severamente, tentando puxar Dax.

Dax olhou feio para a mulher.

— Não posso deixá-la agora. Não vou deixar.

— Dax...

A voz mal se ouvia, mas Dax ouviu e reconheceu. Ele viu então que o médico olhava com incredulidade para a mulher na cama, cujos olhos se abriram para olhar para... Dax.

— Faça isso... de novo — disse ela baixinho.

— Ah, meu Deus! — a enfermeira ao lado de Dax exclamou.

Ele chorou de novo, mas desta vez de alegria. Ela estava de volta. Aqui. Com ele. E a batida de seu coração ficava mais forte a cada segundo, indicando que ela ia ficar desta vez.

— Fazer o que de novo, chère?

Ela lambeu os lábios e sussurrou:

— Tocar-me.

Ele começou a rir, debruçou-se sobre ela e envolveu-lhe o rosto com as mãos.

— Vá chamar a família dela — disse o médico às enfermeiras. — Eles vão querer ver isso. — Ele balançou a cabeça. — Sra. Beauchamp, já vi alguns milagres na minha vida, mas esse vai entrar para o livro de recordes. — Ele olhou para Dax. — E isso me faz lembrar do poder do amor. Vou deixar vocês à vontade agora, mas terei de voltar mais tarde para fazer alguns testes. Não que eu ache que exista algo de errado para encontrar, já que ela estava basicamente esperando por você para acordar, meu caro, mas mesmo assim...

Celeste balançou a cabeça lentamente, também derramando lágrimas agora. Seus pais e irmã entraram e abraçaram Celeste.

— É um milagre! — disse Nelsa, chorando e rindo e tocando Celeste, sem conseguir acreditar.

Mas o pai dela olhou diretamente para Dax.

— Obrigado, meu filho. Celeste olhou para ele.

— Sim, obrigada.

Dax ficou admirado com a cor dos olhos dela, do verde mais vivido.

Celeste virou para os pais.

— Eu o amo.

Os três pares de olhos com a mesma tonalidade de verde-musgo se voltaram para Dax, que sorriu como se tivesse acabado de receber a certeza de ser feliz para sempre. E tinha mesmo.

— Você nos trouxe de volta nossa filha — disse a mãe dela. — Não sei como podemos recompensá-lo.

— Diga que os senhores nos dão sua bênção — disse Dax. — E ficamos quites.

— Nossa bênção? — perguntou o pai.

— Sim, senhor, pois, se ela disser que sim, pretendo me casar com sua filha.

Celeste sorriu e Nelsa aprovou.

— Ah, você vai se encaixar perfeitamente nessa família — disse ela. — Somos bons nesse negócio de viver felizes para sempre. Papai pediu mamãe em casamento depois do segundo encontro.

— Tecnicamente foi o terceiro — Marian esclareceu, sorrindo ao lembrar. Ela olhou para Celeste. — Suponho que você queira que passemos para o corredor para que possam conversar sobre algo a sós.

Celeste fez que sim, ainda sorrindo.

— Vamos, David — disse ao marido, e beijou Celeste no rosto.

— Fique sabendo que, se ela disse que sim, terão nossa aprovação — disse David Beauchamp antes de sair do quarto.

A expressão no rosto de Celeste já estava respondendo antes mesmo que ele pedisse sua mão em casamento.

Celeste ficara internada no hospital por quatro meses, um tempo realmente longo. Todavia, aqueles quatro meses pareciam nada comparados às quatro semanas que os dois teriam de esperar para o casamento. A semana do Natal, como era típico na Louisiana, foi marcada por calor fora de época, perfeito para um evento externo. A mãe de Celeste ficou um pouco desconfiada quando disseram que se casariam em uma cerimônia ao ar livre na fazenda na noite de Natal, mas, ao chegar ao rio, Marian Beauchamp aprendeu rapidamente que dezembro na Louisiana era como abril no Tennessee.

A fazenda estava mais estonteante do que Dax jamais vira, com certeza em seu melhor estado desde a passagem do furacão. Pequenas luzes brancas rodeavam as oito colunas da varanda e quase escondiam por completo o fato de estarem ligeiramente inclinadas por causa da passagem do furacão. O mesmo tipo de luz também se misturava às cercas vivas de poinsettia, jogando um facho de luz

vermelha nas laterais da casa.

Nanette pegara emprestadas da escola várias tendas brancas enormes que eram tradicionalmente usadas em fevereiro, no carnaval de Mardi Gras, e os convidados estavam no momento saboreando champanhe sob os tetos curvos, também repletos de lampadinhas brancas. As conversas misturadas tinham o mesmo tema básico: a noiva estava radiante, a cerimônia estava linda e a Fazenda Vicknair era o cenário perfeito para uma festividade tão incrível. Todos ficaram impressionados em ver como os primos foram longe na restauração do local para sua imponente magnificência original — a não ser, é claro, o presidente da paróquia, Charles Roussel.

Apesar de Dax tentar persuadir Nanette a incluir as cartas de John-Paul e Clara Vicknair no pacote com o requerimento de candidatura para o escritório de preservação histórica, ela se recusou, dizendo que, se fosse absolutamente necessário incluir as cartas para salvar a casa, ela incluiria. Mas, por enquanto, eles viam o que ia acontecer e seguiriam com o plano original de reformas, o que significava que, em poucas semanas, estariam começando a lidar com os problemas estruturais. Mas Dax não queria pensar em todo esse trabalho agora; afinal, esse era o dia de seu casamento.

— Muito bem, vamos tirar um foto da noiva e sua família antes que fique escuro demais — o fotógrafo orientou, e Celeste, seus pais e Nelsa posaram em frente às fartas e vivas poinsétias vermelhas ao lado da casa. — Beleza — disse o fotógrafo e Dax concordou.

— Sim, ela é uma beleza, não é? — Ele se aproximou lentamente da noiva e a beijou delicadamente.

Cada toque de Celeste fazia Dax chameçar de calor e de desejo por dentro. Fora idéia dela esperar pela noite do casamento para fazerem amor de novo, e Dax estava excitado só de pensar em tê-la desde a hora em que acordou de manhã.

Quatro semanas nunca foram tão longas.

Como se soubesse no que ele estava pensando, ela murmurou em sua orelha:

— Mal posso esperar para me ver livre desse vestido.

— Que coincidência. Eu mal posso esperar para lhe tirar desse vestido.

Ela sorriu sedutoramente e Dax ficou ainda mais excitado.

— Estou passando por dificuldades aqui, chère. Fique brincando assim e acabaremos tendo de sair dessa festa mais cedo e ir direto para casa para...

— Sei onde quero que seja nossa primeira vez... quero dizer, nossa primeira vez na condição de marido e mulher. E não é na fazenda.

— Você se importa de me dar uma dica? Porque é melhor que não seja longe daqui. Não estou brincando quando digo que estou louco de desejo por você, Celeste. — Ele esfregou o nariz em sua orelha e baixou a voz a um sussurro rascante: — Preciso sentir seu corpo nu contra o meu e deslizar para dentro

dele...

Ela arfou quase inaudivelmente, e Dax sorriu. Ele queria ver se ela estava tão ávida quanto ele, e Celeste pareceu estar tanto quanto ou mais ainda.

Ela virou a cabeça para olhar para ele diretamente e Dax ficou momentaneamente enfeitiçado pelo verde de seus olhos. Ele ainda estava se acostumando à cor vibrante.

— Celeste, tenho um presente de casamento para você — disse Nanette ao se aproximar dos dois.

— Já tenho tudo que preciso bem aqui. — Ela ficou nas pontas dos pés e mordiscou a orelha de Dax. — E terei tudo que quero muito em breve, não terei? — sussurrou para ele.

— Não vou discutir com você — disse Nan, sem ouvir o que ela sussurrou no ouvido de Dax —, mas tem algo que quero lhe dizer.

— E o que é? — Celeste perguntou, passando o braço por trás de Dax e massageando seu traseiro. Ele gostou daquele jogo e levou a mão para a curva das costas dela e para dentro do vestido, puxando com o dedo a parte de cima da calcinha tipo fio-dental.

Ela deu uma risadinha, mas Nanette aparentemente não percebeu.

— Fiquei sabendo na reunião desta semana com o pessoal da escola que estão precisando de uma professora de jardim de infância na escola Norco Elementary que possa começar logo em janeiro.

— Norco Elementary? — perguntou Celeste. — Não era essa escola que Angelle freqüentava? Acho que me lembro de ouvi-la dizer esse nome.

Nan confirmou com um movimento de cabeça.

— Não fica longe daqui. Achei que você pudesse se interessar, então falei com a diretora.

— E? — perguntou Dax.

— Ela quer falar com você assim que for conveniente. Celeste deu um abraço apertado em Nanette.

— Ah, Nanette, muito obrigada mesmo. Esse é o melhor presente de Natal de todos! Se eu conseguir um emprego aqui, tão perto da fazenda... Bem, isso seria um sonho realizado. — Ela olhou para Dax. — Mais um sonho realizado.

— Bem, eu não consegui o emprego, mas diria que você está com mais de meio caminho andado. A diretora é minha amiga e acho que ela dará atenção especial à minha recomendação.

Os olhos de Celeste brilharam, marejados, quando ela se voltou para Dax.

— Não é maravilhoso?

Ele fez que sim, contente de vê-la tão feliz.

— Essa não — murmurou Nanette, olhando para além deles, em direção à casa da fazenda.

— O quê? — perguntou Dax.

— Roussel. Ele entrou na casa. Garanto que vai se aproveitar de seu casamento para bisbilhotar. — Ela bateu as palmas das mãos. — Isso é o que vamos ver.

E saiu batendo pé enquanto Dax dava risada.

— Pelo jeito, o presidente da paróquia não ganhou muitos pontos com Nan.

— Estou vendo. — Celeste observou Nan segurar a barra da saia vermelha de dama de honra ao pisar os degraus da varanda da frente para ir atrás de seu inimigo mortal. — Não diga a ela que falei isso, mas acho que Nan gosta de brigar com ele. Então acho que ela vai se divertir de qualquer jeito, com Charles Roussel ou não. Na verdade, acho que toda a minha família está se divertindo.

Os pais dele, que viviam em uma comunidade de aposentados na Flórida, vieram de carro para o casamento e estavam no momento com seus tios e tias que também voltaram à fazenda para o grande evento. Nenhum deles via o lugar desde a passagem do Katrina, e ficaram impressionados com o bom trabalho dos primos, tanto com os espíritos quanto com a casa. Naturalmente, todos ofereceram dinheiro para ajudar a terminar as reformas, mas Nanette informou que era apenas questão de tempo para conseguirem um financiamento com a sociedade histórica. Dax sabia que eles iam salvar a casa sem precisar desfalcar a aposentadoria dos pais.

Ele deu uma olhada pejo pátio e viu Gage e Kayla falando com os funcionários do bufê, provavelmente solicitando os serviços para seu casamento do Dia dos Namorados. Depois viu Jenee conversando com Monique e Ryan. Eles acenaram para Dax, que sorriu, ciente de que estavam todos emocionados por ele ter conseguido encontrar a mulher de seus sonhos.

Ele continuou procurando com os olhos, mas não viu o outro primo.

— Onde está Tristan? Ele não foi chamado para apagar algum incêndio, foi?

— Aquele não é ele? — perguntou Celeste, apontando para onde Tristan estava entretido com uma loura estonteante. Ela estava tão perto dele que Dax quase não a reconheceu, e não teria reconhecido se ela não tivesse virado a cabeça e sorrido.

— Chantelle — Dax disse.

— Parece que está acontecendo um clima intenso entre os dois — disse Celeste.

Dax concordou. Os dois estavam, sem dúvida, em uma conversa bem acalorada... estariam falando sobre eles dois?

— Ela é irmã de uma fantasma que Gage ajudou uns meses atrás. Ou melhor, de uma fantasma que todos ajudamos, pois ajudar Lillian Bedeau a fazer a travessia foi inegavelmente um trabalho de equipe. Na ocasião fiquei pensando se não havia algo entre os dois. Eles pareciam tão ligados... de um jeito estranho, sabe? Mas aquela não era a melhor hora, é claro, com tudo que ela estava

passando com a irmã. E eles tinham tendência a brigar muito.

— Já vi pessoas assim — disse Celeste. — Ou estão brigando ou estão fazendo as pazes, e com máxima potência em ambos os casos. — Ela riu. — Tem gente que gosta de relacionamentos assim.

— Eu, não — disse Dax.

— É mesmo, sr. Vicknair? Bem, de que tipo de relacionamento gosta? Quer dizer, como acabei de me casar com você, acho que devo saber.

Ele levou a boca para perto da orelha dela, beijou-lhe o lóbulo e sussurrou:

— Eu gosto do tipo de relacionamento no qual sei exatamente o que quer a mulher, no qual ela se solta totalmente. Quero saber o que pensa, o que sente, o que deseja, e em todos os sentidos. E também quero satisfazer esses desejos. Quero ser seu melhor amigo, seu confidente, mas também quero ser o amante que satisfaz cada fantasia, cada sonho. Então, quando essa mulher pensar em ter um homem, ela não vai pensar em ninguém... a não ser em mim.

— Dax.

Ele sugou-lhe o lóbulo, beijou-o e ela sentiu seu hálito quente na orelha.

— O que você quer, Celeste? Você disse que sabe onde quer que aconteça nossa primeira vez como marido e mulher. Diga-me o que quer, e eu farei. Várias vezes.

— No dique.

— Venha comigo — disse ele, sorrindo.

Eles trocaram cumprimentos com os convidados no caminho até a varanda, onde Dax pegou dois cobertores acolchoados das cadeiras de balanço e ajudou Celeste com o vestido de noiva para descer a escada.

Deram a volta pelo grande carvalho que ficava no meio da entrada de carros, estacionados ao redor da grande árvore, e Dax conduziu a noiva para além dos veículos, passando pelas magnólias que cercavam a lateral.

— Estamos saindo cedo da festa, não estamos? Nós somos os convidados de honra, não?

— Tem muitos representantes da família Vicknair para fazer sala para o pessoal, além de litros de champanhe — disse ele, nada preocupado com os convidados e totalmente concentrado em dar à esposa o que ela queria.

Quando se afastaram das luzes da casa, Dax reparou na lua cheia e na brisa cálida e agradável que vinha do outro lado do dique, onde se agitava o Mississippi. Ele sorriu. Não era para ser lua cheia aquela noite, e ele pensou: será que todos estavam vendo aquela lua ou ela fora posta ali pelas forças superiores como um presente para eles? A brisa era bastante cálida para mantê-los confortáveis enquanto faziam amor, e a lua estava brilhante o suficiente para que Dax visse os olhos de Celeste quando ela chegasse ao ápice.

— É perfeito, não é? — disse ela ao lado de Dax, que percebeu que ela também estava perplexa com o cenário. — Será que fizeram isso para nós? —

Celeste apontou para o céu.

— Acredito que sim. E é quase perfeito, mas ainda não é perfeito.

— Por quê?

Ele passou os cobertores para ela, que, olhando-o com interrogação nos olhos, abraçou-os junto ao peito. Então Dax a pegou no colo.

— Eu lhe disse que um dia a carregaria, sra. Vicknair. Rindo, ela puxou o longo vestido para cima e pôs sobre os cobertores que segurava, enquanto Dax cruzou a estrada do rio com ela nos braços e foi até a parte alta do dique.

Ele a pôs de pé ao seu lado e jogou os cobertores no chão enquanto Celeste olhava para a água.

— Ah, Dax, veja!

A lua se refletia na água, produzindo um cintilante pano de fundo para o primeiro momento deles juntos como marido e mulher.

— Eu quero você. — Ela abriu o zíper do vestido, deixou cair no chão e ficou de frente para ele só de calcinha fio-dental branca, meias brancas até as coxas e sapatos de salto alto. Ela não estava usando sutiã e seus mamilos estavam inegavelmente rijos.

Dax trouxe-a para junto de si, apertando seu doce âmagô contra o volume dentro de sua calça.

— Acredite em mim, chère, também quero você. Com as mãos trêmulas, ela começou a tirar o smoking e desabotoar a camisa dele. Então parou.

— Dax?

— Não me diga que mudou de idéia. Ela sorriu.

— Não, com certeza que não. Mas estou pensando...

— O quê, Celeste? — Ele esperou, mas, ao ver que ela não dizia nada, levantou-lhe o queixo delicadamente com o polegar para que ela olhasse diretamente para ele. — Diga-me, chère.

— Você... Bem, você trouxe preservativo? Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Trouxe.

Então ela sorriu, mas não olhou nos olhos dele, e Dax achou que sabia por quê.

— Mas... — ele começou a dizer.

— Mas o quê? — ela perguntou.

— Mas se você não quiser usar... não posso imaginar nada melhor que fazer amor sem nada entre nós dois.

Mesmo sob o luar, Dax pôde ver o verde dos olhos dela se intensificar.

— Você quer dizer, só desta vez? Nossa primeira vez?

— Ou está dizendo que... O que você quer, Celeste? — Ele achava que sabia, mas queria ouvir dela.

Ela deu um amplo sorriso.

— Acho que um menino primeiro, mas uma menina também seria ótimo. E, se for menino, quero que o nome seja Ike.

Dax riu desbragadamente.

— Que seja Ike. — Desceu as mãos pelos quadris de Celeste e baixou-lhe a calcinha.

— Sim — sussurrou ela ao sentir os dedos dele deslizando por entre suas dobras para encontrá-la quente, molhada e pronta. — E, se... se for menina — ela continuou, e suas palavras saíram meio rascantes —, será Adeline.

Ela abriu as pernas para lhe oferecer melhor acesso e começou a tirar a calça dele; ao se deparar com sua ereção, acariciou-o com ternura.

— Você sabe — arfou ela — que podemos precisar praticar muito até conseguir o pequeno Ike ou a pequena Adeline. Não quero que você se desencoraje e desista.

— Ah, não se preocupe, chère. Os Vicknair jamais desistem.